

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**AS CERÂMICAS CARENADAS DO POVOADO DA
ESPARGUEIRA (SERRA DAS ÉGUAS, AMADORA).
UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO**

GI SELA DE CARVALHO GUINA DA ENCARN AÇÃO

MESTRADO EM ARQUEOLOGIA

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**AS CERÂMICAS CARENADAS DO POVOADO DA
ESPARGUEIRA (SERRA DAS ÉGUAS, AMADORA).
UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO**

VOLUME 1

GISELA DE CARVALHO GUINA DA ENCARNÇÃO

MESTRADO EM ARQUEOLOGIA

Tese orientada pelo Professor Doutor Victor S. Gonçalves

2010

As cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um contributo para o seu estudo

Resumo	2
Agradecimentos	3
1. Introdução	5
2. Localização do sítio da Espargueira	7
3. Enquadramento geo-morfológico	10
4. Identificação do sítio da Espargueira/Serra das Éguas	13
5. Espargueira e/ou Serra das Éguas	15
6. Trabalhos arqueológicos efectuados	23
6.1. Os trabalhos de Manuel Heleno em 1932	23
6.2. Os trabalhos do Museu Municipal de Arqueologia, de 2003 a 2008	25
6.3. A estratigrafia do sítio identificada nos trabalhos recentes	37
7. Uma visão global do espólio	50
7.1. Primeiras intervenções	50
7.2. Trabalhos arqueológicos 2003 – 2008	55
8. As cerâmicas carenadas	67
8.1. O conjunto em estudo	67
8.2. Metodologia utilizada	70
8.3. Catálogo de formas	72
8.4. As pastas	77
8.5. As decorações	81
9. Cronologia absoluta	88
10. A presença de cerâmicas carenadas em povoados da Península de Lisboa	93
11. Considerações finais	99
12. Referências bibliográficas	101
13. Fontes	106
14. Cartografia	106
Anexos	
1. Pranchas de materiais	
2. Fichas individuais descritivas	
3. Tabela cerâmicas decoradas	

Resumo

A partir do estudo sistemático de 317 fragmentos de cerâmicas carenadas, provenientes de recolhas diversas efectuadas no povoado da Espargueira/Serra das Éguas, localizado no Município da Amadora, Distrito de Lisboa, tentou perceber-se se este tipo cerâmico se enquadrava, efectivamente, no Neolítico final.

Em conjugação com duas datações obtidas por AMS sobre ossos de bovídeos recolhidos em sectores distintos da intervenção efectuada pelo Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, sob coordenação da autora, obtiveram-se os seguintes resultados para o Sector I: 3020-2890 (Cal. BC 2 σ); e para o Sector II: 3340-3010/2970-2960 (Cal. BC 2 σ).

Procedeu-se, igualmente, à análise morfológica deste tipo cerâmico, constatando-se que as carenas, apesar de maioritariamente aplicadas a taças, também o foram noutras tipologias, como vasos e, mais raramente, pratos.

Por último, pretendeu esclarecer-se, através dos dados obtidos em escavação, a existência de apenas um povoado, com dois locais de assentamento distintos mas contemporâneos, ao contrário do proposto pelo seu descobridor.

Palavras-chave: povoado da Espargueira/Serra das Éguas; formas carenadas; Neolítico final.

Abstract

From the systematic study of 317 fragments of carinated ceramics coming from the Espargueira/Serra das Éguas settlement, located in the Municipality of Amadora, Lisbon District, we tried to see if this ceramic type actually fell under, in the late Neolithic period.

In conjunction with two dates obtained by AMS on bovine bones collected in different sectors of the intervention undertaken by the Amadora Municipal Museum of Archaeology, under the coordination of the author, we obtained the following results: from Sector I 3020-2890 (Cal. BC 2 σ); and from Sector II: 3340-3010/2970-2960 (Cal. BC 2 σ).

We also proceeded to morphological analysis of this type of ceramic, noting that the carinated ceramics, although mostly applied to bowls, were also applied to other typologies such as vessels and, more rarely, dishes.

Finally, we intended to clarify, by means of data obtained in the excavation, the existence of only one settlement with two different places, but contemporary, the opposite proposed by its discoverer.

Key words: settlement of Espargueira/Serra das Éguas; carinated ceramicss; late Neolithic.

Agradecimentos

Quando, em 1988, pisei pela primeira vez o vale da Espargueira, local nunca antes visto, apesar de quase ter nascido na Amadora, estava longe de imaginar que, passados 15 anos, iria ter a sorte que outros antes de mim não tiveram, de poder dirigir escavações neste sítio.

Em 23 anos de actividade arqueológica, não bastou o traçar de objectivos, a persistência e a teimosia que me caracterizam; contei com o apoio de muitos outros para os conseguir alcançar.

Começo por agradecer ao António Gonzalez e ao Jorge Miranda a oportunidade de fazer Arqueologia, apesar dos meus 15 anos de idade, por me terem dado a conhecer este e outros sítios arqueológicos da Amadora e me encaminharem no caminho certo da Arqueologia.

Ainda, antes deles, à minha mãe, que sempre me deixou gostar de Arqueologia e nunca achou que abrir “buracos” na terra era coisa só para agricultores.

Aos meus irmãos, que sempre que precisei de “reforços” se voluntariaram para aumentar as equipas, apesar de não ser essa a sua vocação, sobretudo quando, restos humanos eram o principal “condimento”.

Ao meu pai, pelo incentivo de terminar uma tarefa, por ele próprio já ultrapassada, numa idade em que a maioria, já só sonha com descanso.

Ao Jorge Lucas que, por razões que a própria razão desconhece, é meu companheiro de trabalho desde a criação do Museu Municipal de Arqueologia, para os bons e maus momentos e, por ter partilhado as aventuras e desventuras de redescobrir o povoado da Espargueira, desde o primeiro instante, até ao último.

Ao longo dos trabalhos de campo, àqueles que partilharam comigo a responsabilidade de dirigir esta empreitada, ainda que periodicamente, ao Paulo Rebelo e ao Nuno Neto, num momento de maternidade e à Vera Freitas, num ano de grandes avanços.

Ao José Cabrita que nos fez recuar 70 anos, dando-nos a conhecer o Sr. Zé (Macho), antigo trabalhador de Manuel Heleno, que com a sua sabedoria enriqueceu, em muito, aquilo que sabíamos sobre o ano de 1932.

A todos os voluntários que participaram nas diferentes fases, fizesse um calor abrasador, ou mesmo um frio de rachar, como aconteceu em Agosto de 2003, ou Janeiro de 2005.

Na elaboração deste trabalho, que teve início sem saber qual seria o seu fim, ao Director do Museu Nacional de Arqueologia Dr. Luís Raposo e à Dra. Ana Isabel Palma Santos, pela disponibilização de todos os materiais arqueológicos registados com a proveniência de Espargueira e Serra das Éguas, dos cadernos de campo e material fotográfico produzidos por Manuel Heleno para Carenque, em depósito naquele Museu.

Ao Prof. Doutor Victor S. Gonçalves pelas indicações e observações pertinentes dadas no desenrolar desta Dissertação, que lhe coube orientar.

De novo à minha mãe, pelas inúmeras leituras, ao Nuno Neto e Paulo Rebelo pelo esclarecimento constante de dúvidas que, por vezes, eram apenas desabafos.

Ao Rui Boaventura pelas sugestões dadas ao longo da redacção da mesma, sobretudo no que diz respeito às datações absolutas e sua calibração.

À Suzana Rute, que comigo partilhou o regresso à Faculdade de Letras passados 11 anos.

À Margarida Rocha pelo apoio no desenho a lápis de alguns materiais e ao Jorge Lucas, sempre, pelos meses que passou a desenhar parte dos materiais e pela tintagem integral de todos eles, por partilhar comigo ideias que enriqueceram graficamente este trabalho.

À “Chefe” Vanda Santos, que me deu a oportunidade, num momento crítico, de me dedicar a 100% nesta investigação, que também é dela, da Amadora.

Ainda a todos aqueles que de alguma forma consciente, ou inconsciente, contribuíram para a prossecução deste trabalho.

Por fim, mas sempre no topo, ao Pedro que ajudou a segurar as pontas, quando a ordem do dia e da noite era a Arqueologia.

Ao Henrique e à Júlia que, apesar de nem sempre entenderem os “cacos” da mamã, têm orgulho naquilo que ela faz e em determinado momento, talvez por influência do nome latino, houve quem quisesse ser “Aquióliga”.

1. Introdução

O móbil desta Dissertação foi, sem qualquer sombra de dúvida, a constatação de um profundo desconhecimento sobre um sítio arqueológico que, desde a sua descoberta em 1932, passou a constar como referência obrigatória, quando a temática era a pré-história recente da Península de Lisboa, o povoado da Espargueira/Serra das Éguas.

Um sítio quase mítico para quem se dedica a estas questões e, naturalmente, à ocupação humana no actual território do Município da Amadora e cuja relevância a nível regional é incontornável.

A oportunidade surgiu e foi possível ao longo de cinco fases de trabalhos, os quais foram efectuados entre os anos de 2003 e 2008, desmitificar este local e enquadrá-lo, correctamente, num tempo e num espaço, colocando as questões necessárias: Quantos povoados? Onde se localizaram? Quem e quando os ocupou?

Depois de num primeiro momento, se compreender a ocupação do espaço era, necessário, aprofundar aquilo que se sabia sobre a integração crono-cultural deste povoado, que ao longo dos trabalhos arqueológicos se foi tornando evidente; a transição do Neolítico para o Calcolítico, isto é, a passagem do 4º para o 3º milénio a.C..

Como caracterizar o Neolítico final, ou o momento de transição para o Calcolítico, de que forma é possível aproximar os dados arqueológicos àquilo que foi um momento de passagem entre dois milénios e de consolidação de um novo modo de vida baseado na agricultura e na pastorícia?

O ponto de partida poderia ter sido diverso; as tipologias líticas, ou outro tipo cerâmico, como os bordos denteados, objecto de três Teses de Mestrado recentes, o que fez recair a escolha num outro tipo cerâmico, frequentemente utilizado para representar o Neolítico final: as “taças carenadas”.

Mas serão apenas taças? Ou poder-se-á integrar, igualmente, neste grupo, vasos e pratos?

Optando por não rotular uma realidade antes de a conhecer, considerou-se mais adequado intitular esta Dissertação como “As cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um contributo para o seu estudo”, dado que muito ainda está por recolher em trabalhos futuros.

Cada capítulo pretendeu “reconstruir” este sítio arqueológico de forma a que, o espólio em análise formasse um conjunto coerente e com sentido, apesar das diferentes origens que estiveram por trás da sua recolha, apoiados por gráficos, fotos e tabelas, sempre que tal se justificou.

Um primeiro grupo, de carácter mais genérico, permite a sua localização geográfica e os acessos, actuais, para o mesmo (Capítulo 2), bem como o seu enquadramento geo-morfológico (Capítulo 3) que justifica, muitas vezes, os motivos que levaram uma determinada comunidade a escolher um local específico para habitar ou exercer uma qualquer actividade.

O momento da descoberta e a primeira interpretação do sítio são dados essenciais para a compreensão do mesmo, sobretudo quando esta decorreu 71 anos antes dos trabalhos sistemáticos efectuados pelo Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, sob coordenação da autora deste estudo, abordado no Capítulo 4.

Estaremos na presença de um ou dois povoados? Também aqui as incertezas eram inúmeras que impunha esclarecer, e é disso que se ocupa todo o capítulo 5 e se esclarece no capítulo 6, com a descrição, não só dos trabalhos efectuados por Manuel Heleno mas, sobretudo, dos trabalhos mais recentes, onde foi possível reconhecer uma estratigrafia que se descreve e interpreta.

Importava, ainda, saber que outros materiais eram provenientes do sítio e perceber que relação teriam com as cerâmicas carenadas, aspecto focado no Capítulo 7, com a divisão de leitura entre as primeiras intervenções e as recolhas actuais.

O capítulo dedicado ao estudo específico das cerâmicas carenadas foi subdividido em cinco partes que constam da caracterização da amostra em análise, da metodologia utilizada para essa caracterização, um catálogo de formas, os resultados obtidos na observação das pastas e as decorações presentes.

Ao plano inicial foi acrescentado um capítulo sobre a cronologia absoluta (10), consciente da sua necessidade para a aferição de cronologias finas, que só com o estudo das cerâmicas *per si* não é suficiente, e que a meio do trabalho foi possível concretizar, pela datação por AMS de duas amostras.

Finaliza-se o mesmo com a tentativa de contextualização desta realidade no âmbito dos povoados da Península de Lisboa, objecto de publicação.

Em anexo, foram colocadas as pranchas com a representação gráfica de todos os materiais em análise, bem como oito pranchas respeitantes a alguns materiais ilustrativos do espólio recolhido neste povoado; as fichas descritivas das cerâmicas carenadas; e uma tabela com todas as cerâmicas decoradas.

2. Localização do sítio da Espargueira

O sítio com vestígios arqueológicos da pré-história comumente designado por povoado da Espargueira/Serra das Éguas localiza-se no Distrito de Lisboa, Município da Amadora, freguesia da Mina, Lugar da Serra da Silveira, numa elevação sobranceira à povoação de Carenque e à Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico Manuel Heleno.

Reconheceram-se, até ao momento, duas zonas de ocupação que, segundo a folha 416 – Sintra (1992), da Carta Militar de Portugal (Esc. 1:25.000), cujas coordenadas UTM são 29S MC 7841 9170 e 29S MC 7850 9200, enquanto a altimetria média, para os dois pontos referidos, é de 170 m e 218 m, respectivamente.

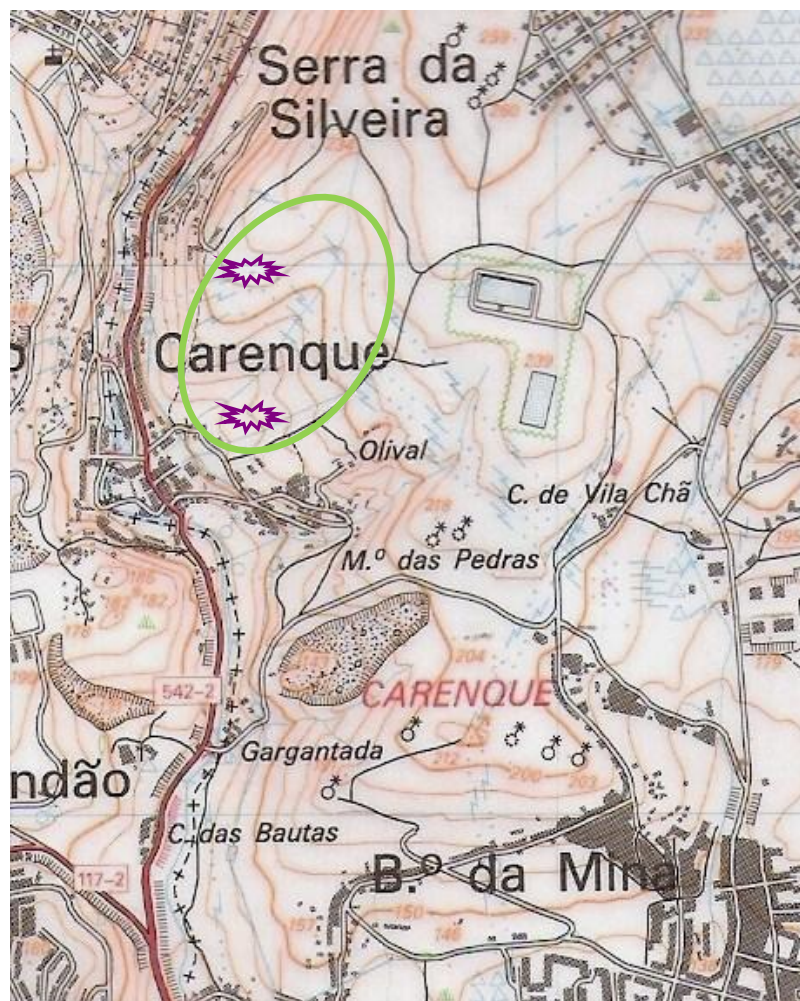




Fig. 1 - Carta Militar de Portugal, Folha 416 (Sintra), Esc. 1:25.000, 1992

-  Área inicial de interesse arqueológico
-  Áreas com vestígios preservados

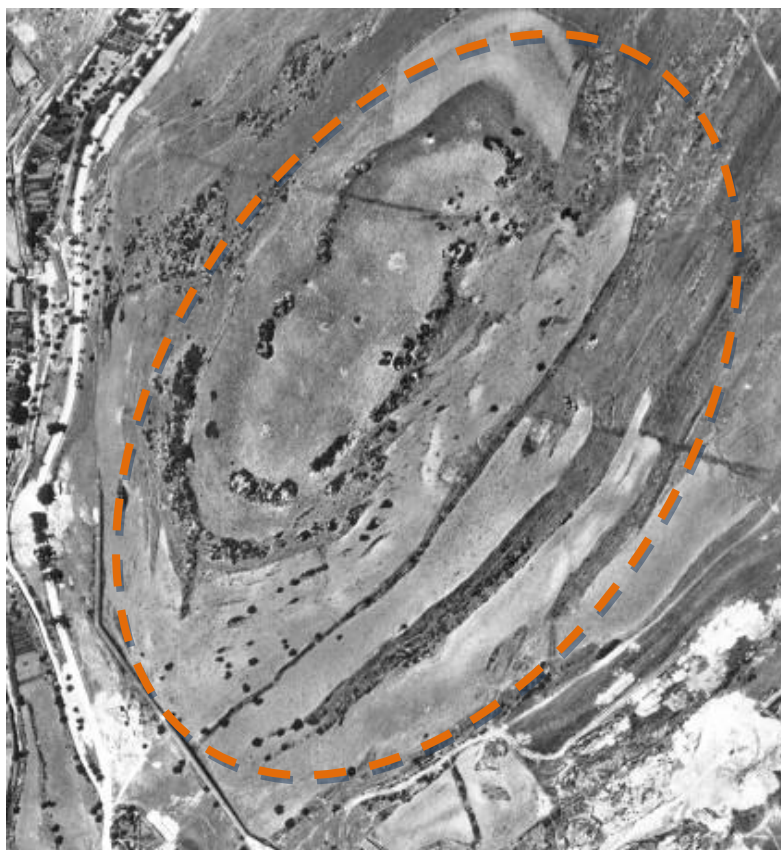


Fig.2 - Levantamento Aerofotográfico Estereoscópico de Cascais-Oeiras, rolo 44.04, Fiada 22, 1944



Área total objecto de estudo

O acesso a este sítio é feito pela Rua do Arco, na povoação de Carenque, ou pela via municipal junto da Necrópole de Carenque.

Foi um território marcadamente agrícola, sobretudo para o cultivo do cereal, que o caracterizou, incólume ao urbanismo até aos inícios do século 21 quando foram construídas as primeiras vias municipais que abriram caminho à descaracterização deste espaço, pela construção imobiliária.

3. Enquadramento geo-morfológico

O substrato local é de natureza calcária, encontrando-se implantado em solos calcários margosos surgindo, igualmente, calcários com rudistas e calcários cristalinos na composição da gruta objecto de intervenção.

“O substrato local é essencialmente constituído por uma sequência de rochas calcárias que compreende, maioritariamente, calcários e calcários margosos pertencentes ao Albiano-Cenomaniano inferior e médio (identificadas como C2AC, na Carta Geológica de Portugal, 1991), sobrepostas por calcários com Rudistas e *Neolobites vibrayenus*, localmente cristalinos, e pertencentes ao Cenomaniano superior (identificadas com C3C na mesma Carta Geológica).

As diáclases presentes nos calcários potenciaram o desenvolvimento de formas cársticas como campos de lapiás e pequenas grutas e algares, como a pequena gruta identificada na área de estudo e já objecto de trabalhos arqueológicos, na campanha de 2003, em especial nos calcários do Cenomaniano superior, quando estes se apresentam cristalinos” (segundo Ricardo Ramalho *in* Encarnação, 2008, p.2-3).

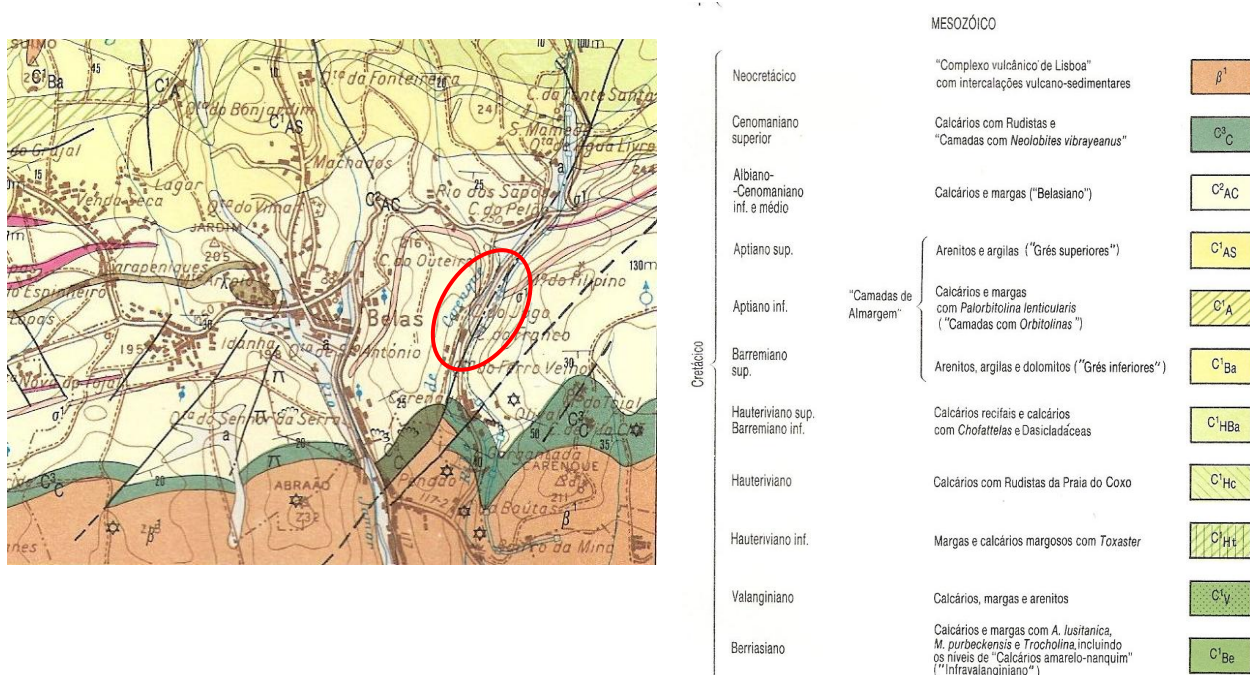


Fig. 4 - Carta Geológica de Portugal, Folha 34-A (Sintra), Esc. 1:50.000, 1991

A sul do povoado localiza-se a Ribeira de Carenque, com caudal todo o ano e que seria alimentada, no Inverno, por duas linhas de água que correm no fundo do vale da Espargueira, onde foram sendo depositadas, ao longo do tempo, as terras do topo.

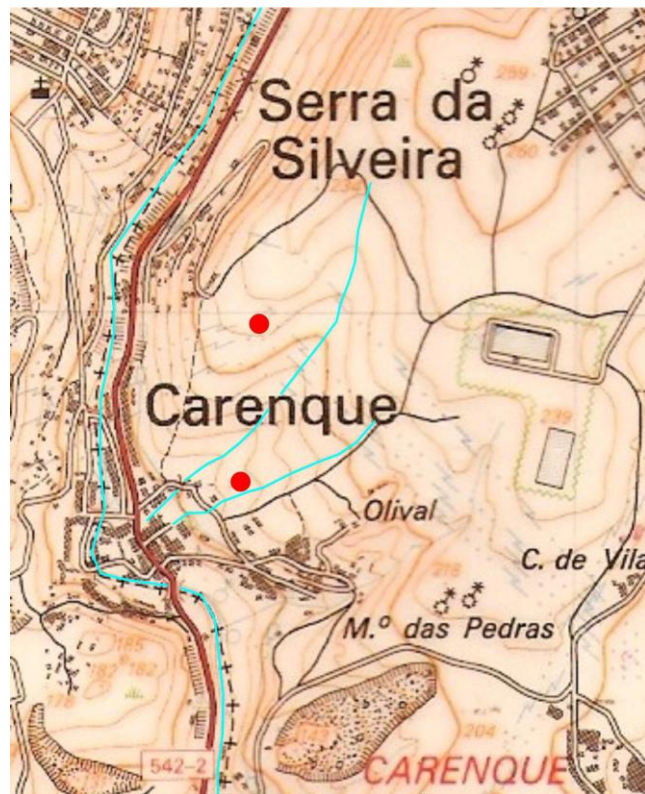


Fig. 5 - Localização das linhas de água nas proximidades do povoado

Na Carta Agrícola e Florestal de 1969, esta zona é dada como inculta, estando na Carta de Capacidade de Uso do Solo de 1995, o mesmo caracterizado como de classe De e Ee, ou seja, solos com erosão e escoamento superficial, não susceptíveis de utilização agrícola e com grandes limitações para pastagens.



Fig. 6 - Carta Agrícola e Florestal, Folha 416, Esc. 1:25.000, 1969

4. Identificação do sítio da Espargueira/Serra das Éguas



Fig. 8 - Localização do vale da Espargueira/Serra das Éguas na
“Planta do Aqueduto desde as Nascentes até à Porcalhota”, [séc. 18]

O sítio arqueológico da Espargueira/Serra das Éguas foi identificado em 1932, por Manuel Heleno, no seguimento dos trabalhos arqueológicos que efectuou na Necrópole das Baútas e nas grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque), mais comumente designadas de Necrópole de Carenque, numa tentativa de localizar a zona de habitat das populações que construíram e utilizaram estas Necrópoles.

Segundo o próprio: “Durante os meses de Maio e Junho de 1932 procedi a escavações numa povoação pré-histórica existente em Carenque. Nenhuma tradição existia sobre ela, mas fui levado a procura-la pela abundância de sepulcros da região: grutas artificiais de Vila Chã, ossuário da Serra das Bautas, dolmen do Alto de Belas, etc.” (Heleno, 1932, Cad. n.º4, p.2).

Este arqueólogo identificou, durante os trabalhos de campo, dois núcleos distintos que considerou dois povoados, a que designou de Espargueira e Serra das Éguas, tendo recolhido materiais arqueológicos diversos e cronologicamente diferenciados em cada um dos locais.

A publicação sobre estes povoados, pelo seu descobridor, apenas foi feita de forma sumária no âmbito da edição dedicada às *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, em 1933, levantando algumas questões, quer sobre o tipo de vestígios preservados quando afirma “Para Este da Ribeira os terrenos vão subindo, e por tôda essa encosta, pelo vale formado por esta e

pela Serra das Éguas se encontram restos abundantes de habitações, se acham abundantes provas da existência de povoados prèhistóricos.” (Heleno, 1933, p.7), quer do género de trabalhos arqueológicos efectuados, quer ainda sobre a metodologia empregue, bem como da real localização dos mesmos.

Desde a sua descoberta e até 2003, apenas foram efectuadas prospecções, no vasto terreno, que compreende os dois povoados acima referidos e alguns estudos de materiais que pouco contribuíram para o esclarecimento das diversas questões levantadas pela descoberta de 1932. Mostraram, antes, a necessidade de se efectuarem trabalhos arqueológicos sistemáticos, tendo em vista o entendimento da ocupação deste espaço.

5 - Espargueira e/ou Serra das Éguas

Como já foi referido, os elementos publicados por Manuel Heleno, responsável pela identificação da importância arqueológica da elevação situada a Noroeste da povoação de Carenque, foram bastante escassos, limitando-se a algumas referências ao longo do texto dedicado às suas descobertas no Tojal de Vila Chã.

Sem mapas de localização publicados, com cadernos de campo de acesso possível só muito recentemente e, igualmente, sem qualquer tipo de dados de localização precisos, várias foram as localizações propostas por diversos autores, bem como a distinção entre o povoado da Espargueira e o da Serra das Éguas.

Os primeiros arqueólogos que propuseram uma localização cartográfica para estes povoados foram José Arnaud e Teresa Gamito (1972, p.120-122), no âmbito do seu trabalho sobre o povoado das Baútas, a propósito da localização numa carta “dos principais povoados neo- e eneolíticos da península de Lisboa” (p.120), como se verifica nos dois mapas apresentados.



Fig. 9

- 1 – Serra das Baútas
- 2 – Serra das Éguas
- 3 - Espargueira

(segundo Arnaud e Gamito, 1972, p.122)

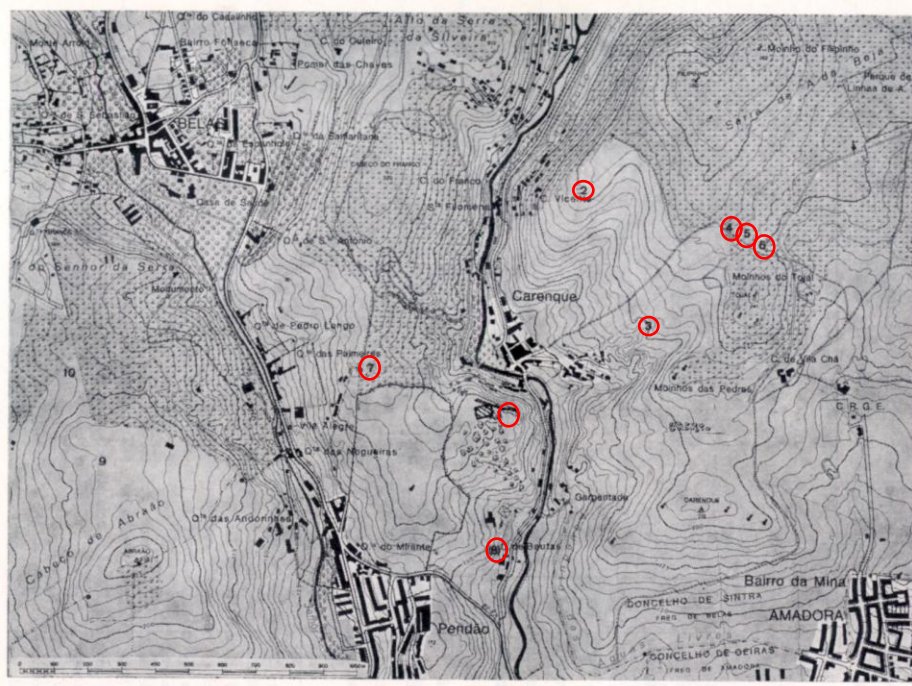


Fig. 10 - 1 – Povoado da Serra das Baútas; 2 – Povoado da Serra das Éguas; 3 – Povoado da Espargueira;
4,5,6 – Grutas Artificiais do Tojal de Vila Chã; 7 – Galeria coberta da Estria; 8 – Necrópole das Baútas
(segundo Arnaud e Gamito, 1972, p.122)

Logo no ano seguinte, Manuel Leitão, Thomas North e O. da Veiga Ferreira (1973) realizam o estudo de parte dos materiais que o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcelos possuía nas suas reservas provenientes da “Serra da Espargueira”. Este estudo é publicado sob o título “O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas)”, no entanto, a designação de Manuel Heleno para os povoados por ele identificados, é Espargueira e Serra das Éguas, como ainda se encontram inventariados no Museu Nacional de Arqueologia, denotando-se ,aqui, alguma confusão relativa ao espólio que realmente estudaram.

Mais uma vez, a proposta de localização separa, geograficamente, os dois sítios (Fig.1) e define o povoado da “Serra da Espargueira” como um “povoado com fundos de cabana” (p.143).

Não tendo, os autores, sido responsáveis por qualquer tipo de trabalhos arqueológicos no local e referindo que “O material pré-histórico que trazemos agora a público foi colhido há anos pelo pessoal do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcelos sob a direcção do falecido Prof. Manuel Heleno...” (p.143), entende-se que esta referência se deve a uma interpretação das palavras de Manuel Heleno quando menciona a existência de restos de habitações nestes povoados (Heleno, 1933, p.7).

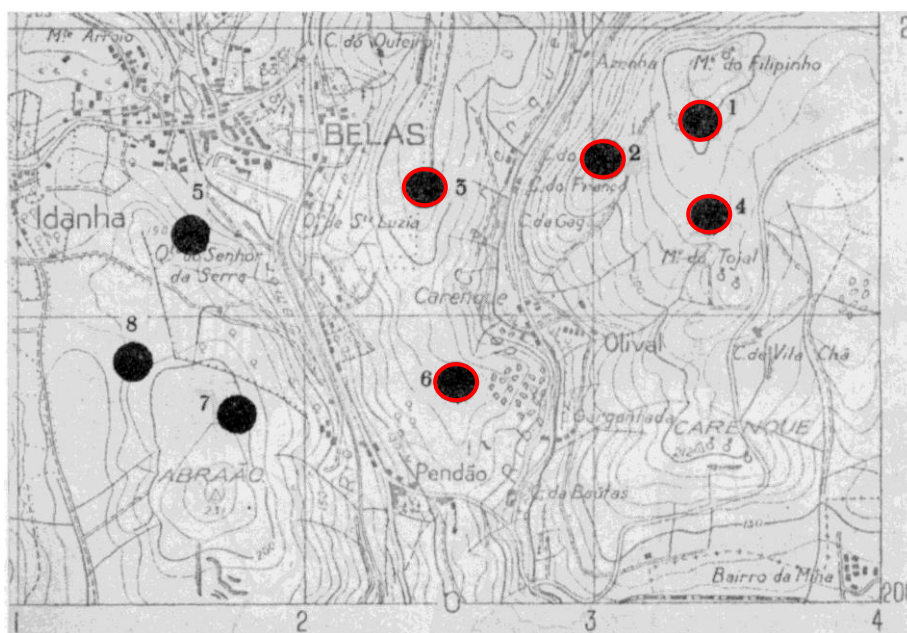


Fig. 11 - 1 – Povoado da Serra das Éguas; 2 – Povoado da Serra da Espargueira ou da Silveira; 3 – Galeria coberta de Carenque; 4 – Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, 6 – Necrópole da Serra das Baútas (segundo Leitão, North e Ferreira, 1973, Fig.1)

Nos anos posteriores, diversos foram os estudos efectuados que, de algum modo, referiram estes sítios arqueológicos, como é o caso de João Ludgero Gonçalves (1979, p.14), o qual analisa os povoados Neolíticos e Calcolíticos com estruturas, da Península de Lisboa, incluindo no seu estudo os povoados da Serra das Éguas e da Espargueira, localizando-os de forma distinta como se pode observar no mapa publicado por este arqueólogo (Fig.12), assinalando a existência de estruturas, em ambos, mas que não foram registadas pelo seu descobridor.

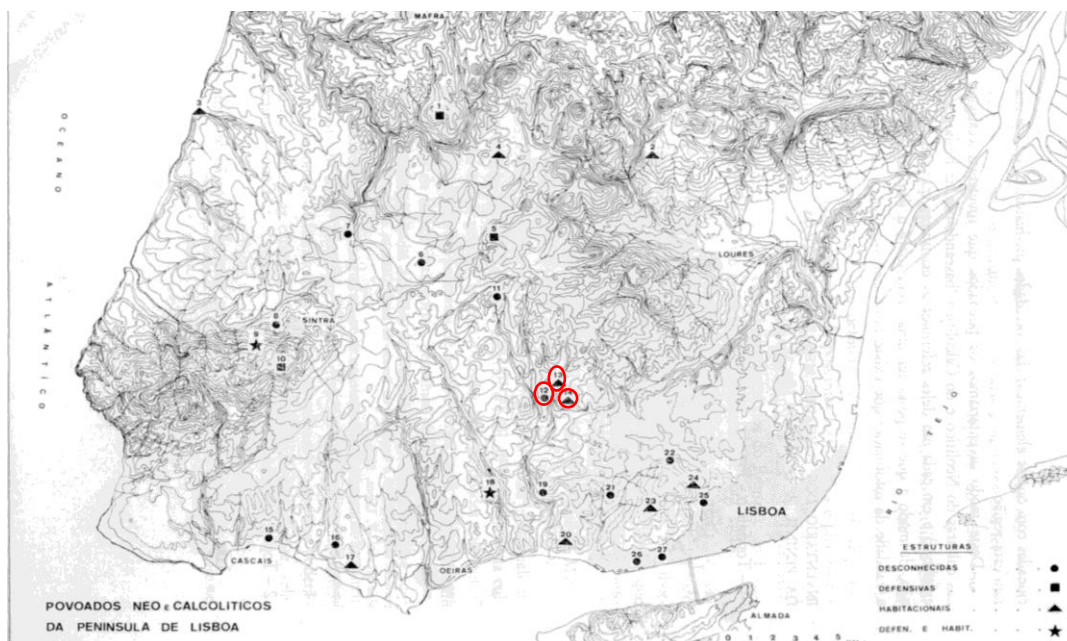


Fig. 12 - 12 – Serra das Baútas; 13 – Serra das Éguas; 14 – Espargueira (segundo Gonçalves, 1979, Fig.1)

Em 1980, Susana Correia faz uma abordagem económica respeitante ao povoamento Calcolítico da Estremadura Portuguesa localizando, igualmente, estes dois povoados como sendo dos mais representativos, entre os 28 que escolheu localizar (1980, p.3).

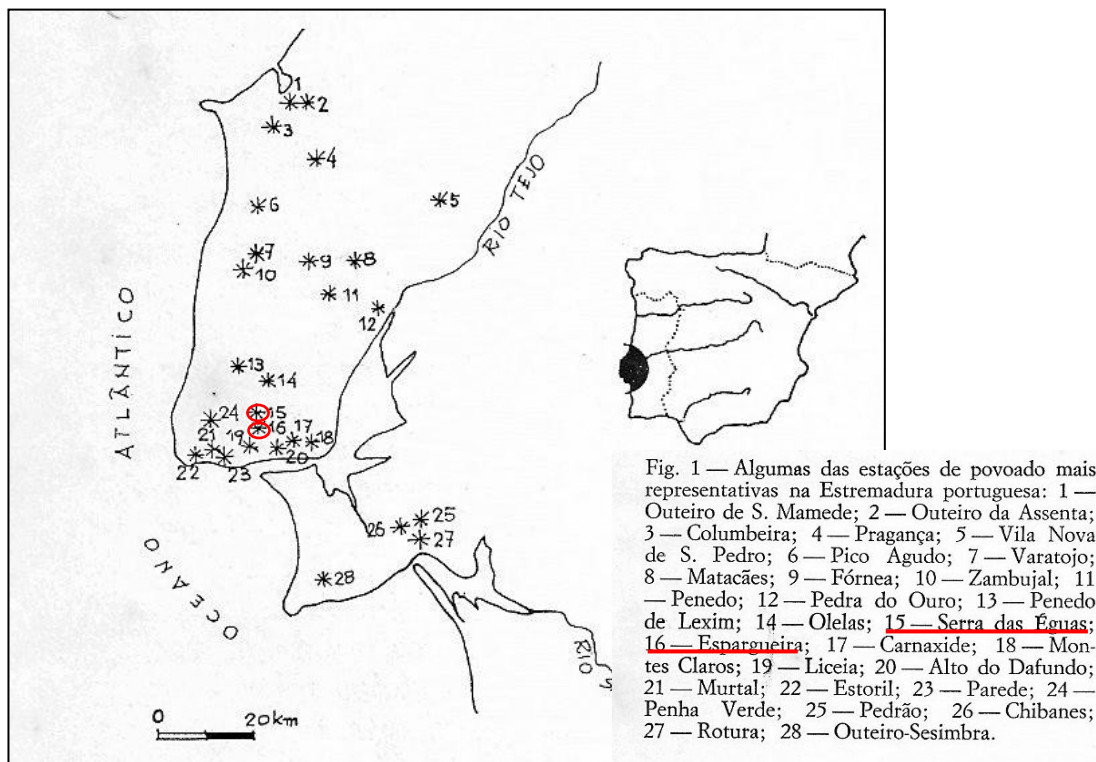


Fig. 13 - (segundo Correia, 1980, p.3)

Com a publicação, em 1999, da Carta Arqueológica da Amadora, foi efectuada uma sistematização dos dados conhecidos, obtidos na prospecção contínua deste terreno, propondo-se a existência de apenas um povoado, ao contrário do defendido por Manuel Heleno e perpetuado desde então, justificando-se a existência de duas áreas com materiais devido a fenómenos naturais e antrópicos, dando a ilusão de dois sítios distintos, “... estamos em crer que ambas [Espargueira e Serra das Éguas] consistem em zonas com elevadas concentrações de materiais arqueológicos, sobrantes de um extenso povoado, cujos materiais de superfície na sua dispersão pelo declive do terreno seguiram orientações distintas ditadas pela morfologia do terreno. Por esta razão, consideramos mais correcto englobar os dois núcleos sob a designação genérica de Espargueira/Serra das Éguas” (Miranda et al, 1999, p.21).

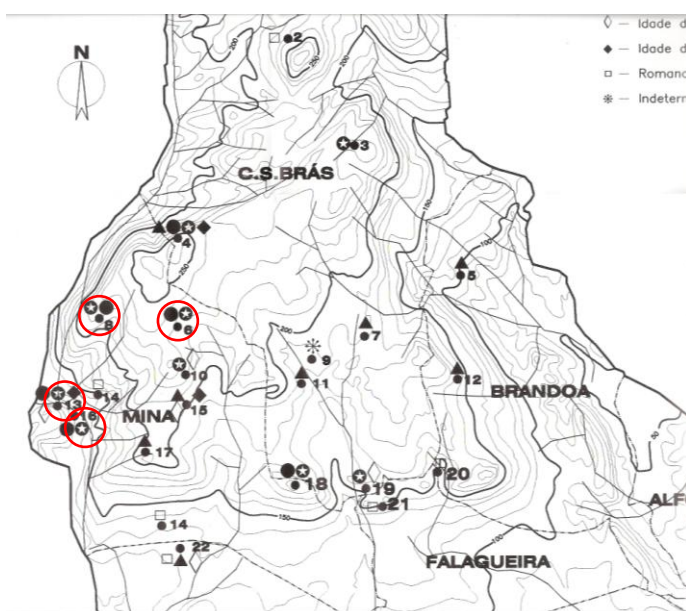


Fig. 14 - 6 – Necrópole de Carenque; 8 – Espargueira/Serra das Éguas; 13 – Baútas – povoado; 16 – Baútas - Necrópole (segundo Miranda et al, 1999, mapa anexo)

Apesar da proposta constante na Carta Arqueológica da Amadora e de se terem iniciado os primeiros trabalhos de escavação sistemática em 2003, no âmbito do estudo de minimização de impactos desenvolvidos pelo Museu Municipal de Arqueologia da Amadora neste sítio arqueológico, o mesmo continuou a surgir na literatura como correspondendo a dois sítios distintos e com novas propostas de localização.

Neste âmbito, e a propósito do estudo da utilização do osso na pré-história, incidindo no espólio existente no Museu Nacional de Arqueologia, Clara Salvado estuda dois fragmentos de osso, um marcado como sendo da Espargueira e outro da Serra das Éguas, verificando que estes colam entre si (2004, p.107); no entanto, continua a localizar dois sítios arqueológicos, apesar de no artigo publicado nas Actas do IV Encontro de Arqueologia Urbana concluir “Trata-se de uma zona vasta, com uma ocupação extremamente prolongada no tempo, talvez com uma preferência localizada, mais próxima da ribeira ou mais afastada, numa zona de maior visibilidade, em determinadas épocas da vida do povoado, mas pela mesma população.” (2003, p.48).

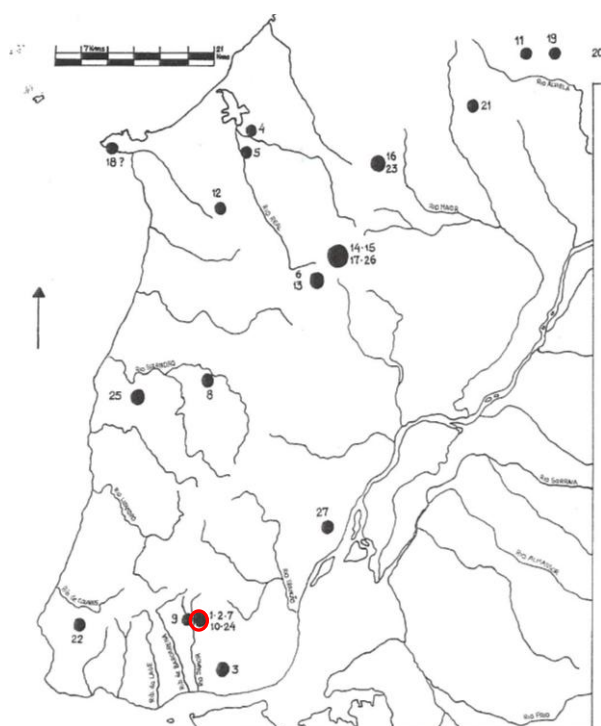


Fig. 15

1 – Espargueira
2 – Moinhos da Serra
7 – Serra das Éguas
24 – Serra das Baútas
(segundo Salvado, 2003, p.48)

Neste mesmo ano, Victor Gonçalves e colaboradores, a propósito do estudo das placas de xisto gravadas de duas necrópoles localizadas no território da Amadora, referem os povoados do Neolítico e Calcolítico que se encontram nas imediações das necrópoles das Baútas e de Carenque, apresentando um mapa com a localização, entre outros, da Espargueira e da Serra das Éguas (2004, p.120).

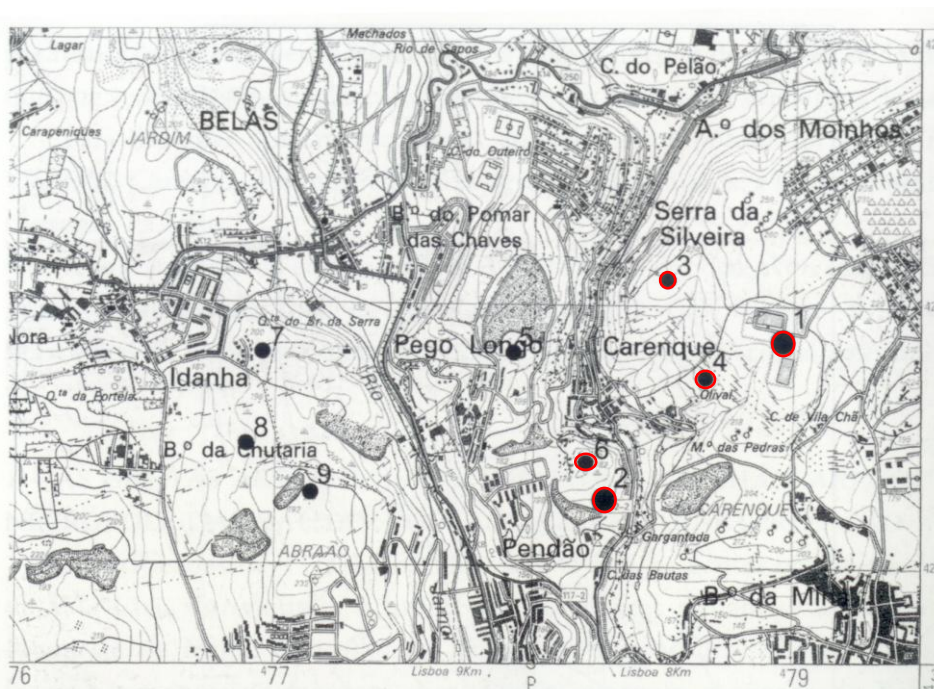


Fig. 16 - 1 – Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã; 2 – Necrópole das Baútas; 3 - Povoado da Serra das Éguas;
4 - Povoado da Espargueira; 6 – Povoado das Baútas
(segundo Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004, p.48)

Tendo o estudo de minimização de impactos, como um dos principais objectivos a localização concreta do povoado da Espargueira/Serra das Éguas impunha-se, naturalmente, com trabalhos arqueológicos no terreno o esclarecimento efectivo da existência de um ou dois povoados.

Logo no ano de 2003, no final da 1ª campanha de sondagens que se centrou em três zonas do terreno, verificou-se, por um lado, a inexistência de qualquer vestígio arqueológico em parte do mesmo cujo substrato se encontrava praticamente à superfície; por outro, a presença de materiais arqueológicos no leito da ribeira, como se verificava nas diversas prospecções efectuadas; e por último, na área designada por Manuel Heleno de Serra das Éguas, uma ocupação integrável no Neolítico final/Calcolítico inicial, à semelhança do defendido por este arqueólogo.

No entanto, quando em campanhas posteriores se alargou a área de intervenção, tendo em vista a identificação da zona de ocupação do Calcolítico final, onde teriam em 1932 sido recolhidos os materiais campaniformes, e em prospecção pela ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora e pelo Museu Municipal de Arqueologia, na zona da Espargueira, verificou-se que as poucas cerâmicas campaniformes recolhidas estavam roladas, eram de pequena dimensão e o seu surgimento limitava-se à superfície e a contextos de revolvimento.

Quanto aos restantes materiais que surgiram em contextos cujo espólio estava exclusivamente adstrito à pré-história, eles enquadravam-se crono-culturalmente no Neolítico final/Calcolítico inicial surgindo, esporadicamente, algumas cerâmicas com decoração campaniforme no topo do contexto 2.

Pela análise global dos dados obtidos, nas 5 fases de trabalhos efectuados neste sítio arqueológico, que decorreram entre 2003 e 2008, com um total de 56 sondagens efectuadas correspondentes a uma área de 204 m², consideramos estar, apenas, perante um povoado integrado no Neolítico final/Calcolítico inicial, que ocupou dois espaços fisicamente distintos da elevação em forma de ferradura, sobranceira à povoação de Carenque um, na Serra das Éguas e outro, na Espargueira, ao contrário da explicação subscrita pela autora na Carta Arqueológica da Amadora, antes da realização das campanhas de sondagens.

Em termos cronométricos, ainda não é possível perceber se os dois locais foram ocupados em simultâneo, ou em momentos diferenciados; ou, se factores preferenciais estiveram por trás da escolha de um dos espaços, em detrimento do outro e vice-versa; ou, se tendo sido ocupados em simultâneo, não corresponderiam a dois grupos distintos dentro da mesma comunidade.

Problemáticas que serão dificilmente respondidas, uma vez que os vestígios identificados na Serra das Éguas são bastante escassos e correspondem a uma deposição secundária fortuita que permitiu a conservação dos materiais recolhidos, sendo quase impossível, pela análise dos dados já obtidos, a existência de outro espaço com evidências preservadas.

Quanto à Espargueira, novos dados poderão ser recolhidos no futuro, dado o potencial estratigráfico e arqueológico que tem evidenciado, não só pelo inúmero espólio recolhido, mas sobretudo pela identificação de parte da base de uma cabana de forma oval com espólio associado, o que permitirá aferir da existência de outras estruturas habitacionais preservadas e com esta relacionadas.

As diferentes fases desenvolvidas, que decorreram entre 2003 e 2008, serão apresentadas no capítulo referente aos trabalhos arqueológicos, para melhor compreensão das reflexões agora expostas.

6. Trabalhos arqueológicos efectuados

6.1 Os trabalhos de Manuel Heleno em 1932



“Durante os meses de Maio e Junho de 1932 procedi a escavações numa povoação pré-histórica existente em Carenque” (Heleno, Cad. n.º4, p.1).

Foto 2 - Manuel Heleno, Necrópole de Carenque, Arquivo MNA

Como já foi referido, pouca foi a informação deixada pelo Arqueólogo Manuel Heleno respeitante aos trabalhos arqueológicos realizados em 1932 sob sua orientação, na zona de Carenque. Estes, incluíram intervenções em necrópoles, como a das Baútas e de Carenque, e em povoados, como o da Espargueira e Serra das Éguas.

Daí, que os trabalhos desenvolvidos, posteriormente a esta data, careceram de informação essencial para o seu bom andamento e compreensão do local.

Só muito recentemente, com a aquisição pelo Museu Nacional de Arqueologia dos cadernos de campo escritos por este Arqueólogo, a propósito das referidas intervenções, foi possível ter uma ideia mais precisa do tipo de trabalhos efectuados e das realidades identificadas.

No entanto, e apesar da informação fornecida por esta documentação, até então inacessível, ela possui imensas lacunas, que por vezes aumentam as dúvidas e não contribuem com nenhuma resposta devido à inexistência de qualquer planta de localização do sítio, nem das sondagens efectuadas, ou desenho de campo e de apenas existirem duas fotografias dos trabalhos.

A intervenção efectuada nos povoados da Espargueira e Serra das Éguas não foi a primeira que este Arqueólogo levou a cabo na região de Carenque. Aqui se estreou com a descoberta acidental da Necrópole das Baútas, em Fevereiro de 1932 “Por indicação do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos fui no dia 14 de Fevereiro de 1932 ver um local... O local referido fica na serra de Baútas...”(Heleno, 1932, Cad. n.º1, p.2).

Só após escavações na referida necrópole e na de Carenque, com as suas três grutas artificiais, (em 1935 identifica uma quarta, mas afastada das primeiras. “A gruta está situada na vertente da serra que vai para a estrada do lado de Vila Chã, perto da cova das Brancas (a poente desta)” (Heleno, Cad. s/nº, Out. e Nov. 1935, p.1) e por inexistência de qualquer povoado conhecido,

identificou, através de prospecção, o que procurava, “Entre as grutas do Tojal e as Bautas – na Espargueira e Serra das Éguas encontrei vestígios abundantes da residência ali das populações pré-historicas”, (Heleno, Cad. 4, p.2) tendo aqui efectuado trabalhos nos meses de Maio e Junho de 1932, naquilo que considerou serem dois povoados.

Depreende-se pelos dados fornecidos, quer pelo Caderno de Campo, quer pelas fotografias, quer ainda pelo testemunho de um dos seus trabalhadores locais, com o qual tivemos oportunidade de trocar impressões que, Manuel Heleno procedeu a sondagens arqueológicas em diversas zonas, não se limitando à prospecção do terreno; no entanto, o registo arqueológico produzido foi muito escasso.

A informação estratigráfica corrobora a hipótese anterior “Os objectos encontravam-se numa camada de terra negra de altura variável entre um e dois metros.” (Heleno, Cad. 4, p.6).

A localização precisa destes dois sítios, a que Manuel Heleno faz corresponder duas cronologias distintas, não nos foi transmitida, apenas existem localizações de proximidade que não permitem aferir com precisão os locais de intervenção, passados quase 80 anos: “na Espargueira e em toda a Serra das Eguas as escavações incidiram contudo no vale situado entre o Altinho da Fonte dos Porcos e a Serra das Eguas, e neste apenas em dois pontos: Na Espargueira...e no vale que de leste para oeste corre entre a Serra das Eguas e a Fonte dos Porcos. Foi neste ultimo ponto que se fizeram as principais escavações...” (Heleno, Cad. 4, p.1-2).

Cronologicamente, considera o povoado da Serra das Éguas o mais antigo, com materiais Paleolíticos e do Neolítico final/Calcolítico inicial, com bordos denteados, entre machados e furadores em sílex e a Espargueira, no Calcolítico final, com abundância de cerâmica campaniforme, segundo o mesmo: “A povoação mais antiga deverá ficar na Serra das Eguas. Desta teria descido para a Espargueira. É o que a comparação da cerâmica autoriza a concluir” (Heleno, Cad. 4, p.9).



Fotos 3 e 4 - Aspecto dos trabalhos arqueológicos realizados por Manuel Heleno em Maio/Junho de 1932, Arquivo MNA

Nas poucas referências que faz, conclui-se que considera, tanto a Espargueira como a Serra das Éguas, dois povoados importantes para o conhecimento da pré-história do nosso território, em associação com as duas necrópoles que se localizam nas suas proximidades e com as quais estariam relacionadas, pela comparação do espólio recolhido.

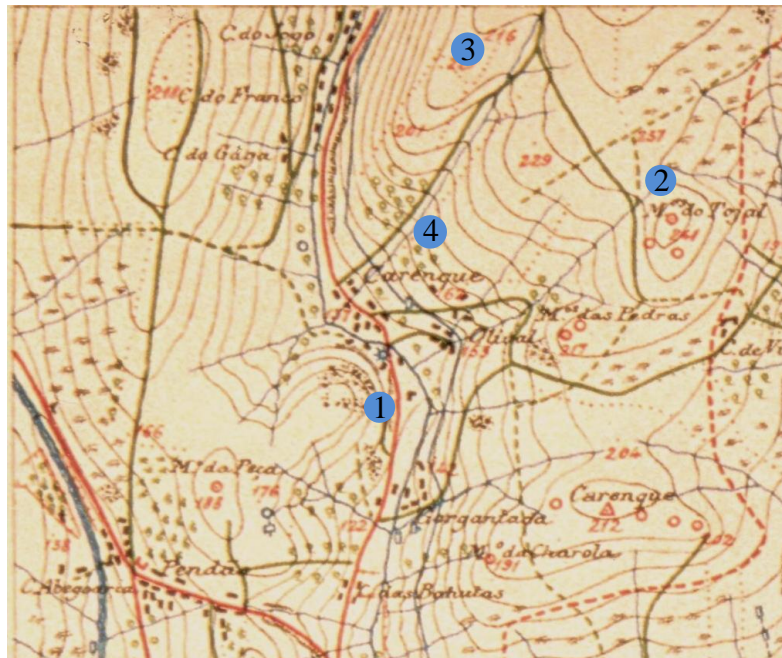


Fig. 17 - Carta topográfica de 1931, com a localização dos sítios identificados por Manuel Heleno

1 – Necrópole das Baútas; 2 – Necrópole de Carenque; 3 – Povoado da Serra das Éguas; 4 - Povoado da Espargueira

6.2. Os trabalhos do Museu Municipal de Arqueologia (Amadora), de 2003 a 2008

Desde a descoberta dos povoados da Espargueira e da Serra das Éguas, pelo Arqueólogo Manuel Heleno, que diversas foram as tentativas para aprofundar o conhecimento sobre o espaço outrora ocupado por comunidades pré-históricas na região de Carenque. Estas foram feitas no intuito de conhecer, de modo mais concreto, a sua localização, o modo de ocupação, que vestígios preservava e a sua relação com as necrópoles pré-históricas das imediações.

No entanto, devido a uma série de factores, alheios aos seus intervenientes, estes trabalhos limitaram-se, na maioria das situações, a estudos sumários de parte do espólio, ou a recolhas de superfície.

Apenas no ano de 2003, foi possível ao Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, sob coordenação da autora, iniciar trabalhos arqueológicos no sítio a que Manuel Heleno atribuiu a existência de dois povoados pré-históricos, o da Espargueira e o da Serra das Éguas.

Esta possibilidade não se deveu ao acaso, nem à persistência em estudar o sítio, cujas tentativas foram feitas por diversas vezes, mas à necessidade de efectuar estudos de minimização

de impactos, devido à pretensão de urbanizar este território, que tinha como área de interesse arqueológico inicial 203 mil m².

Ao longo dos anos de estudo do povoamento do território da Amadora, levados a cabo por diversos investigadores onde se inclui a autora e no que diz respeito a este sítio específico, diversas foram as questões colocadas e que só com a intervenção arqueológica no terreno poderiam ser respondidas:

1. a localização do(s) povoado(s);
2. a existência de um ou dois povoados;
3. a existência de estruturas preservadas;
4. a integração crono-cultural.

No que diz respeito ao primeiro ponto, e como referido anteriormente, foram variadas as propostas de localização do(s) povoado(s), não só devido à falta de informação veiculada por Manuel Heleno, mas também pela própria dimensão do terreno, e pela existência de marcas da presença humana espalhadas um pouco por toda a área, com focos de concentração identificados ao longo dos anos de reconhecimento do sítio.

Quanto ao segundo ponto, e apesar da sistematização proposta na Carta Arqueológica da Amadora, esta baseava-se no conhecimento superficial do terreno e não em dados estratigráficos modernos, pelo que não passava de mais uma hipótese em aberto que carecia de confirmação e que não foi adoptada por todos os autores.

O terceiro ponto era o que mais dúvidas suscitava, uma vez que a fraca potência estratigráfica que o terreno aparentemente possuía, verificada na análise dos diversos cortes existentes, parecia não permitir a preservação de qualquer tipo de estruturas. Os diferentes registos publicados, quer por Manuel Heleno “restos de habitações” (1933, p.7), quer por Manuel Leitão “fundos de cabana” (Leitão *et al*, 1973, p.143), são dúbios, levando a diversas interpretações.

Com a leitura do Caderno de campo, mais dúvidas surgiram quanto à natureza das estruturas descobertas, julgamos tratar-se do próprio afloramento rochoso, propício à formação de placas direitas e rectilíneas como o próprio indica “Por baixo desta terra havia nalguns sítios lajões (cascões no dizer local) a formar pavimento e assentes sobre barro amarelo. Entre eles, nas juntas, cascalho e endur”. Quanto ao muro referido pelo mesmo investigador “Tambem se encontrou um muro a formar angulo recto, espécie de canto de casa.” (Heleno, Cad. 4, p.6-7), não deverá estar associado à ocupação pré-histórica, dada a sua particular morfologia.

Quanto ao último ponto, as interpretações cronológicas, retiradas pelos achados de superfície, apontavam para a existência de duas ocupações humanas do local, à semelhança do que acontecia com a Necrópole de Carenque; de uma primeira ocupação do Neolítico final /

Calcolítico inicial e de uma segunda do Calcolítico final com horizonte campaniforme e que imperava esclarecer.

Na fase prévia ao trabalho de campo, propriamente dito, foi feita a leitura exhaustiva dos cadernos de campo do Arqueólogo Manuel Heleno, respeitantes às intervenções efectuadas na zona de Carenque, com especial incidência para as realizadas na Espargueira e na Serra das Éguas, tendo em vista perceber os trabalhos que aí havia efectivamente realizado, a localização das áreas intervencionadas e que interpretação tinha dos dados obtidos. Fez-se, igualmente, pesquisa ao material gráfico e fotográfico produzido pelo mesmo, que se encontra em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, consultou-se a bibliografia publicada sobre o sítio e os diversos trabalhos académicos efectuados.

Os resultados obtidos com a leitura do caderno de campo serviram, inicialmente, para diferenciar no terreno a Espargueira e a Serra das Éguas de Manuel Heleno e, posteriormente, com o recurso a uma das fotografias, localizar uma área de sondagens. Quanto à restante informação, ela em pouco contribuiu para o andamento dos trabalhos, uma vez que apenas referia localizações por aproximação e com designações de topónimos em desuso.

Dada a dimensão do terreno e da sua interpretação pela leitura do mencionado Caderno de Campo, optou-se por dividi-lo em 4 Sectores (I a IV):

Sector I – Sudeste da linha de água que corre no fundo do vale da Espargueira (correspondendo à Espargueira de Manuel Heleno);

Sector II – Topo e vertente Nordeste da Serra das Éguas, a Noroeste da linha de água que corre no fundo do vale da Espargueira (correspondendo à Serra das Éguas de Manuel Heleno);

Sector III – Vale da Espargueira;

Sector IV – Topo Nordeste da linha de água, já afectado pela rede viária municipal.

Os trabalhos arqueológicos decorreram entre Julho de 2003 e Setembro de 2008, ao longo de 5 fases que não concluem o estudo sobre o local, apenas o iniciam de forma sistemática e com metodologias actuais.

As cinco fases foram conduzidas de modo diferenciado, estando relacionadas tanto com o tipo de vestígios identificados, como com a organização do trabalho do Museu, quer ainda da necessidade de conhecer melhor a área para disponibilização urbanística.

Os objectivos propostos foram evoluindo com a progressão dos trabalhos ao longo das diferentes fases:

1ª Fase

1. Esclarecer a existência de ocupação humana numa pequena gruta nas proximidades do povoado da Espargueira/Serra das Éguas, até ao momento [2003] sem qualquer trabalho arqueológico, mas com referências orais “à descoberta de materiais semelhantes aos da Necrópole de Carenque”;
2. Identificar áreas preservadas do povoado da Espargueira / Serra das Éguas, descoberto em 1932, por Manuel Heleno;
3. Minimizar o impacto de futuras urbanizações, com projecto entregue na Câmara;

2ª Fase

1. Identificar possíveis áreas preservadas;
2. Delimitar a área arqueológica;
3. Localizar a zona da ocupação campaniforme;

3ª Fase

1. Confirmar a deposição secundária dos materiais pré-históricos recolhidos na sondagem C, do Sector II;
2. Identificar possíveis espaços preservados nas imediações da sondagem C, do Sector II;
3. Esclarecer se os materiais pré-históricos recolhidos na sondagem I, do Sector I, intervencionada na 2ª fase dos trabalhos, se relacionavam com a localização próxima de um local primário de assentamento do Neolítico final/Calcolítico inicial favorecido pela existência de uma plataforma nesta zona do fundo do vale;
4. Clarificar se o contexto 3 desta sondagem, o qual evidenciou características artefactuais distintas de todos os outros identificados, estaria relacionado com uma ocupação do Neolítico médio;

4ª Fase

1. Tendo em conta os resultados obtidos ao longo da 3ª fase de intervenção, no Sector I, deste povoado, tornou-se indispensável a abertura de mais duas sondagens entre as sondagens H, I e J do Sector I, de forma a compreender a concentração de materiais nesta zona, que poderia estar relacionada com um espaço preservado do povoado;
2. Perceber se, se justificava a médio prazo, a escavação em área desta zona do povoado;

5ª Fase

1. Confirmar a existência de estruturas pré-históricas preservadas, que o alinhamento identificado em 2006 fazia supor, e a sua associação com materiais *in situ* que, a confirmar-se, seria a única área que se teria preservado deste extenso povoado e conhecida no Município da Amadora.

A primeira fase dos trabalhos decorreu entre 1 de Julho e 8 de Agosto de 2003, num total de 29 dias (Encarnação e Rebelo, 2003), e centrou-se no Sector I, com a marcação de 7 sondagens (A a G), numa área extensa e nas zonas onde o terreno apresentava menor erosão e, consequentemente, maior potência estratigráfica, bem como numa pequena gruta natural onde se supunha a existência de ocupação humana semelhante à das necrópoles envolventes, com a marcação de duas sondagens.

Alargou-se ainda a área de intervenção, nesta fase, ao Sector II, com a marcação de uma sondagem (A), no início da plataforma da Serra das Éguas e de outra (D), no interior de um carrasco, de forma a averiguar se a existência destes carrascos em zonas específicas do terreno estariam relacionadas com concentrações de matéria orgânica resultantes de uma ocupação anterior do local.

O Sector IV coincidia com uma área anteriormente objecto de acompanhamento por parte da equipa do Museu Municipal de Arqueologia, no âmbito da construção de uma via municipal e por isso já conhecida, tendo sido objecto da marcação de apenas uma sondagem (A), em zona aparentemente pouco afectada pela referida via.

Nesta fase, os resultados foram obtidos pela ausência de evidências. Em todas as sondagens verificou-se a inexistência de vestígios de ocupação humana pré-histórica do local, com excepção de muito raros e rolados fragmentos de cerâmica, de pequenas dimensões e de fragmentos de sílex incaracterísticos, que no caso das sondagens dos Sectores I e II, possuíam o substrato geológico praticamente à superfície.

No que diz respeito à gruta, verificou-se que esta era de formação recente, bem como os vestígios de ocupação que continha, todos integráveis no século 20. Quanto à Sondagem A, do Sector IV, confirmou-se a ausência de qualquer espólio, à semelhança do que tinha acontecido nos trabalhos de acompanhamento realizados para a abertura de via municipal (Encarnação, 2001, p. 3-4).

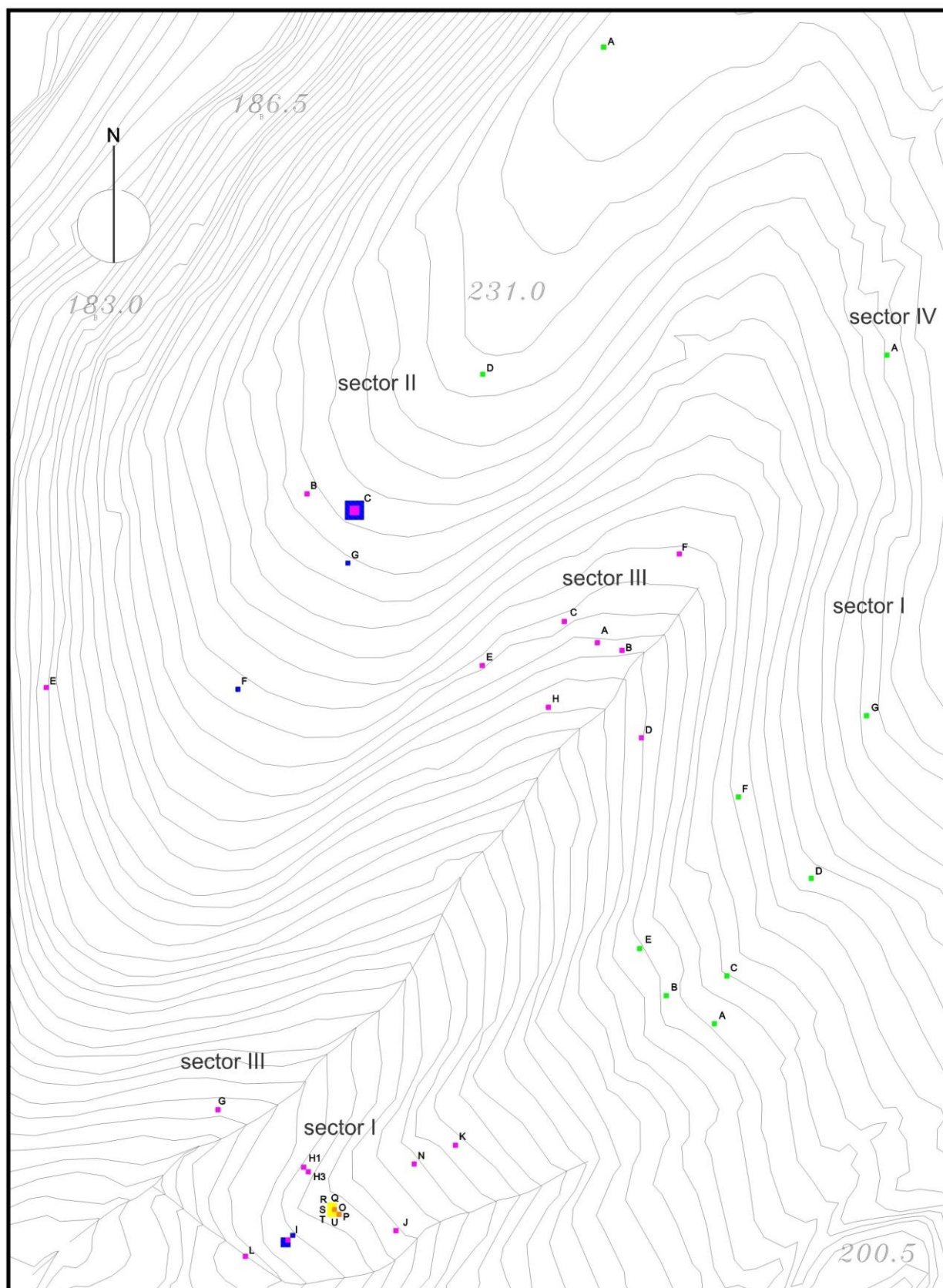


Fig. 18 – Localização das sondagens por Sectores e Fases de escavação

1ª Fase (Green square) 2ª Fase (Pink square) 3ª Fase (Blue square) 4ª Fase (Orange square) 5ª Fase (Yellow square)

A completa ausência de vestígios arqueológicos quer à superfície, quer em estratigrafia nesta área dos Sectores I, II e IV, levantou diversas hipóteses:

- a. a inexistência de povoamento no local;
- b. a existência de povoamento, que por acção da prática agrícola atestada até ao início do século 20, teria feito desaparecer qualquer prova da sua presença, incluindo a terra vegetal;
- c. a existência de povoamento, que por acção da erosão dos solos, levada a cabo por factores naturais, teria arrastado consigo, não só todos os vestígios da presença humana pré-histórica, mas também o próprio solo;
- d. a existência de povoamento, que por acção conjunta de factores humanos e naturais, teria eliminado os vestígios arqueológicos.

Para responder a algumas das hipóteses levantadas, tornava-se necessário abrir sondagens quer noutras áreas do terreno, quer nas vertentes, quer ainda por outras zonas dos Sectores I e II, pelo que foi marcada a Sondagem C, no Sector II e as Sondagens A e B, no Sector III.

A sua escavação marcou o início da segunda fase dos trabalhos, devido ao surgimento de evidências inequívocas de ocupação humana pré-histórica nestes locais. Esta fase decorreu de forma descontínua tendo acontecido entre 11 de Julho de 2003 e 1 de Fevereiro de 2006, num total de 99 dias de trabalho (Encarnação e Freitas, 2006a).

No Sector II, quando se procedia à escavação da Sondagem C, verificou-se o que aparentava ser uma deposição secundária de materiais arqueológicos em relativa abundância, correspondentes a uma ocupação do Neolítico final/Calcolítico inicial, numa pequena depressão existente no substrato calcário, pelo que se alargou a intervenção em redor da referida sondagem, com a abertura de mais três sondagens (C2, C3 e C4), de 2x2m, orientadas a norte.

Na tentativa de identificar outros locais com indícios de ocupação semelhantes, dadas as características do terreno, abriram-se, ainda, neste Sector as Sondagens B e E, esta última para esclarecer a época de construção de uma estrutura, de alvenaria de pedra, identificada durante os trabalhos de prospecção, que se verificou, afinal, pertencer a um momento indeterminado do século 20.

Com o objectivo de compreender a articulação entre as prováveis zonas habitadas e os vestígios existentes no vale, recolhidos ao longo de diferentes prospecções, tendo em conta a quase total ausência de vestígios de ocupação no topo do cerro, quer na área do Sector I, quer do Sector III, foram abertas oito sondagens (A a H) nas duas vertentes da linha de água, de modo faseado, à medida que se iam obtendo os dados.

A abertura da Sondagem H ocorreu no ano de 2005 após aquisição, por parte da Câmara Municipal da Amadora, de cópias das fotografias tiradas por Manuel Heleno, em 1932. Com a obtenção destas fotografias, foi possível identificar o lugar exacto de parte dos trabalhos realizados por este Arqueólogo, devido à sobrevivência de uma oliveira, no local. Foi marcada uma sondagem nas suas proximidades, mas não revelou resultados diferentes dos obtidos até àquele momento.

Estes trabalhos permitiram aferir áreas ocupadas pelas populações pré-históricas, que se encontravam completamente estéreis de informação arqueológica, e propor um mapeamento desta ocupação que, de outro modo, não seria perceptível dada a quase ausência de solo em determinadas zonas, provocada quer pela intensa agricultura, quer pela inclinação do terreno mais exposto aos agentes naturais, tendo sido possível eliminar algumas das hipóteses inicialmente levantadas para a explicação da ausência de dados.

Sabendo, à partida, que os materiais existentes no vale correspondem à deposição dos solos provenientes do topo desta elevação em forma de ferradura, conseguiu perceber-se, através da escavação e das suas diversas sondagens (A a H), que um dos locais de assentamento deste povoado se encontraria na área altimetricamente superior à Sondagem F, provavelmente tanto no seu lado Oeste, como Este.

Tendo como outro dos objectivos definidos para estes trabalhos, o da identificação da área de ocupação campaniforme, foram marcadas novas sondagens no Sector I, num total de sete (H, H3; I, J, K, L, M), em Janeiro de 2006, à excepção das H e J (2005), numa pequena plataforma onde, à superfície, tinham sido recolhidos abundantes elementos de moinhos manuais e cerâmicas campaniformes, segundo indicação oral de António Gonzalez e registado na prospecção efectuada previamente aos trabalhos, em Julho de 2003, apenas no que diz respeito aos moinhos manuais.

Também à superfície, tinham sido recolhidos fragmentos desta cerâmica próximo da Sondagem G, do Sector III, o que levou à abertura da mesma. Durante a sua escavação, foi registada, em estratigrafia, a presença de cerâmicas campaniformes, embora escassa e fragmentada, à mistura com outros materiais de épocas anteriores.

No decorrer dos trabalhos do Sector I, foi obtida informação diferenciada nas sete sondagens abertas, apresentando todas elas, no entanto, uma potência estratigráfica muito superior às escavadas na primeira fase e com maior evidência arqueológica.

Destas, destacou-se a Sondagem I, quer pela potência estratigráfica referida, que aqui atingiu cerca de 1 m, quer pelo número de contextos identificados (3), quer ainda pela quantidade de materiais cerâmicos e líticos pré-históricos atribuíveis ao Neolítico final/Calcolítico inicial, no

Contexto 2, e ainda à possível presença de materiais cerâmicos de uma fase imediatamente anterior, num terceiro contexto.

Estes resultados levaram ao repensar do sítio arqueológico, ao modo de ocupação do espaço e quem o ocupou; nomeadamente ao questionar da existência efectiva de uma fase de ocupação do Calcolítico final, com horizonte campaniforme, bem como à necessidade de interpretação de dois sítios, aparentemente contemporâneos, mas localizados em zonas opostas do povoado e de características dissemelhantes.

A zona da Serra das Éguas, que como o próprio nome indica, se encontra num ponto elevado, com uma altitude média de 218 m, permite um bom domínio da paisagem e possibilita que uma das suas vertentes seja uma área de defesa natural para o povoado.

Quanto à Espargueira, localiza-se, actualmente, numa área de vertente, com uma altitude média de 170 m, mas que pelos resultados obtidos sabemos que seria mais aplanada na fase de construção do povoado, sem qualquer domínio da paisagem e sem condições naturais de defesa, encontrando-se bastante mais exposta que a Serra das Éguas.

Este repensar marcou o início da 3ª fase de trabalhos que decorreu de 22 de Fevereiro a 27 de Abril de 2006, num total de 26 dias (Encarnação e Freitas, 2006b) e centrou-se no Sector I com o objectivo de perceber se a sondagem I equivaleria a um local primário de assentamento e se o contexto 3 corresponderia a uma fase de ocupação do Neolítico médio; no Sector II, tendo em vista corroborar a hipótese levantada para as sondagens C do mesmo, como uma deposição secundária dos materiais recolhidos, através do alargamento desta sondagem em todos os seus sentidos e verificar se haveria outras áreas semelhantes, como já tinha sido referido.

Com a escavação das Sondagens I1, I4, I5 e I6, do Sector I, não se verificou qualquer diferença estratigráfica relativamente à Sondagem I, aberta na 2ª fase; apenas a Sondagem I1 se diferenciou das restantes, pela quantidade e estado de conservação dos diversos tipos de materiais recolhidos, o que poderia indicar uma maior proximidade desta sondagem do local de instalação das populações que utilizaram os artefactos recolhidos.

Não foram, portanto, observadas quaisquer evidências primárias relativas à ocupação pré-histórica da zona. No entanto, continuou a registar-se um fraco rolamento dos artefactos, o que indicava que estes não teriam sofrido um longo transporte até à sua deposição final nesta área, o que levantou a hipótese de a referida zona de ocupação se encontrar entre as Sondagens I, J e H, apontando para uma nova área de intervenção.

No que diz respeito à distinção artefactual observada entre os contextos 2 e 3 e que importava esclarecer nesta fase, esta sugeria uma possível diferenciação cronológica entre os dois estratos. No entanto, verificou-se que o conjunto dos materiais recolhidos se enquadra no Neolítico

final/Calcolítico inicial, não sendo possível, com a informação recolhida, atribuir a estas duas realidades, períodos cronológicos distintos.

No Sector II procedeu-se à escavação das sondagens C5 a C16, num total de 12, apresentando todas, um primeiro contexto com escassos materiais arqueológicos, à semelhança do que já tinha ocorrido na 2ª fase.

Com o alargamento da área de escavação destas sondagens, foi possível confirmar que o contexto 2, que só surge em 7 delas, apresentava uma grande quantidade de material arqueológico datado do Neolítico final/Calcolítico inicial e correspondia, de facto, a uma deposição secundária de materiais e que os mesmos se tinham acumulado numa pequena depressão do substrato, possivelmente pouco tempo depois do abandono do povoado, não se tendo identificado qualquer estrutura, positiva ou negativa, que enquadrasse estes materiais.

Para além desta realidade, a abertura de outras sondagens (F e G) na sua envolvente, confirmou a inexistência de outros indícios de ocupação pré-histórica desta área mais elevada do cerro, como já se tinha constatado nas sondagens A, B e D.

Uma vez que os resultados obtidos no Sector I, ao longo da 3ª fase de trabalhos, não foram conclusivos e colocaram a hipótese da existência de uma área preservada entre as sondagens I, J e H, programou-se uma 4ª fase que teve início ainda no ano de 2006, e decorreu entre 3 de Julho desse ano e 26 de Janeiro de 2007, num total de 21 dias (Encarnação, 2007).

Neste âmbito, foram abertas duas sondagens, a O e a P, com 2x2m, orientadas a norte, de acordo com a metodologia anteriormente definida para os trabalhos.

Com a intervenção nestas duas sondagens verificou-se, num primeiro momento, que corresponde à escavação do primeiro contexto, a similitude com as sondagens escavadas na 3ª fase; no entanto, as diferenças começaram a verificar-se quando foi atingido o segundo contexto.

Na sondagem O as cerâmicas apresentavam-se pouco roladas e de maiores dimensões, com alguma frequência os fragmentos colavam entre si, tendo surgido um globular com 39 fragmentos, não sendo esta situação tão comum na sondagem P.

Outro aspecto que diferencia o contexto 2 destas duas sondagens, está relacionado com a grande frequência de pedra calcária de média e grande dimensão, interpretada como o resultado da destruição das estruturas pré-históricas existentes nesta área, pela lavoura intensa que se fez sentir ao longo do tempo.

Foi ainda, na sondagem O, identificado um alinhamento de pedras calcárias não aparelhadas, de origem antrópica e cronologicamente integrável no Neolítico final/Calcolítico inicial, tendo em conta os contextos que o envolviam, uma vez que na estruturação do alinhamento não foram recolhidos quaisquer materiais arqueológicos.

Como resultado da identificação deste alinhamento de pedras, que sugeria tratar-se de uma estrutura preservada naquele local, tornava-se evidente a necessidade de uma nova intervenção, tendo em vista não só a sua definição, como a sua caracterização, o que levou à programação de uma nova fase.

A 5ª fase de trabalhos decorreu entre 16 de Junho e 16 de Setembro de 2008, num total de 29 dias (Encarnação, 2008), onde se pretendia perceber se o alinhamento, posto a descoberto, correspondia a uma estrutura pré-histórica preservada e verificar a sua associação com materiais *in situ*.

Deste modo, foram abertas inicialmente 5 sondagens (Q, R, S, T e U), em torno das sondagens O e P, mas rapidamente se percebeu que para interpretar as novas realidades reconhecidas seria necessário a escavação em área, o que levou à interrupção da escavação nas sondagens Q e R, até ser possível reunir as condições necessárias para a intervenção em área, dada a sua natural destruição ao longo do processo de escavação.

Apesar desta opção, com a intervenção nas sondagens S, T e U foi possível confirmar a existência efectiva de parte de uma estrutura pré-histórica preservada *in situ*, com espólio associado, do Neolítico final/Calcolítico inicial, que pela sua forma e técnica construtiva, indicam a presença de uma cabana de forma oval, que só com uma intervenção em área naquele espaço se poderá compreender de modo mais completo.

Avaliando os resultados obtidos nas diferentes fases de intervenção, que tiveram início em 2003, foi possível restringir grandemente a área com vestígios arqueológicos preservados e perceber os espaços ocupados no Neolítico final/Calcolítico inicial, pelo que se considera terem sido reunidos os elementos necessários para propor a existência de apenas um povoado integrável no Neolítico final/Calcolítico inicial, com dois espaços de habitat ocupados, que se designou de Espargueira/Serra das Éguas.

Relativamente ao povoamento do Calcolítico final, cujos vestígios à superfície foram referenciados por Manuel Heleno “Na Espargueira que deu loiça de ornamentação igual à campaniforme...” (Heleno, 1933, p.3) surgem, nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, com as referências Espargueira (15 fragmentos) e Serra das Éguas (35 fragmentos). Também nas prospecções da ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora e do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, eles são provenientes da zona mais baixa do vale.

Dado o estado de fragmentação e rolamento de todas as cerâmicas referidas e as raras cerâmicas com decoração campaniforme recolhidas nos trabalhos recentes (2003/2008), que se restringem à superfície e a uma sondagem do Sector III (G) e ao contexto 1 e início do contexto 2 de algumas sondagens do Sector I, isto é, sempre associadas a contextos de revolvimento

(modernos e pré-históricos), não é possível atribuir uma área específica à ocupação do Calcolítico final, visto que os materiais desta cronologia derivam, na sua totalidade, da escorrência de terras de zonas mais elevadas do cerro.

Tendo em conta o exposto, coloca-se a hipótese de não ter havido uma ocupação deste período, neste espaço, mas que os materiais sejam provenientes de um outro povoado, o Casal de Vila Chã Norte (Miranda et al, 1999, p.24-26) localizado nas imediações da Necrópole de Carenque e que, pela acção da natureza e do próprio homem, tenham sido transportadas para os referidos locais.

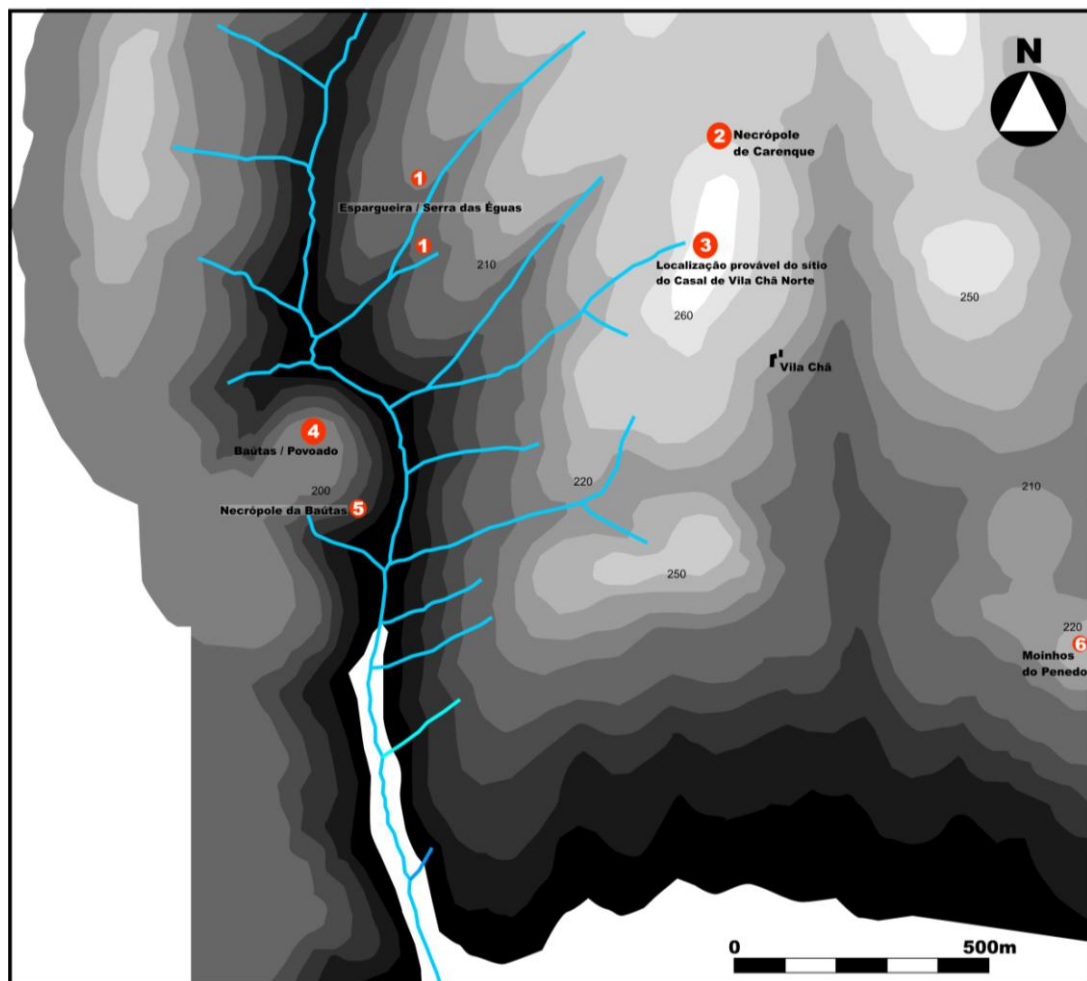


Fig. 19 - Implantação de alguns povoados e Necrópoles em torno do povoado da Espargueira/Serra das Éguas
Carta elaborada com base na Carta dos Arredores de Lisboa, 1898)

6.3. A estratigrafia do sítio identificada nos trabalhos recentes

Ao longo das diferentes fases de intervenção, foram identificados contextos distintos, cuja numeração sequencial foi feita por Sondagem e por Sector, uma vez que se procedia à sua escavação em simultâneo.

Apresenta-se, deste modo, a sequência estratigráfica reconhecida e a sua interpretação, sempre que possível, em agrupamentos de sondagens para uma leitura facilitada. Todas as referências às cores dos solos, indicadas na estratigrafia, correspondem à tabela de Munsell (*Munsell Soil Color Charts*), na sua edição de 1994 (*revised edition*).

Sector I

Contexto 1

Este contexto é resultante da actividade agrícola do local e da erosão natural do terreno, atribuindo-se a sua formação a um momento impreciso do século 20. Surgem pequenas diferenças de coloração e espessura, bem como na quantidade e qualidade dos materiais arqueológicos recolhidos.

Sondagens	Contexto 1
A, B, C, D, E, F, G	Composto por terra, calcários rolados de muito pequenas dimensões e raros de médias dimensões, fósseis e raros materiais arqueológicos. Apresentava textura arenosa, consistência pouco compacta e cor castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>), quando seca. Os materiais arqueológicos resumem-se a fragmentos de cerâmicas pré-históricas muito diminutos e rolados e os materiais líticos, em sílex, a pequenos fragmentos na sua maioria incaracterísticos. Encontra-se assente no substrato.
H1, H3	Composto por terras de textura arenosa e pouco compactas, de cor castanha escura avermelhada (5YR/3/2, <i>dark reddish brown</i>), com frequentes pedras calcárias de pequenas dimensões. Este contexto, continha alguns materiais pré-históricos, como cerâmica e sílex, bem como outros de cronologia mais recente (cerâmica e pregos em ferro). Na Sondagem H3, surge maior quantidade de material de cronologia recente, como cerâmica de construção e vidrada. Na H1 encontra-se assente no substrato.
I, I1, I4, I5, I6, O, P, Q, R, S, T, U	Composto por terras de tonalidade castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>), de textura argilosa, compactas e com pedras de pequena e média dimensão de frequência moderada. Os materiais arqueológicos recolhidos correspondem na sua maioria a cerâmica de cronologia moderna/contemporânea (cerâmica de construção, comum, vidrada e faiança e a alguns líticos (lascas, núcleos e restos de talhe de sílex).
J	Compõe-se de terras de tonalidade castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>), de textura arenosa, compactas e com pedras de pequenas dimensões de frequência moderada. Os materiais arqueológicos recolhidos neste contexto caracterizam-se, na sua maioria, por serem cerâmica de cronologia moderna/contemporânea (cerâmica de construção e vidrada), alguma cerâmica pré-histórica (queijeira) e por alguns líticos (núcleos de sílex, dois elementos de foice denticulados em sílex), destacando-se a presença de um ceitel e de uma agulha em liga de cobre.
K	Composto por terras de textura arenosa, compactas, de cor castanha escura amarelada (10YR/4/4, <i>dark yellowish brown</i>) e com pedras de pequena dimensão muito frequentes. Os materiais arqueológicos eram bastante escassos, apenas algumas cerâmicas de cronologia moderna/contemporânea (cerâmica de construção, comum e vidrada) e raros sílexes. Assenta directamente no substrato.
L	Possui terras compactas, argilosas e de tonalidade castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark</i>

	<i>yellowish brown</i>), contendo pedras de pequena e média dimensão de frequência moderada. Os materiais arqueológicos apresentavam, de igual forma, uma frequência moderada, tendo-se recolhido cerâmica moderna/contemporânea (cerâmica de construção, comum, azulejos) e cerâmica pré-histórica. Destaca-se, neste último grupo, a presença de três bojos de cerâmica campaniforme com decoração incisa. Os líticos compunham-se por núcleos, lascas, restos detalhe e furadores em sílex, bem como um fragmento de pedra polida, correspondente provavelmente a um machado.
M	Terras de textura argilosa, compacta e de tonalidade vermelha (2.5YR/5/6, <i>red</i>). Continha raras pedras de pequena dimensão e escassos materiais arqueológicos, maioritariamente de cronologia recente e alguns pré-históricos. Assenta directamente no substrato.

Contexto 2

Deverá ter sido formado num momento indeterminado, provavelmente relacionado com a escorrência de terras e materiais de áreas não muito distantes desta zona baixa do vale da Espargueira, provenientes do abandono do povoado construído no Neolítico final/Calcolítico inicial que aqui existiu e que, ao longo do tempo, por acções diversas, se foi confundindo com o terreno. Contém, exclusivamente, materiais pré-históricos.

Sondagens	Contexto 2
H3	Terras de textura arenosa e pouco compactas, de cor castanha escura avermelhada (5YR/3/2, <i>dark reddish brown</i>), com bastantes pedras calcárias de pequena dimensão, cujos materiais arqueológicos são exclusivamente pré-históricos, como taças carenadas e taças de bordo simples e lascas, núcleos e restos de talhe em sílex. Encontra-se assente no substrato.
I, I1, I4, I5, I6, O, P, Q*, R, S, T, U	<p>Terras de tonalidade castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>), de textura argilosa, compacta e com grande quantidade de pedras de pequena dimensão e médias de frequência moderada.</p> <p>Os materiais pré-históricos são exclusivos e a cerâmica manual é frequente, dominando no inventário as taças carenadas, os bordos denteados e os recipientes de bordo simples, como taças e esféricos, enquanto os recipientes com mamilos são minoritários no conjunto. Nos líticos denota-se uma maior diversidade tipológica, destacando-se as lascas, lâminas, furadores e pontas de seta em sílex, para além de utensílios em pedra polida. Destaca-se a recolha de vários artefactos em osso, nomeadamente dois cinzeiros, um alfinete de cabelo e furadores, bem como um fragmento de peso de tear cerâmico e uma conta de colar em anfíbolito polido. A fauna mamalógica surge com alguma frequência.</p> <p>O espólio da Sondagem I1 diferencia-se das restantes, no que diz respeito à sua quantidade, o que poderá indicar a proximidade desta zona do local de instalação das populações que utilizaram estes artefactos. Na Sondagem O esta diferença verifica-se ao nível da dimensão e pouco rolamento dos fragmentos cerâmicos.</p> <p>Apresenta-se nas Sondagens I5 e I6 com uma espessura menor do que nas restantes, acompanhando o declive natural do terreno.</p> <p>* Apenas se diferencia por apresentar cor castanha escura amarelada (10YR/4/6, <i>dark yellowish brown</i>).</p>
J	Contexto composto por terras de consistência pouco compacta, com alguma frequência de pedras de pequena e média dimensão, apresentando cor castanha escura avermelhada (5YR/3/3, <i>dark reddish brown</i>). A cerâmica é abundante e apenas de produção manual (taças carenadas e fragmentos amorfos), os materiais líticos são menos frequentes e caracterizam-se por serem em sílex (lâminas, núcleos, restos de talhe e furador).
L	Possui terras compactas, argilosas e de tonalidade castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>), contendo bastantes pedras de pequena dimensão. Os materiais arqueológicos são exclusivamente de cronologia pré-histórica, mas de frequência moderada, compondo-se essencialmente por fragmentos amorfos e raros bordos.

Contexto 3

À semelhança do Contexto 2, corresponde à deposição de terras com materiais arqueológicos provenientes de um ponto mais alto, onde teria sido implantada uma zona de habitat pré-histórica e que pelas suas características pedológicas e diferenciação nos materiais recolhidos, foi considerado um contexto diferente.

Sondagens	Contexto 3
I, II, I4, I5, I6	Terras argilosas, muito compactas, de tonalidade castanha escura amarelada (10YR/4/6, <i>dark yellowish brown</i>) e com raras pedras calcárias de pequena dimensão. No que diz respeito aos materiais arqueológicos denota-se algumas diferenças em relação ao contexto anterior, nomeadamente a presença minoritária dos bordos denteados e um acréscimo na presença de bordos simples e de recipientes com mamilos circulares ou horizontais. Destaca-se, de igual forma, a presença rara de fauna mamalógica e malacológica. Os líticos recolhidos neste contexto correspondem a lâminas, lascas, núcleos e restos de talhe em sílex. Assenta no substrato.
J	Terras argilosas, muito compactas e de cor castanha forte (7.5YR/5/6, <i>strong brown</i>). Este contexto, estéril do ponto de vista arqueológico, surgia apenas onde o substrato rochoso se encontrava mais profundo, resultando, certamente, da desagregação deste. Assenta no substrato rochoso.
L	Terras de textura argilosa e compacta, de cor castanha escura avermelhada (5YR/3/3, <i>dark reddish brown</i>), com materiais arqueológicos idênticos ao Contexto 2, mas mais escassos. Assenta no substrato rochoso.
P	Terras de tonalidade castanha acinzentada (10YR/5/2, <i>grayish brown</i>), de textura arenosa, compacta e com grande quantidade de pedras de pequena dimensão e médias de frequência moderada e materiais arqueológicos semelhantes ao Contexto 2 com taças carenadas, bordos denteados e lâminas em sílex. A sua tonalidade e textura é-lhe conferida pelo pó proveniente da desagregação e destruição, pela lavoura, das pedras calcárias que se encontram no Contexto 2. Encontra-se assente no substrato.

Contexto 4

Corresponde a um muro em forma de arco, que pertencerá à base de uma cabana oval.

Sondagens	Contexto 4
O, T, U	Trata-se de um alinhamento constituído por pedras calcárias não aparelhadas, nem argamassadas, sobretudo de grandes e médias dimensões, onde se incluem algumas de pequenas dimensões. Possui uma largura média de 55 cm e uma altura que varia entre os 10 e os 20 cm. Atravessa diagonalmente as sondagens, constituindo um muro em forma de arco, que pelas análises comparativas a estruturas deste período consideramos pertencer à base de uma cabana.

Contexto 5

Contexto que poderá fazer parte da estruturação ou destruição do Contexto 4, não tendo sido identificada a sua continuação na Sondagem U.

Sondagens	Contexto 5
O	Contexto composto por pedras calcárias de pequenas dimensões, com terra à mistura, localiza-se apenas a meio do corte D-A e encontra-se acima e adossado ao Contexto 2, possui uma espessura de cerca de 20 cm.

Contexto 6

Trata-se de uma vala que corresponde a um contexto de intrusão que atinge o interior da cabana, a avaliar pela orientação do muro identificado, afectando grandemente os contextos de ocupação pré-histórica, sobretudo na Sondagem S.

Sondagens	Contexto 6
Q, R, S	Vala transversal à Sondagem S que atinge pontualmente as Sondagens Q e R, cortando o Contexto 2, mas não atingindo o substrato, possui uma espessura que varia entre os 20 e os 26 cm. Encontra-se cheia de terra arenosa de cor castanha clara azeitona (2.5Y/5/3, <i>light olive brown</i>), de consistência compacta e pedra calcária de pequeno porte, entre os 5 e os 10 cm. Nela estão incluídos alguns materiais arqueológicos amorfos de cerâmica comum, na sua maioria de cronologia moderna, surgindo igualmente cerâmicas pré-históricas.

Contexto 7

Parece ser o resultado da destruição de estruturas que se encontrariam nas sua proximidades, ou ser mesmo uma estrutura, que pela forma como se encontra espalhada pelo terreno se torna bastante difícil de interpretar, sem o alargamento da área de intervenção.

Sondagem	Contexto 7
Q	Aglomerado compacto de pedra calcária de média e grande dimensão, que se encontra em toda a extensão da sondagem abaixo do Contexto 2 e que o contém pontualmente. Possui uma espessura que varia entre 10 e 40 cm. Procedeu-se apenas à escavação parcial deste contexto, que foi interrompida pela dificuldade em compreender a sua relação com o muro identificado.

Contexto 8

É em tudo semelhante ao Contexto 2, tendo-se diferenciado deste por se localizar abaixo da cota do muro (Contexto 4). Poderá estar relacionado com o nível de ocupação da estrutura, apresentando, contudo, os materiais arqueológicos sinais evidentes de revolvimento.

Sondagens	Contexto 8
S, T, U	Apresenta textura argilosa, compacta e com grande quantidade de pedras calcárias de pequena e média dimensão de frequência moderada. Quando seco, apresenta cor castanha (7.5YR/4/2, <i>brown</i>). Possui abundantes materiais arqueológicos, alguns de dimensões consideráveis que permitem colagem de fracturas antigas,

Contexto 9

Deverá corresponder à compactação das argilas geológicas e dos materiais que se encontravam no terreno, previamente à construção da estrutura (Contexto 4).

Sondagens	Contexto 9
S, T, U	Contexto térreo de cor castanha acinzentada, quando seco (10YR/5/2, <i>grayish brown</i>), de consistência muito compacta e textura argilosa. Nele estão inclusos materiais pré-históricos que ficaram compactados nas argilas. Estes são fragmentos incaracterísticos em sílex, raras lâminas, cerâmica, sobretudo amorfa, destacando-se um “ídolo de cornos” e fauna, todos eles de dimensões reduzidas, surgindo algumas excepções. Não foi possível escavar a totalidade do contexto sem pôr em causa o

	contexto 10. Este encontra-se acima do substrato.
--	---

Contexto 10

Espécie de caixa de pedra que poderá corresponder à estruturação de uma lareira (apesar da inexistência de pedras calcinadas) ou suporte de poste. Não foi possível determinar com precisão a sua função e cronologia, devido ao revolvimento provocado pelo Contexto 6 (vala).

Sondagem	Contexto 10
S	Pedras calcárias de grandes e médias dimensões compostas de forma rectangular, constituindo uma espécie de caixa. Devido à abertura da vala não é possível determinar se a configuração que esta apresenta será a da sua construção original. Não se sabe se está acima do substrato, uma vez que devido à sua estabilidade, optou-se por não a escavar na totalidade. Surgem no seu interior e envolvência alguns raros materiais arqueológicos pré-históricos.

Contexto 11

Corresponde à desagregação do substrato geológico calcário, que permitiu a inclusão dos materiais arqueológicos nele recolhidos.

Sondagem	Contexto 11
U	Contexto térreo e pétreo de textura argilosa e consistência compacta, composto por cascalho calcário e raras pedras calcárias de médias dimensões e terra de cor castanha (10YR/5/3, <i>brown</i>), quando seca, onde se incluem materiais arqueológicos muito fragmentados, entre os quais alguns bordos, uma cerâmica carenada com mamilo e um fragmento de movente. Encontra-se acima do substrato.

Gruta

Foram identificados sete contextos, todos eles de formação recente e resultantes do enchimento com terras e lamas vindas do exterior, sempre que chove, (fenómeno observado localmente) e do próprio abatimento do tecto da gruta, pelo que se considera não ser relevante a descrição dos mesmos.

Sector II

Contexto 1

Tal como aconteceu com as sondagens na zona norte do Sector I, este contexto deverá resultar da actividade agrícola e da intensa erosão sentida nesta área. Dada a acção contínua deste último factor, atribui-se a sua formação a um momento impreciso do século 20.

Sondagens	Contexto 1
A	É em tudo semelhante ao do Sector I, à excepção do aparecimento de fragmentos de faianças e de ferro que se deve à sua proximidade com as ruínas de um moinho de vento do século 18. É composto por terra, calcários rolados de muito pequenas dimensões e raros de médias dimensões, fósseis e raros materiais arqueológicos. Apresentava textura arenosa, consistência pouco compacta e cor castanha escura amarelada (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>), quando seca. Encontra-se acima do substrato.
B	Composto por terras castanhas (10YR/4/3, <i>brown</i>) de textura arenosa e pouco compactas, com algumas pedras de pequenas e médias dimensões e escassos materiais arqueológicos (sílexes). Encontra-se acima do substrato.
C1 a C16,	Semelhanças com as sondagens anteriores, apenas variando a tonalidade das terras que são castanhas (7.5YR/5/4, <i>brown</i>). Os materiais arqueológicos mantêm-se escassos, apenas se verificando raros fragmentos de cerâmica pré-histórica, sílexes e material osteológico. O substrato rochoso encontrava-se imediatamente sob este contexto, nos limites Norte e Este das Sondagens C1, C3 e C4, bem como nas Sondagens C8, C9, C10, C11, C12, C13, C14, C15 e C16.
D	Apresenta cor cinzenta escura avermelhada (5YR/4/2, <i>dark reddish gray</i>), quando seca, textura arenosa e consistência semi-compacta, os seus principais componentes são terra e raízes, onde se incluem alguns calcários de pequenas dimensões, uma lasca de sílex retocada e um osso serrado. Encontra-se acima do substrato.
E	Terras castanhas (10YR/5/3, <i>brown</i>), argilosas e muito compactas com pedras de pequena e média dimensão de frequência moderada. Neste contexto recolheu-se rara cerâmica e raros fragmentos incaracterísticos de sílex. O achado de alguns plásticos evidencia que a formação deste contexto se reporta a um momento indeterminado do século XX.
F	É composto por terras argilosas de cor castanha avermelhada (5YR/4/4, <i>reddish brown</i>), de consistência compacta e com frequentes blocos calcários de pequena e média dimensão. Os artefactos líticos (núcleos, lascas e restos de talhe de sílex) e as cerâmicas manuais (fragmentos amorfos) possuem uma frequência moderada, encontrando-se, estas últimas, bastante fragmentadas e roladas. A fauna é escassa.
G	Composto por terras castanhas escuras avermelhadas (5YR/3/3, <i>dark reddish brown</i>), de textura argilosa, consistência compacta e com frequentes blocos calcários de pequena e média dimensão. Este contexto tem uma espessura máxima de 20 cm e continha escassos materiais arqueológicos: apenas algumas cerâmicas manuais, muito fragmentadas e roladas; artefactos líticos (núcleos, lascas e restos de talhe) e fauna. Encontra-se acima do substrato.

Contexto 2

Neste sector, a interpretação dada ao contexto 2 difere nas sondagens onde foi identificado.

Nas Sondagens C, encontra-se depositado numa depressão existente na rocha o que permitiu a acumulação de materiais arqueológicos provenientes de uma zona de habitat não muito distante, tratando-se, deste modo, de uma deposição secundária.

Sondagens	Contexto 2
C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7	Situava-se sobre uma depressão da rocha calcária, localizada na Sondagem C2, na zona Sul das Sondagens C4 e C1 e Oeste de C3 e prolongava-se para a zona Norte da C5 e C6 e Nordeste da C7. As terras apresentavam cor castanha (7.5YR/5/3, <i>brown</i>), textura arenosa, consistência pouco compacta e frequentes pedras de pequenas e médias dimensões. A cerâmica era abundante, caracterizando-se maioritariamente por taças e vasos hemisféricos denteados, cerâmicas carenadas e bordos simples. Os líticos eram, de igual forma, muito frequentes, tendo-se recolhido lâminas e pontas de seta em sílex, bem como um fragmento de placa de xisto gravada. Encontra-se sobre o substrato rochoso.

Este contexto resulta da desagregação do substrato rochoso calcário.

Sondagem	Contexto 2
F	Apresentava blocos calcários muito frequentes, de pequena e média dimensão, envoltos em argila avermelhada (10R/4/8, <i>red</i>). Continha ainda alguns materiais arqueológicos, uma lasca de sílex, fragmentos amorfos de cerâmica e escassa fauna. A rocha calcária encontra-se imediatamente sob o Contexto 2.

Sector III

Contexto 1

Este contexto formou-se em época recente, num momento indeterminado do século 20 e estará relacionado com a escorrência de terras das zonas altimetricamente mais elevadas, situadas nas vertentes Noroeste do vale, à excepção da Sondagem D, que são provenientes da vertente Sudeste e da B que estará relacionado com a linha de água.

Sondagens	Contexto 1
A	Apresenta terras argilosas, muito compactas e de cor castanha clara amarelada (10YR/6/4, <i>light yellowish brown</i>). Possui raras pedras de pequena dimensão e abundantes blocos de média e grande dimensão. No que diz respeito aos materiais arqueológicos recolhidos importa dizer que a cerâmica manual se apresenta de forma moderada, destacando-se um bordo com perfuração. Os líticos são escassos, salientando-se a presença de um movente, uma lasca e uma lamela de quartzo hialino, bem como vários artefactos em sílex (ponta de seta, núcleos e lascas) e um fragmento de anfibolito polido. O material osteológico é raro, encontrando-se bastante fragmentado. Destaca-se a presença de dois furadores ou agulhas em osso.
B	É composto por terras castanhas claras amareladas (10YR/6/4, <i>light yellowish brown</i>), de textura argilosa e bastante compactas. Apresenta algumas pedras de pequena e média dimensão, para além de raros fragmentos cerâmicos de produção manual, escassos utensílios em sílex (fragmento de ponta de seta) e fragmentos de machados de pedra polida em anfibolito.
C	Composto por terras castanhas (10YR/5/3, <i>brown</i>), de textura arenosa e pouco compacta, conjuntamente com raras pedras calcárias de pequenas e médias dimensões. Este contexto, localizado sobre o substrato, continha frequentes fragmentos cerâmicos de produção manual e de utensílios em sílex (lascas e lâminas), destacando-se no conjunto artefactual uma lasca de um machado de pedra polida em anfibolito.
D	Apresenta terras castanhas (7.5YR/5/6, <i>brown</i>), arenosas e pouco compactas. Os materiais arqueológicos eram praticamente inexistentes, tendo-se apenas recolhido uma lasca em sílex.
E	Terras castanhas (7.5YR/4/2, <i>brown</i>), de textura argilosa, compactas e com uma frequência moderada de pedras de pequena dimensão. Continha escassos materiais arqueológicos, tanto cerâmicos como líticos.
F	Terra castanha (7.5YR/5/4, <i>brown</i>), de textura arenosa, compacta e com raras pedras de pequena dimensão. Possui uma grande quantidade de material arqueológico: cerâmico (taças carenadas e hemisféricas, bordos denteados, cerâmica decorada com caneluras), lítico (lâminas e lascas em sílex, fragmentos de machados em anfibolito), osteológico e também um artefacto em osso, possivelmente uma agulha. Verifica-se que o estado de rolamento das peças é menor que nas restantes sondagens deste sector, o que provavelmente estará relacionado com a própria localização da Sondagem F, situada numa zona mais aplanada da vertente Noroeste do vale e mais próxima do topo do cerro em ferradura da Espargueira/Serra das Éguas.
G	Terras castanhas (7.5YR/4/4, <i>brown</i>) arenosas e semi-compactas, com frequência moderada de pedras de pequena dimensão. Continha abundantes materiais líticos (incluindo dois fragmentos de machados de anfibolito), cerâmica muito rolada e um fragmento de fauna ictiológica (maxilar).
H	Apresenta terras castanhas escuras amareladas (10YR/3/4, <i>dark yellowish brown</i>) de textura arenosa e pouco compactas, com frequentes blocos calcários de pequenas e médias dimensões. Os materiais arqueológicos surgem com uma frequência moderada, possuindo ampla variabilidade cronológica, desde faiança a cerâmica manual (bojos e fragmento de bordo

	denteado), artefactos em sílex (furador, lascas, lamela, lâmina elipsoidal), bem como um fragmento de anfibolito polido.
--	--

Contexto 2

À semelhança do Contexto 1, formou-se em época recente, num momento indeterminado do século 20 e estará relacionado com a escorrência de terras das zonas altimetricamente mais elevadas situadas nas vertentes Noroeste do vale, à excepção da B que estará relacionado com a linha de água.

Sondagens	Contexto 2
A	Com fraca expressão altimétrica e sobre o substrato rochoso. As terras desta camada apenas variam no que diz respeito à sua coloração, castanhas avermelhadas (5YR/4/4, <i>reddish brown</i>), e na ausência de grandes blocos pétreos. Os materiais arqueológicos são muito escassos, destacando-se uma lamela em quartzo-hialino e um fragmento de fauna ictiológica (dente). Assenta no substrato.
B	Apresenta terras castanhas (7.5YR/5/4, <i>brown</i>) de consistência semi-compacta, com pedras de pequena e grande dimensão de frequência moderada.
F	Terra castanha (7.5YR/5/4, <i>brown</i>), de textura arenosa, compactas e com raras pedras de pequena dimensão. Materiais escassos, destacando-se a presença de duas pontas de seta em sílex, uma de base triangular-pedunculada e outra de base côncava.
G	Terras castanhas (7.5YR/4/3, <i>brown</i>), argilosas e compactas, constituídas maioritariamente por blocos pétreos de grandes dimensões, conjuntamente com outros de menor tamanho, contendo moderadamente cerâmica manual e líticos.
H	Terras castanhas escuras (7.5YR/3/2, <i>dark brown</i>), argilosas e compactas, com grandes blocos calcários e materiais arqueológicos mais escassos que no contexto anterior. Destaca-se a presença de lâminas, lascas e pontas de seta em sílex, bem como de bordos denteados de cerâmica manual.

Contexto 3

À semelhança dos Contextos 1 e 2, este formou-se em época recente, num momento indeterminado do século 20 e estará relacionado com a escorrência de terras das zonas altimetricamente mais elevadas, situadas nas vertentes Noroeste do vale, à excepção da B que estará relacionado com a linha de água.

Sondagens	Contexto 3
B	É composto maioritariamente por grandes blocos de calcário e por cascalho resultante da desagregação destes. O sedimento entre as pedras tinha uma coloração castanha escura avermelhada (5YR/3/2, <i>dark reddish brown</i>), textura argilosa e consistência compacta. Os materiais arqueológicos são bastante raros, apenas alguns pequenos fragmentos de cerâmica manual e um fragmento de lâmina de sílex. A formação antrópica deste contexto é também uma possibilidade, provavelmente relacionada com uma tentativa de regular o caudal desta linha de água.
G	Apresenta terras castanhas (7.5YR/5/2, <i>brown</i>), arenosas e pouco compactas, com frequentes pedras de pequena e média dimensão. O material arqueológico aqui recolhido é bastante diversificado e abundante, salientando-se um bojo de cerâmica campaniforme com decoração incisa, taças carenadas, lâminas e furadores em sílex, bem como um fragmento de mó. Deste contexto também provem uma agulha em osso.

Contexto 4

Corresponde às terras que se depositaram nos interstícios do lapiás, provenientes das vertentes do vale e transportados pela linha de água.

Sondagem	Contexto 4
G	Apresenta cor castanha escura avermelhada (5YR/3/3, <i>dark reddish brown</i>), textura argilosa e consistência compacta. Recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica (bordos denteados, bojo campaniforme com decoração incisa, taça campaniforme tipo Palmela com decoração incisa), de sílex (lâmina, furador sobre lâmina, lascas) e um movente.

Sector IV

Foram identificados três contextos, todos eles resultantes do revolvimento da zona para construção de via municipal, não tendo sido recolhido qualquer tipo de material arqueológico.

Sondagem	Contexto 1
A	De cor castanha escura amarelada (10YR/4/6, <i>dark yellowish brown</i>), quando seca, textura arenosa e consistência compacta, cujos principais componentes são terra, abundantes calcários, fósseis e muitas raízes. Ausência de espólio.
	Contexto 2
	A terra é de cor branca (7.5YR/8/1, <i>white</i>), quando seca, de textura arenosa, muito compacta, é constituída por fósseis de vieiras, onde se incluem raízes, não se encontra em toda a extensão da sondagem, não surge qualquer espólio associado.
	Contexto 3
	É constituído por terra, de cor castanha (7.5YR/4/4, <i>brown</i>) quando seca, textura arenosa e pouco compacta, onde se incluem fósseis, não surgem quaisquer materiais arqueológicos.

No conjunto de contextos identificados, é possível isolar três grupos distintos:

1. um é de constituição recente, isto é, formado num momento impreciso do século 20, onde se engloba a maioria. Estes contextos são resultantes da actividade humana relacionada com a exploração agrícola da zona, que levou à erosão intensa dos solos e, consequentemente, ao quase desaparecimento da cobertura vegetal numa grande extensão do sítio arqueológico. Também a própria erosão provocada pelos agentes naturais terá levado, em algumas áreas, à destruição total dos vestígios arqueológicos;
2. um segundo grupo, constituído por aqueles que possuem em exclusivo materiais pré-históricos, filiados no Neolítico e no Calcolítico, e que são resultantes do abandono de um local de habitat próximo confundindo-se, ao longo do tempo, com o próprio terreno, correspondendo a posições secundárias dos materiais;
3. um último grupo, relativo aos vestígios de estruturas do Neolítico final/Calcolítico inicial e aos níveis de ocupação com elas relacionados, independentemente do seu grau de revolvimento.

Apesar da grande destruição a que este sítio arqueológico foi sujeito, quer por factores antrópicos, quer por factores naturais a que corresponde, essencialmente, o Contexto 1, foi possível nos diferentes sectores e ao longo das campanhas de trabalhos arqueológicos, pela análise estratigráfica, agrupar outros dois conjuntos de contextos que permitiram conjecturar sobre o modo de ocupação deste espaço ao longo da pré-história recente, mais concretamente durante o Neolítico final/Calcolítico inicial.

Ao segundo grupo de contextos fez-se corresponder realidades distintas, mas que tiveram como origem a desagregação de dois núcleos habitacionais que constituíram o povoado da Espargueira/Serra das Éguas.

Um localizado no Sector I, cujos indícios se materializaram no Contexto 2, sobretudo constatável nas Sondagens I (I1, I4, I5 e I6), e que pela sua análise permitiu reconhecer a área de proveniência dos múltiplos materiais aqui retidos, nomeadamente inúmeros fragmentos cerâmicos, entre os quais bordos e cordões denteados, formas carenadas, taças e esféricos, mamilos, bem como lâminas e pontas de seta em sílex, lamelas em quartzo hialino, utensílios em osso e restos faunísticos (essencialmente fauna mamalógica).

Também neste sector, mas num segundo grupo de sondagens, em torno das Sondagens O e P, é identificável esta realidade o que faz supor que, para além da estrutura habitacional (Contexto 4) identificada abaixo deste contexto, o povoamento do Neolítico final/Calcolítico inicial se estenderia um pouco mais a Norte das referidas sondagens.



Foto 5 – Base de cabana oval identificada no Sector I

Os materiais arqueológicos são em tudo semelhantes aos das Sondagens I, mas de maiores dimensões e com fragmentos contendo fracturas antigas que colam entre si, destacando-se um globular com 39 elementos; escassos fragmentos de copos canelados e a presença de parte de uma placa de xisto gravada.

No Sector II foi reconhecido um contexto (2) numa área bastante restrita do mesmo, em torno das Sondagens C (C1, C2, C3, C4, C5, C6 e C7), onde numa depressão da rocha calcária, ficou “preso” um conjunto de artefactos, em tudo semelhantes aos referidos para o Sector I, com cerâmicas de bordos denteados, formas carenadas, lâminas em sílex surgindo, igualmente, um fragmento de placa de xisto gravada.

Este conjunto de materiais é bastante homogéneo em termos crono-culturais e parece ser uma das poucas provas da existência de um núcleo de povoamento neste topo, mas que se localizaria numa área mais plana e distante da referida depressão, zona actualmente corrompida por postos de alta tensão.

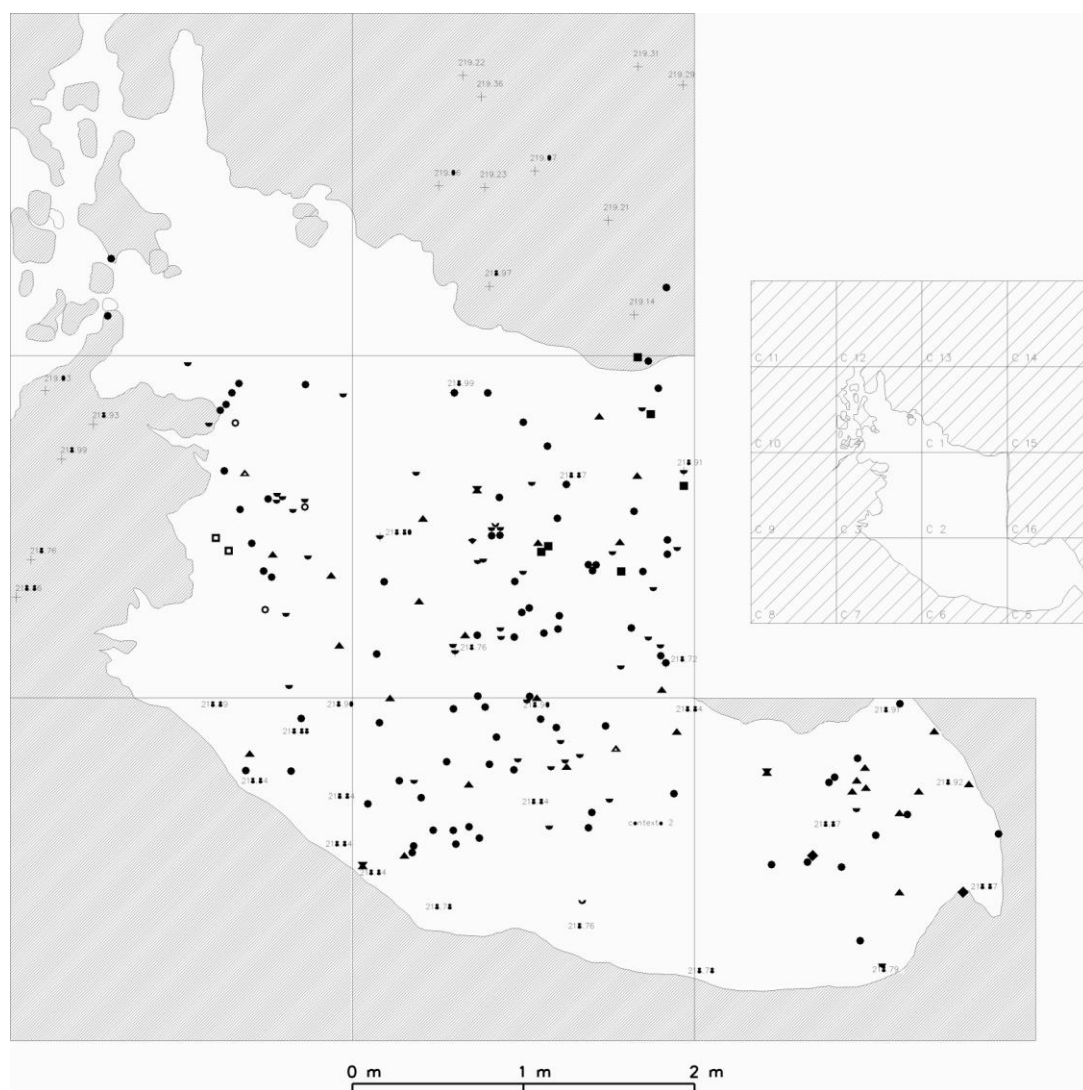


Fig. 20 – Planta das Sondagens C, do Sector II onde é visível a depressão no calcário

À semelhança do contexto 2, da Sondagem O, também aqui foi possível obter uma datação por AMS, cujos resultados serão descritos em capítulo próprio.

O terceiro e último grupo de contextos está circunscrito ao Sector I, na zona delimitada pelas Sondagens O, P, S, T e U, abaixo do referido Contexto 2.

Estes contextos correspondem aos vestígios primários de uma estrutura habitacional, onde foi identificado um muro que, corresponde a parte da base de uma cabana de configuração oval, construída em pedra calcária não aparelhada, com as duas faces preservadas, em consonância com outro tipo de estruturas habitacionais identificadas em povoados deste período próximos do local em estudo, como Leceia (Cardoso, Soares e Silva, 1996, p.48), Vale de Lobos (Valente, 2006, p.29) e Penedo do Lexim (*Locus I*) (Sousa, 2003, p.318).

Para além da cabana, também se inclui neste grupo, uma outra estrutura (Contexto 10) de difícil interpretação, devido à abertura, em época moderna, de uma vala que a afectou grandemente. Esta assemelha-se a uma caixa pétrea, constituída em exclusivo por pedras calcárias, estando uma delas fincada no solo e fracturada em três elementos.

Poderá, no entanto, corresponder a um suporte de poste, uma vez que se encontra do lado interno da cabana; ou a uma lareira estruturada, apesar da ausência de pedras calcinadas ou de restos queimados, que serviriam para corroborar esta última hipótese.

A sua construção parece ser contemporânea da cabana, não só pelo facto de se terem recolhido materiais arqueológicos pré-históricos no seu interior (carena e lâminas) mas, também, por se verificar que esta estava assente no Contexto 9, uma vez que a abertura da vala (Contexto 6) não chegou a atingir o substrato.

Apesar de não se encontrarem *in situ*, foram identificados contextos muito homogéneos em termos artefactuais, que parecem indicar níveis selados e que corresponderão à fase de ocupação da cabana (Contexto 8) e ainda a um período anterior à sua construção (Contexto 9).

O Contexto 9 encontra-se abaixo do Contexto 8 e acima do substrato (à excepção da Sondagem U), onde se verifica a compactação de argilas geológicas e se incluem restos de materiais arqueológicos que se encontravam no terreno no momento de construção da cabana e equivalem, provavelmente, a uma fase anterior de ocupação daquele espaço, ou de uma área muito próxima, mas que a avaliar pela análise dos escassos materiais recolhidos corresponderá à mesma realidade cultural, com presença de cerâmicas carenadas.

Deste modo, verifica-se a existência de dois núcleos distintos de povoamento na Espargueira/Serra das Éguas, filiados no Neolítico final/Calcolítico inicial, hipótese esta corroborada, quer materialmente, quer cronometricamente.

Uma, cuja localização é inferida pela existência de uma estratigrafia “construída” pela deposição secundária de restos materiais das populações que aí habitaram, existente quer nas Sondagens C, quer nas Sondagens A, B e F, do Sector II e um outro pela preservação de estruturas habitacionais *in situ*, conjugados com contextos que apresentam sinais de revolvimento.

7 - Uma visão global do espólio

7.1. Primeiras intervenções

De importância extrema para a compreensão de qualquer sítio arqueológico, gerador de informação cronológica, mas também de muitas incertezas, os artefactos arqueológicos desempenham desde cedo um papel fundamental na contextualização dos sítios arqueológicos, mesmo que os primeiros provenham apenas de recolhas de superfície.

Considerou-se, deste modo, essencial para o conhecimento do povoado da Espargueira/Serra das Éguas, não só o estudo e caracterização das formas carenadas, objecto central desta Tese, mas também dos outros materiais que lhe estão associados, desde as primeiras intervenções.

Este povoado forneceu inúmeros materiais de natureza diversa no decorrer dos vários trabalhos arqueológicos aí desenvolvidos, o que foi permitindo a sua caracterização cronocultural.

Manuel Heleno descreve-os da seguinte forma: “O seu espólio foi riquíssimo: dezenas de machados, alguns com sulco; muitos furadores de osso, goivas, pendentes, vasos com buracos de suspensão, loiça campaniforme, pente de osso para a ornamentar, facas abundantíssimas, algumas aguçadas, sétas, raspadeiras, agulhas e furadores de osso, etc. Do que tenho dito resultam as seguintes conclusões: a) A povoação prèhistórica da Serra das Éguas é uma das estações da nossa pedra polida com material de carácter mais primitivo. A sua indústria caracteriza-se pelo predomínio de fôlhas de sílex, algumas apontadas, cerâmica primitiva, machados grosseiros, indústria de osso, etc.; b) A povoação da Espargueira...dando-nos uma sovela de cobre, alabardas, loiça do grupo campaniforme, placas de shisto e cilindros de calcário, mostram pertencer ao calcolítico...” (1933, p.22-23).

O estudo efectuado por Manuel Leitão, Thomas North e Veiga Ferreira relativo aos materiais recolhidos na intervenção de Manuel Heleno, na área por eles designada de Serra da Espargueira, elucidam de um modo mais claro o tipo de materiais efectivamente recolhidos, apesar da listagem apresentada resultar de uma selecção dos investigadores.

São referidos em sílex: pontas de seta (22 de base côncava, 7 de base recta, 7 de pedúnculo incipiente); micrólitos (1 crescente ou segmento de círculo); lâminas (5 afeiçoadas em furador, 15 com retoques, 5 sem retoques mas com vestígios de utilização, 12 lamelas com vestígios de utilização); em quartzo hialino (17 lamelas); em fibrolite (1 pequeno machado); em osso, furadores (8 com furo de suspensão; cabeças de alfinete para cabelo (2 lisas, 1 ornada com caneluras horizontais); matriz para cerâmica (1 feita em omoplata); bem como materiais diversos (meia conta globular de azeviche, 2 contas sextavadas de azeviche, 2 contas discóides de

anfíbola; 1 mó de grés, 1 pilão de rocha ígnea); Xisto ardoso (5 fragmentos de placas com ornamentação) e cerâmica (4 fragmentos com bordo denteado, 13 fragmentos com ornamentação campaniforme, 1 cossoiro) (1973, p.145-146).

Pelo estudo efectuado concluem: “...parece-nos que o povoado da Serra da Espargueira ou da Silveira em Belas abarca várias épocas que vão desde um possível Paleolítico superior (Aurignacense superior ou Perigordense) até talvez a Idade do Bronze no sentido verdadeiro da palavra bronze.” (1973, p.150).

Num inventário sumário efectuado, em 2003, nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito do estudo de investigação sobre o povoado da Espargueira/Serra das Éguas, verifica-se a existência dos seguintes materiais, independentemente da sua localização original (que sabemos, ao longo dos anos, ter sido objecto de misturas).

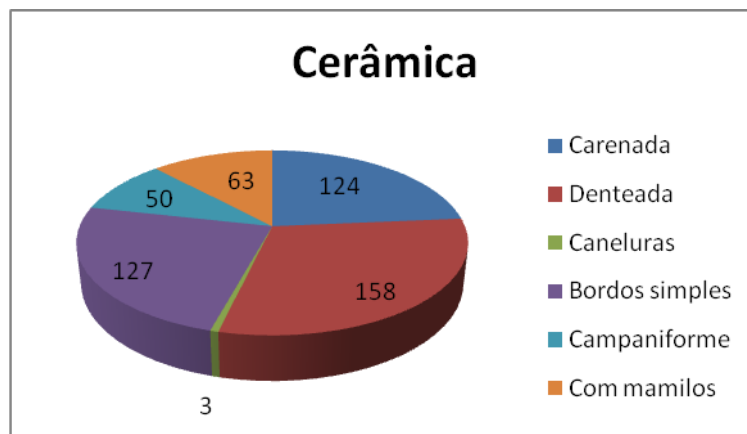
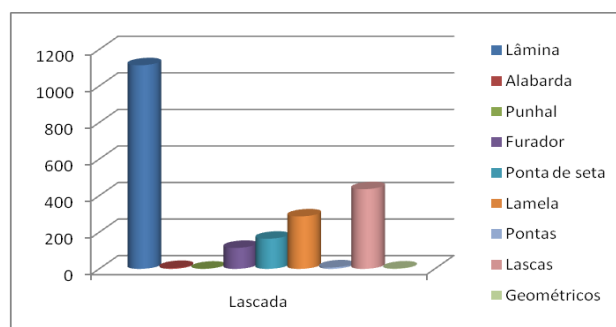
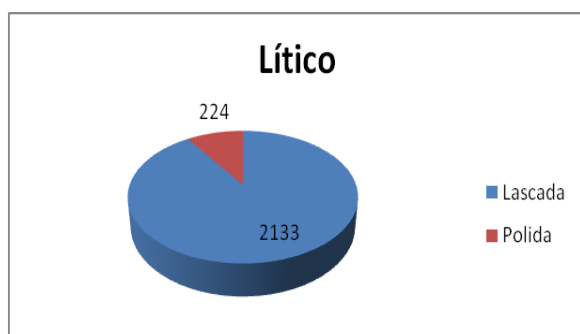


Gráfico 1 - Distribuição tipológica da cerâmica existente no MNA

Constata-se ao nível da cerâmica, o claro predomínio da cerâmica denteada, seguindo-se as formas carenadas e os bordos simples, onde se deverão incluir, à semelhança dos resultados obtidos para as recolhas de superfície existentes no Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, taças e esféricos, bem como globulares e potes em menor quantidade.



Gráficos 2 e 3 - Distribuição dos materiais líticos existentes no MNA

No que diz respeito ao material lítico, a pedra lascada é, claramente, predominante, representada maioritariamente por indústria laminar e lamelar em sílex, surgindo com alguma frequência a utilização de quartzo hialino no fabrico de lamelas.

As pontas de seta apresentam maioritariamente bases côncavas surgindo, igualmente, bases rectas e algumas pedunculadas.

No âmbito de dois trabalhos académicos desenvolvidos em torno das cerâmicas de bordos denteados (Batista, 2002) e da cerâmica campaniforme (Alves, 2002) do povoado da Serra das Éguas, constata-se que apesar das diferenças cronológicas apontadas por Manuel Heleno para argumentar a existência de dois povoados distintos, estas duas realidades cerâmicas surgem na área caracterizada, por Manuel Heleno, como sendo mais tardia.

Nomeadamente no inventário sumário acima referido, o número de cerâmicas com bordos denteados é superior (150 exemplares contabilizados) em relação às cerâmicas campaniformes (35 exemplares contabilizados).

De igual forma, com a proveniência de Espargueira, estão também inventariados bordos denteados entre outros materiais como lâminas e inúmeras pontas de seta de base côncava e recta, que o enquadram no Neolítico final (Gonçalves, 1993, p.185).

No que diz respeito ainda aos materiais em reserva no Museu Nacional de Arqueologia, Clara Salvado (2003), fez uma proposta de integração cronológica de alguns artefactos em osso (35, dos 132 que estudou) onde 15 provenientes da Espargueira e 9 da Serra das Éguas se enquadram no Neolítico final; 1 da Espargueira e 2 da Serra das Éguas no Calcolítico inicial e 1 da Espargueira no Calcolítico pleno/final, concluindo, do apresentado, que “Trata-se de uma zona vasta, com uma ocupação extremamente prolongada no tempo...” (p.48).

No estudo efectuado por Jorge Miranda et al, em 1984, relativo ao *Levantamento Arqueológico da Amadora – (O neolítico e o calcolítico)* foram analisados todos os sítios arqueológicos da Amadora que se enquadravam na pré-história recente, onde se incluía, naturalmente, o povoado da Espargueira/Serra das Éguas.

Para a análise deste sítio, foram estudados todos os materiais existentes em reserva e que eram resultado de diversas recolhas de superfície efectuadas no local “Os materiais têm sido encontrados dispersos no fundo de duas ravinas que se encontram a este de Carenque e descem sobre a povoação...” (Miranda et al, 1984, p.85), desde os anos 60 “ António Gonzalez e Luís Guerreiro de Almeida (seguidos posteriormente pelo GEPA) procederam a numerosas prospecções no local, recolhendo os materiais que agora estudamos” (p.86).

No que diz respeito à cerâmica concluem que “...o espólio desta jazida divide-se em dois grupos cronologicamente distintos: As cerâmicas típicas do neol. final / cal. inicial e as

campaniformes.” (p.88), cujos tipos predominantes são as taças em calote, as taças carenadas, os esféricos e os recipientes com bordos denteados, sendo bastante mais raras as formas como os potes e os globulares, como se pode verificar no gráfico abaixo.

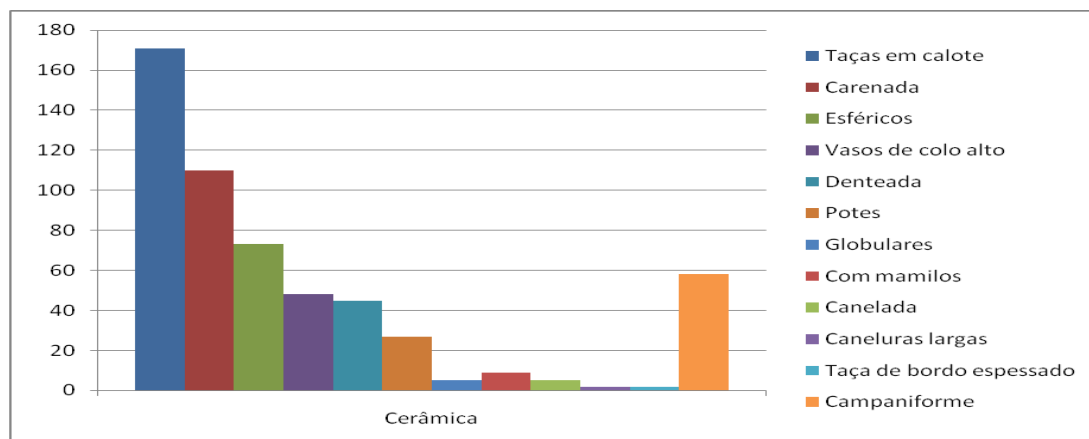


Gráfico 4 - Distribuição tipológica da cerâmica de superfície (segundo Miranda et al, 1984)

Quanto à cerâmica campaniforme, predomina a decoração incisa em 88,7% dos exemplares (p.109), como viria também a ser constatado por Cláudio Batista (2002, p.24) com 86% dos exemplares, estando maioritariamente aplicada em taças (em calote, de perfil tipo Palmela e larga de bordo espessado) e caçoilas, e muito raramente em esféricos (1,9%) (Miranda et al, 1984, p.109).

Relativamente à pedra lascada, a matéria-prima utilizada é quase exclusivamente o sílex, sendo mais abundantes as lâminas e os utensílios fabricados sobre este suporte, como os furadores e os raspadores.

Das quatro pontas de seta recolhidas, três delas apresentam bases diferenciadas (côncava, convexa, trapezoidal com aletas), uma vez que uma se encontra partida (p.124).

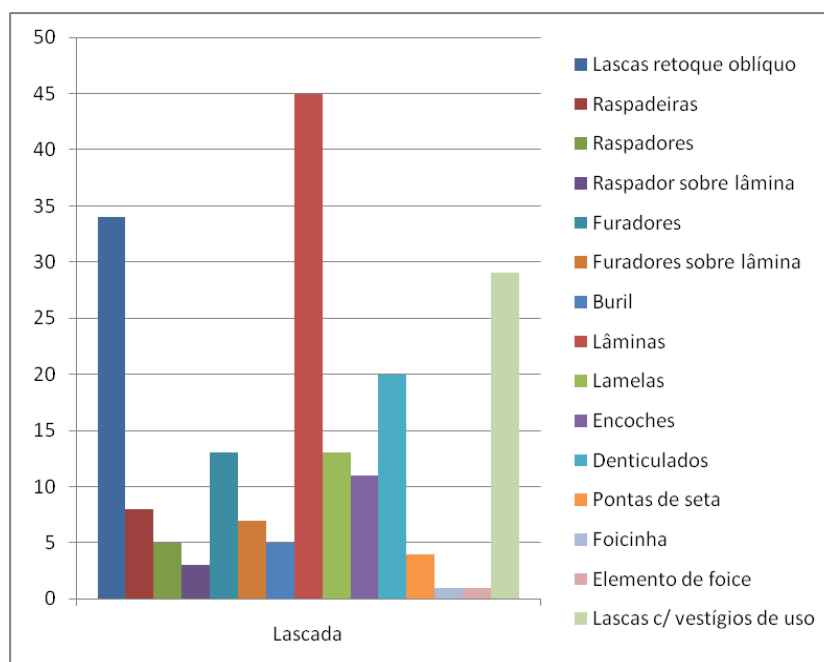


Gráfico 5 - Distribuição da tipologia da pedra lascada (segundo Miranda et al, 1984)

No que diz respeito à pedra polida, ela é composta na sua maioria por fragmentos inclassificáveis e algumas tipologias características do Neolítico e Calcolítico, que se distribuem da seguinte forma:

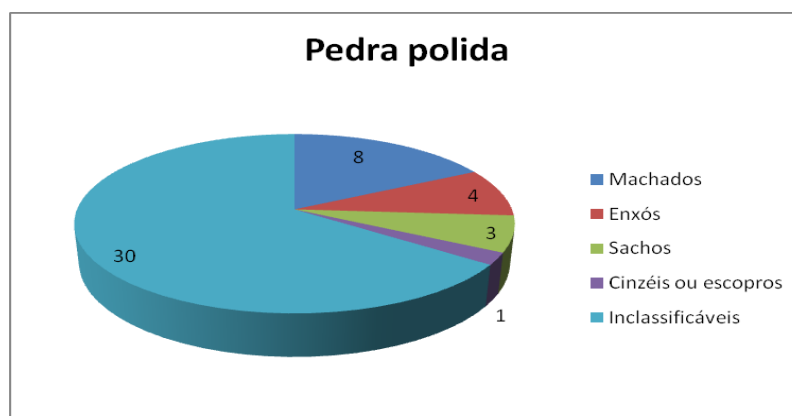


Gráfico 6 - Distribuição da tipologia da pedra polida (segundo Miranda et al, 1984)

Do espólio estudado destacam-se, ainda, as mós manuais com 13 fragmentos de moventes e 11 de dormentes, bem como 6 inclassificáveis; 2 braçais de arqueiro em grés, um de forma rectangular que possui um furo na extremidade preservada, e mais três inacabados; o segundo apresenta forma sub-rectangular e possui vestígios de um furo; e um fragmento pequeno de placa de xisto decorada onde são visíveis triângulos reticulados, separados por uma linha.

Da indústria sobre osso foram classificados 5 furadores, 1 sobre espádua de equídeo e 1 fragmento polido, não identificado, bem como restos alimentares ao nível da fauna mamalógica (mais abundante), malacológica e ictiológica.

7.2. Trabalhos arqueológicos 2003 - 2008

Quando se iniciaram os trabalhos arqueológicos, em 2003, já se conhecia à partida a componente material que estaria associada a este povoado; no entanto, os resultados obtidos na primeira fase de sondagens demonstrou, que ao contrário das recolhas de superfície, os materiais arqueológicos estavam praticamente ausentes do registo arqueológico.

Só nas fases seguintes se verificou uma situação bem diferente, tendo sido possível caracterizar as diversas realidades identificadas através dos materiais recolhidos.

Nos contextos descritos em capítulo anterior como de revolvimento, recolheu-se alguma cerâmica de cronologia moderna/contemporânea, da qual se destaca a faiança e a cerâmica vidrada, estando a mesma relacionada na Sondagem A, do Sector II, com a existência nas suas proximidades de um moinho de vento do século 18.

Nestes contextos, é de igual forma comum a recolha de material cerâmico de construção, como é o caso de azulejos, telhas e tijolos relacionados com a ocupação mais recente deste território, bem como de restos de sílex incaracterístico e de muito rara cerâmica manual de pequenas dimensões.

Como já foi referido, é a partir do segundo contexto, que o conjunto dos materiais recolhidos se integra exclusivamente na pré-história recente, caracterizando-se a cerâmica por ser exclusivamente de produção manual.

No entanto, a maioria destes materiais apresenta-se bastante fragmentado, sobretudo ao nível da cerâmica, pelo que com o objectivo de compreender os processos de transporte pós-deposicional dos mesmos, se efectuou o estudo de rolamento e fragmentação, respeitantes à primeira fase de sondagens.

Com esta análise, pretendeu-se chegar a uma aproximação dos espaços de povoamento efectivo e dos efeitos da erosão e da actividade agrícola na destruição deste sítio, que se reflectem, sobretudo, na dimensão e rolamento da cerâmica.

De modo a prosseguir com os objectivos expostos, e na impossibilidade de analisar a totalidade da cerâmica, procedeu-se a uma selecção de vários contextos dos Sectores I, II e III, que servissem de amostra representativa do conjunto em estudo.

No Sector I, localizado a Sudeste da linha de água que corre no fundo do vale da Espargueira, os resultados diferem em alguns aspectos daqueles obtidos nos restantes sectores. No que diz respeito ao Contexto 2 da Sondagem J, a cerâmica apresenta-se na generalidade bastante rolada e fragmentada, denotando-se que quanto mais pequena é a peça mais rolada se encontra. Também aqui é visível o elevado grau de transporte que estas peças sofreram.

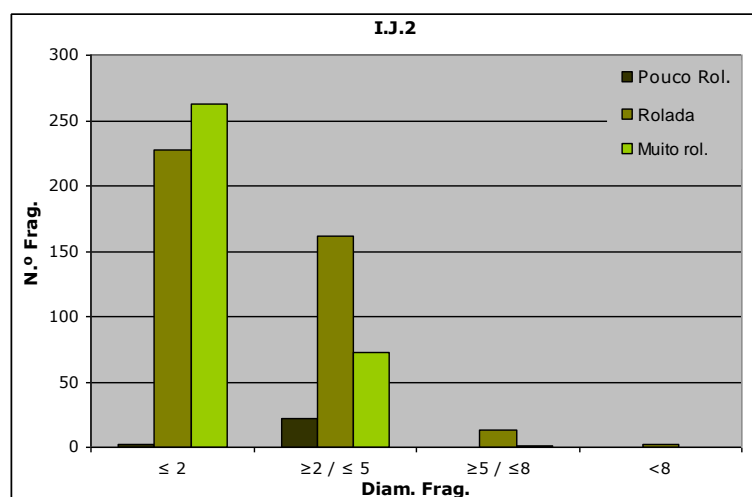


Gráfico 7 - Estado de fragmentação/ rolamento da cerâmica do Sector I, Sondagem J, contexto 2.

Relativamente à Sondagem I deste Sector, os dados obtidos através desta análise revelam-nos um panorama ligeiramente distinto, devido à existência de um terceiro contexto onde as cerâmicas apresentam características diversas.

No contexto 2 a amostra é quantitativamente superior, mas a cerâmica encontra-se tão fragmentada e rolada como nos contextos anteriormente analisados, enquanto no Contexto 3 esta se apresenta bastante menos fragmentada mas, principalmente, com um grau de rolamento bastante inferior em todas as classes dimensionais estabelecidas.

Este contexto situa-se sobre a rocha, numa plataforma de tendência horizontal, o que poderá ter contribuído para um menor transporte das peças aí depositadas, como ter favorecido a instalação ocupacional dessa pequena área.

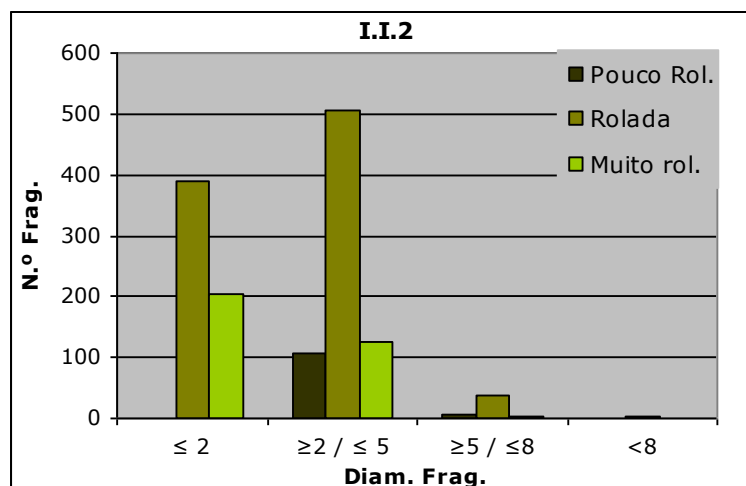


Gráfico 8 - Estado de fragmentação/rolamento da cerâmica do Sector I, Sondagem I, contexto 2

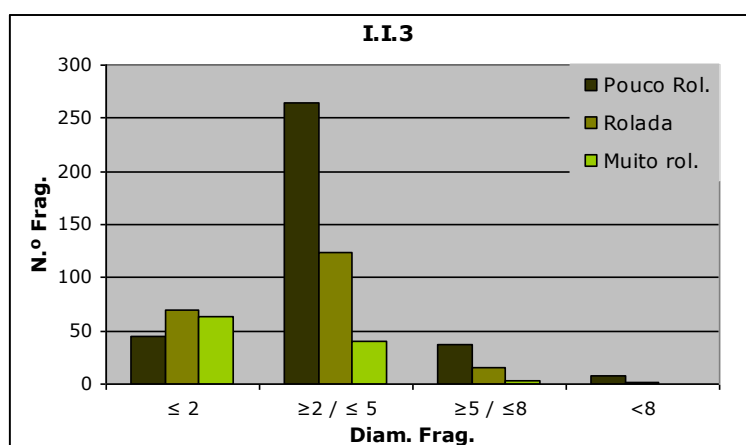


Gráfico 9 - Estado de fragmentação/rolamento da cerâmica do Sector I, Sondagem I, contexto 3

A análise da fragmentação e rolamento do Contexto 1 da Sondagem C2, do Sector II, localizado no topo do cerro, revela que os fragmentos cerâmicos se apresentam, na generalidade, bastante rolados e em pouca quantidade.

A situação não é muito distinta no contexto 2, que apresenta um índice de rolamento elevado em todos os tamanhos de fragmentos. Estes resultados demonstram que, apesar de neste contexto se encontrar um elevado número de materiais arqueológicos, estes não se encontram no seu contexto original, interpretação que se propôs logo no decorrer da escavação destas Sondagens.

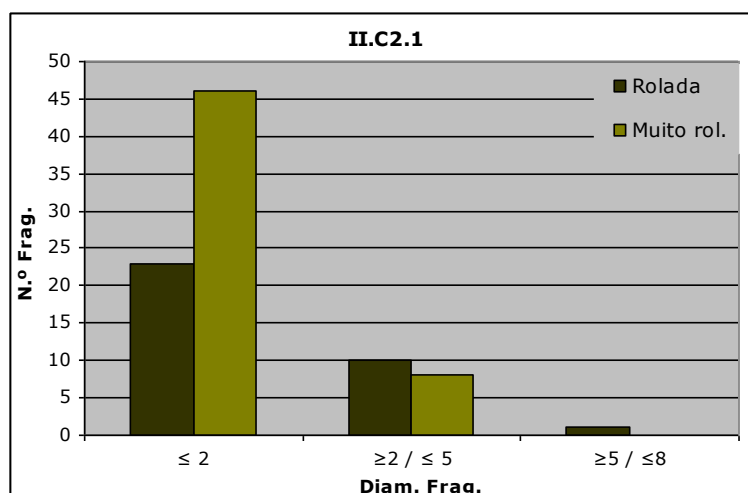


Gráfico 10 - Estado de fragmentação/ rolamento da cerâmica do Sector II, Sondagem C2, contexto 1

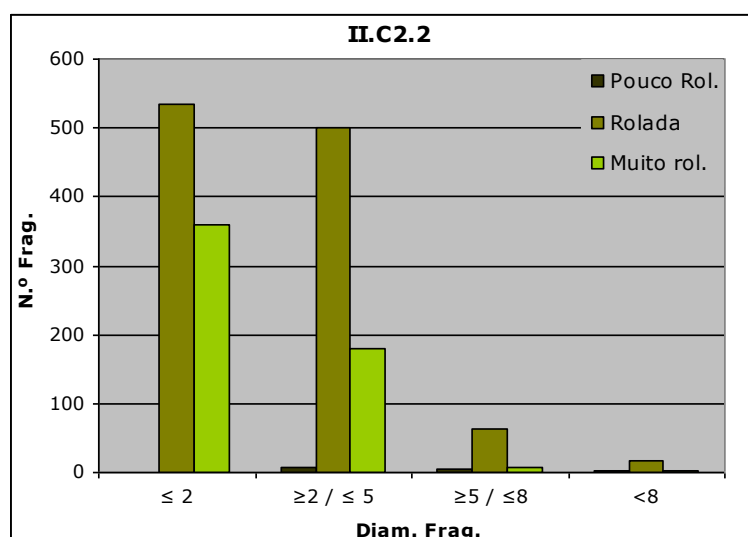


Gráfico 11 - Estado de fragmentação/ rolamento da cerâmica do Sector II, Sondagem C2, contexto 2

Do Sector III, localizado junto ao vale da Espargueira, analisaram-se os Contextos 1 e 2 da Sondagem F, implantada a meia encosta do topo do vale, uma vez que esta apresentava uma maior quantidade de cerâmicas, relativamente a todas as outras sondagens deste Sector.

É notório que ambos os contextos apresentam um elevado índice de rolamento e fragmentação, indicativo do seu transporte ao longo das vertentes. A única alteração visível, entre os dois contextos em análise, reporta-se a um menor rolamento dos fragmentos de maior dimensão registados no contexto 2.

Através desta sondagem e devido à sua localização específica, foi possível demonstrar a existência de povoamento, numa área completamente erodida e com uma potência estratigráfica muito reduzida, como se verificou com a escavação da Sondagem A (entre os 11 e os 17 cm), deste Sector.

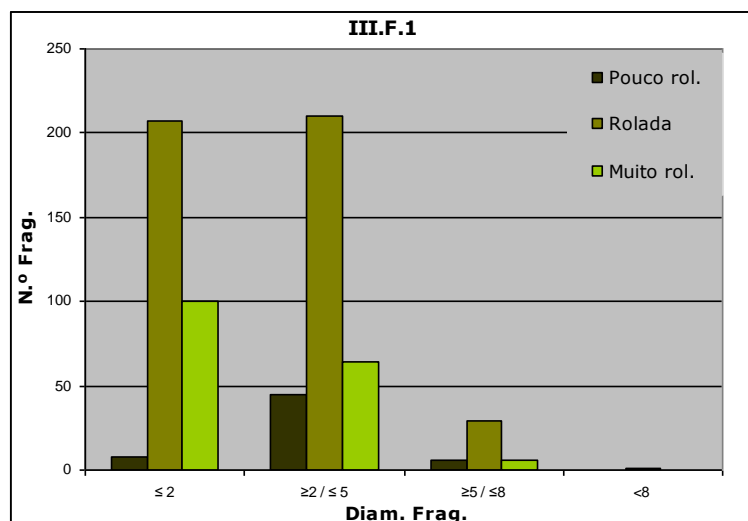


Gráfico 12 - Estado de fragmentação/ rolamento da cerâmica do Sector III, Sondagem F, contexto 1

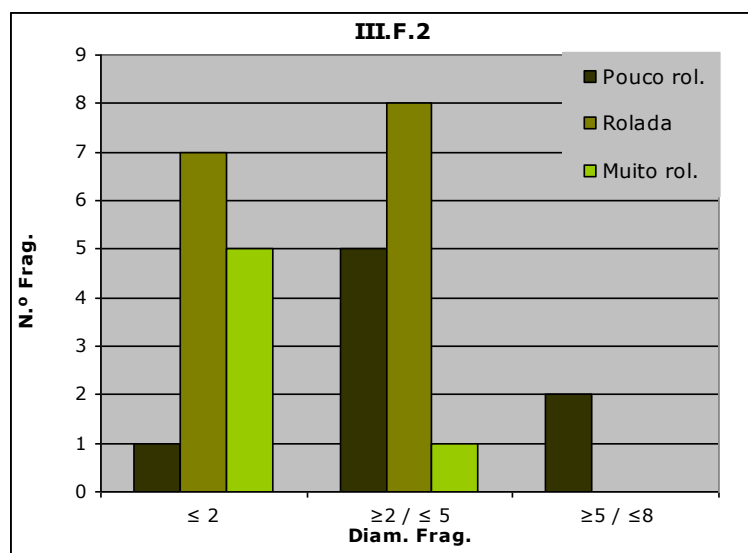


Gráfico 13 - Estado de fragmentação/ rolamento da cerâmica do Sector III, Sondagem F, contexto 2.

Quando se procedia à escavação da Sondagem I1, no decorrer da terceira fase, observou-se que a quantidade de materiais era muito superior à das restantes sondagens escavadas. Deste modo, procedeu-se a uma análise tipológica selectiva do espólio (formas carenadas, bordos denteados, bordos simples e recipientes com mamilos), percebendo-se que as grandes diferenças se encontravam a nível quantitativo e não tipológico como se pode observar nos dois gráficos apresentados.

Esta diferença parecia indicar a proximidade desta zona do local de instalação das populações que utilizaram estes artefactos, o que acabou por se verificar, em 2006, na Sondagem O.

No Contexto 2 de todas as sondagens, foram identificadas cerâmicas carenadas correspondendo, na Sondagem I1, a mais de metade da amostra, com 111 fragmentos, para 107 das restantes categorias.

Esta presença é proporcional à totalidade do espólio recolhido por sondagem, estando os bordos denteados ausentes na Sondagem I5, sendo também aquela que apresenta o menor número de espólio, o que poderá explicar tal ausência.

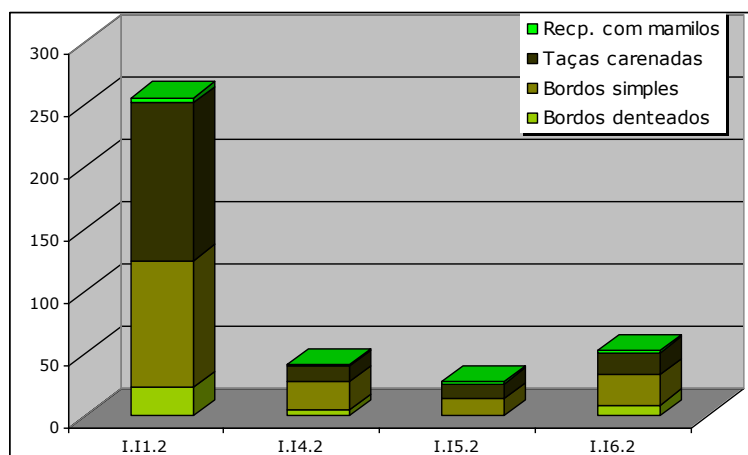


Gráfico 14 - Variação dos tipos formais no contexto 2 das Sondagens I

Na observação do Contexto 3, a diferença na quantidade de materiais cerâmicos esbate-se quando comparada com a Sondagem I6, surgindo uma diminuição nas cerâmicas carenadas, mantendo-se a proporção nos bordos denteados, que estão ausentes na Sondagem I4.

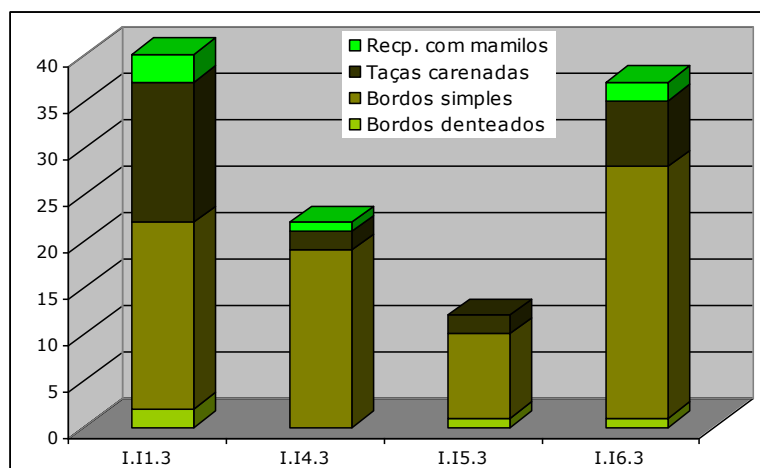


Gráfico 15 - Variação dos tipos formais no contexto 3, das Sondagens I

Quanto ao Sector II, que corresponde a outro dos núcleos de povoamento identificados, foi apenas obtido espólio junto das Sondagens C, com incidência nas Sondagens C2, C3 e C6.

Assim sendo, optou-se por analisar o conjunto das cerâmicas encontradas na depressão calcária, que aí foram depositadas num mesmo momento.

Verifica-se a clara superioridade das formas com bordos e cordões denteados, com 58 exemplares, sendo que 28 foram aplicados em taças e 11 em vasos. As formas carenadas são o segundo grupo mais bem representado com 54 exemplares, bem como as taças com 48 exemplares (incluímos nesta contagem as taças com bordos denteados).

Desta breve análise constata-se que, das cerâmicas classificadas, há um predomínio dos tipos fechados, onde se destacam as formas carenadas e os esféricos.

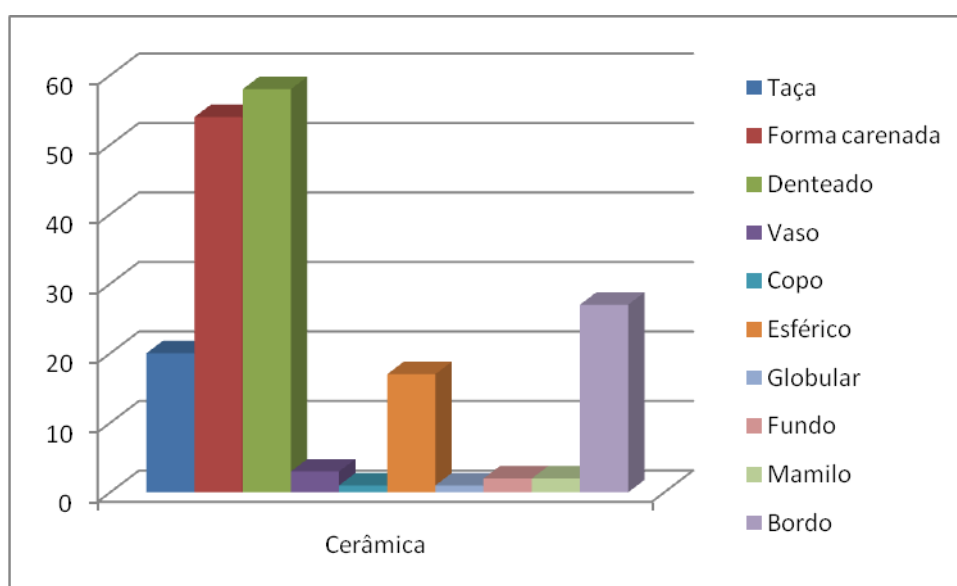


Gráfico 16 - Distribuição da cerâmica nas Sondagens C (C1-C7)

Do inventário geral, efectuado aos materiais cerâmicos obtidos na quinta fase, é possível perceber as tipologias mais frequentes nesta área.

À semelhança do Sector II, também aqui as formas fechadas apresentam um maior número de exemplares com esféricos e formas carenadas. Neste último caso, e para esta contagem, foram apenas considerados os exemplares que apresentavam bordos, de modo a não adulterar os dados, uma vez que para caracterizar uma forma carenada é suficiente um fragmento de carena, ao contrário dos outros tipos que necessitam do bordo.

Deste modo, a diferença entre cerâmicas com bordos denteados e as formas carenadas é aqui mais ténue.

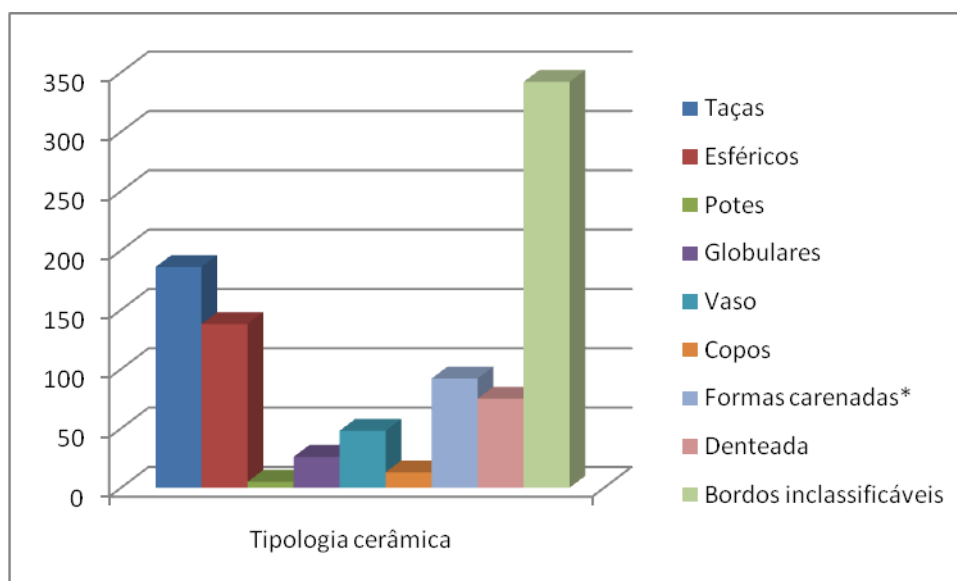


Gráfico 17 - Distribuição da cerâmica da 5ª Fase (*foram apenas considerados os fragmentos com bordo)

No que diz respeito à decoração ela surge, essencialmente, na forma de entalhados no bordo e em cordões plásticos, através de incisões em diferentes tipos cerâmicos, principalmente nas taças, mas também em vasos e esféricos e nas próprias carenas (cujo estudo é feito no capítulo seguinte).

Surgem, igualmente, cerâmicas com mamilos e outros padrões decorativos sobretudo com a técnica da incisão, mais raramente copos canelados e taças de bordo almendrado e perfurações.

As cerâmicas com decoração campaniforme são de pequenas dimensões e apresentam-se bastante roladas; surgem, essencialmente, no Contexto 1 e no topo do Contexto 2 e estão representadas com 13 exemplares.

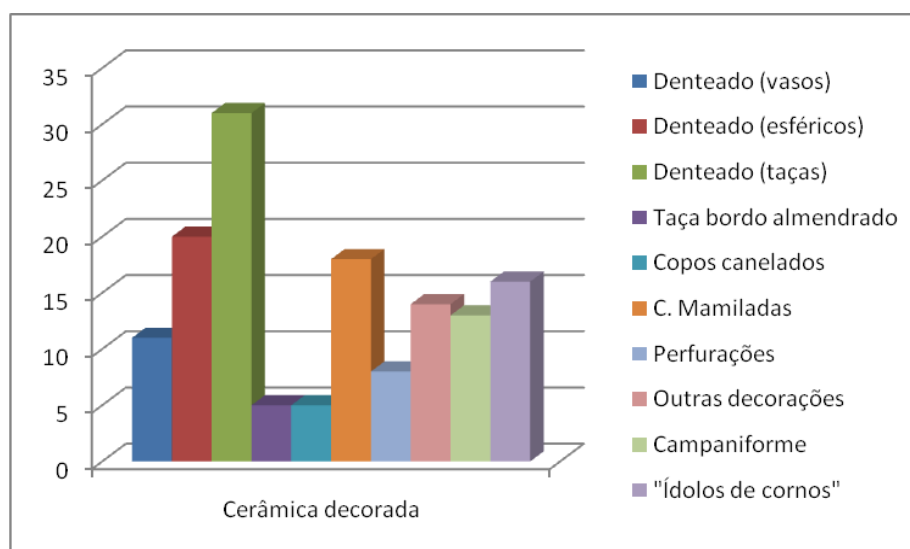


Gráfico 18 - Distribuição da cerâmica decorada da 5ª Fase

O conjunto artefactual de pedra lascada é numeroso correspondendo, maioritariamente, a peças onde se fez recurso ao sílex como matéria-prima, com apenas alguns casos em quartzito e quartzo-hialino. A tipologia destes artefactos é diversificada, abrangendo uma vasta gama de funções.

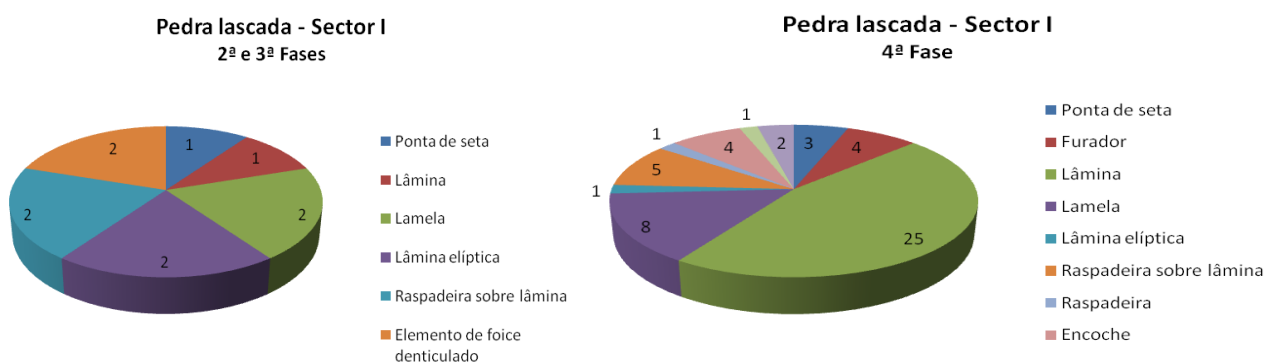
Neste âmbito, foi efectuado um estudo, ainda que parcial, pelo Dr. Paulo Rebelo que sistematiza esta indústria da seguinte forma:

“Uma análise preliminar dos dados mostra que estamos perante uma indústria lítica de carácter laminar, cuja finalidade é o de obter suportes alongados, muitos deles fracturados por flexão ou percussão tendo estes últimos, provavelmente, como aspecto funcional o encabamento em suportes de madeira.

Tipologicamente o conjunto é diversificado, sendo possível identificar utensilagens sobre lâmina como raspadeiras, pontas de seta, [raras] lâminas ovóides características da época Calcolítica, furadores, etc.

Tecnologicamente estamos essencialmente perante um método de debitage sobre pressão, apresentando os artefactos bolbos reduzidos ou muito reduzidos, alguns com labiado, bordos paralelos, espessuras finas e homogéneas.

Um outro aspecto relevante é a presença, na grande maioria das peças, de superfícies brilhantes ou muito brilhantes, indício da utilização do fogo como forma de facilitar e melhorar o talhe dos diferentes artefactos. O facto de a grande maioria dos artefactos não apresentar qualquer córtex, ligado à tipologia dos artefactos observados, e à não presença de qualquer núcleo, leva a acreditar que não estamos perante o local onde estes artefactos foram produzidos, mas sim onde, provavelmente, eram utilizados.” (in Encarnação, 2007, p.14).

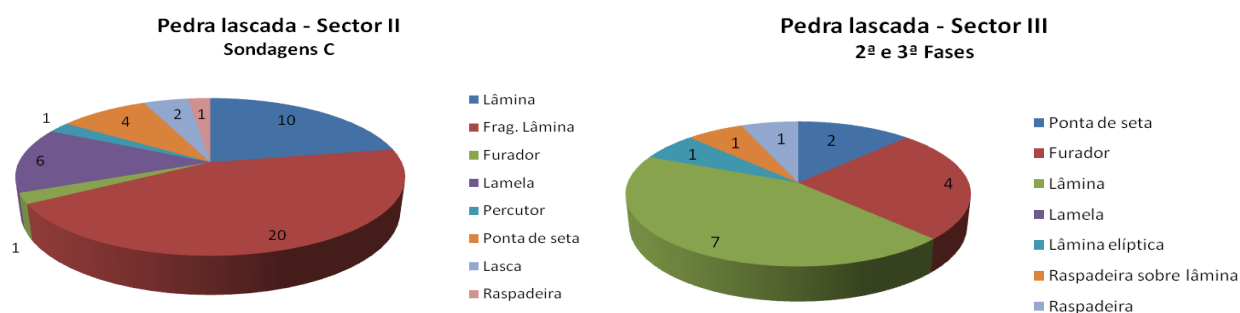


Gráficos 19 e 20 - Distribuição da pedra lascada no Sector I (2ª, 3ª e 4ª Fases)



Gráficos 21 e 22 - Distribuição da pedra lascada e da matéria-prima no Sector I (5ª Fase)

Deste modo, representa-se graficamente a distribuição tipológica da pedra lascada por Sectores e Fases, bem como da matéria-prima dos materiais líticos inventariados na quinta fase.



Gráficos 23 e 24 - Distribuição de artefactos em pedra lascada do Sector II, Sondagens C e do Sector III

De um modo geral, os artefactos de pedra polida encontram-se em bastante mau estado de conservação, apresentando-se muito fragmentados, surgindo com alguma frequência lascas de anfibolito polido.

Estas condições dificultam qualquer tentativa de caracterização destas peças, para além de comprovar o relativo estado de destruição a que o sítio foi sujeito ao longo dos tempos.

Dos materiais identificados podemos destacar alguns machados em anfibolito, bem como uma conta de colar neste material surgindo, igualmente, utensílios cujo suporte é o xisto anfibólico, como uma goiva. É de realçar que no Sector II estão completamente ausentes do registo arqueológico, utensílios em pedra polida.

Quanto aos objectos votivos, surgiram dois fragmentos de dimensões consideráveis de placas de xisto gravadas, uma no contexto 2 da Sondagem C2 (Sector II) e outra no Contexto 2, da Sondagem O (Sector I).

No gráfico seguinte estão representados os materiais em pedra polida e afeiçãoada identificados ao longo da quinta fase de trabalhos, verificando-se a escassez dos mesmos relativamente à pedra lascada.

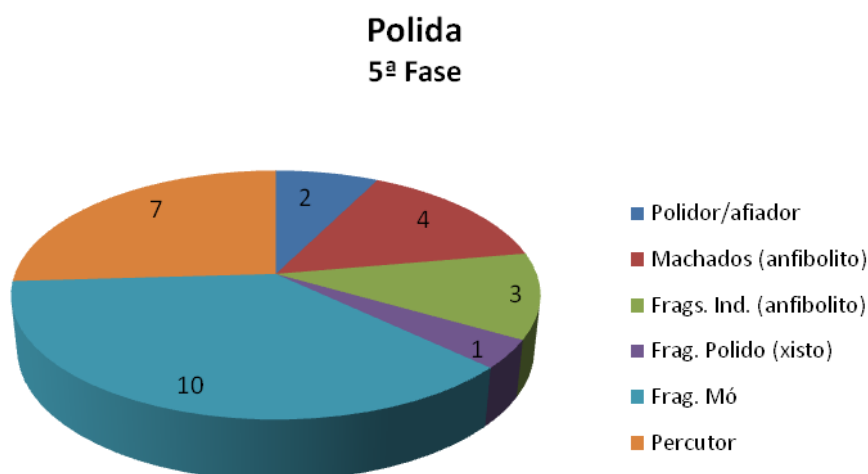


Gráfico 25 - Distribuição dos artefactos em pedra polida e afeiçãoada (5ª Fase)

O espólio em osso trabalhado não é muito abundante, mas encontra-se presente desde as recolhas de Manuel Heleno.

Deste, destacam-se dois cinzéis, artefacto cuja existência não estava comprovada, até este momento, no sítio da Espargueira/Serra das Éguas. Nestas duas peças denota-se, ainda, traços de abrasão finos e paralelos entre si, realizados durante o processo de elaboração. Os restantes artefactos pertencem a tipos já anteriormente conhecidos neste povoado, como furadores e agulhas, salientando-se uma agulha com perfuração, um alfinete de cabelo, uma conta de colar tubular e um pingente com perfuração.

No que diz respeito à fauna mamalógica, ela é abundante surgindo sobretudo nos Contextos 2 e 8 do Sector I.

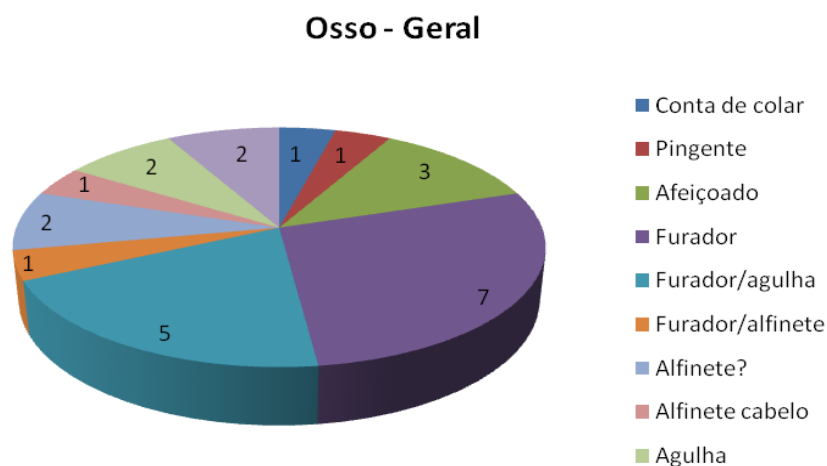


Gráfico 26 - Distribuição geral dos utensílios em osso afeiçoado

Apenas foi recolhido um artefacto metálico nos trabalhos recentes, como seria expectável, que provém de um contexto revolvido, da Sondagem J, do Sector I. Trata-se de uma provável agulha em liga de cobre, de secção circular, com um comprimento de 42 mm e uma espessura de 2 mm.

Nesta mesma sondagem, mas no Contexto 2, foi recolhido um fragmento de queijeira, ausente nas restantes sondagens, bem como dois elementos de foice denticulados e uma lâmina elíptica fazendo perceber a localização estratégica da mesma para a retenção de alguns materiais ligeiramente posteriores.

8 - As cerâmicas carenadas

8.1. O conjunto em estudo

As cerâmicas seleccionadas para a elaboração do tema central desta Dissertação têm uma proveniência heterogénea ao nível dos trabalhos arqueológicos que estiveram na sua origem, bem como diferenças temporais significativas e métodos de estudo distintos na sua recolha.

Aqui, incluem-se os materiais recolhidos pela equipa de Manuel Heleno, em 1932, quer em valas de sondagem, quer, certamente, em prospecção; as recolhas de superfície levadas a cabo, ao longo de diversos anos, por Associações de Defesa do Património da Amadora; e, ainda, dos trabalhos desenvolvidos pelo Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, desde 2003, sob coordenação da autora deste estudo, que incluíram prospecção e abertura de 56 sondagens manuais.

Estas cerâmicas caracterizam-se, sobretudo, por se encontrarem bastante fragmentadas, à semelhança dos outros tipos formais recolhidos neste povoado, faltando-lhes uma grande parte do recipiente, sobretudo no que diz respeito à componente inferior.

As duas excepções, em todo o povoado, são: um vaso hemisférico com 6 mamilos, em reserva no Museu Nacional de Arqueologia (MNALV.44001.Serra das Éguas) e mencionado por Manuel Heleno no seu Caderno de Campo “...um vaso completo com protoberancia em forma de mamilo” (Heleno, 1932, Cad., n.º4, p.4), mas desconhecendo-se as circunstâncias e local preciso de tal achado; e um globular com 39 fragmentos (com ausência de bordo), recolhido no Contexto 2, da Sondagem O, do Sector I, em 2006, entre as cotas 169,98 m e 169,95 m.

Relativamente às cerâmicas carenadas existentes no Museu Nacional de Arqueologia, foram contabilizados 124 fragmentos. No entanto, só 106 foram objecto de representação gráfica e análise detalhada, uma vez que 9 deles correspondem apenas à zona da carena, 7 ao bordo com arranque de carena e que dada a sua reduzida dimensão não permitiu a obtenção de qualquer medida e consequente caracterização formal e 2 enquadrar-se-ão numa época posterior.

Foram, apesar disso, considerados todos os fragmentos de carenas que apresentavam decoração, independentemente da existência ou não de bordo, num total de 10.

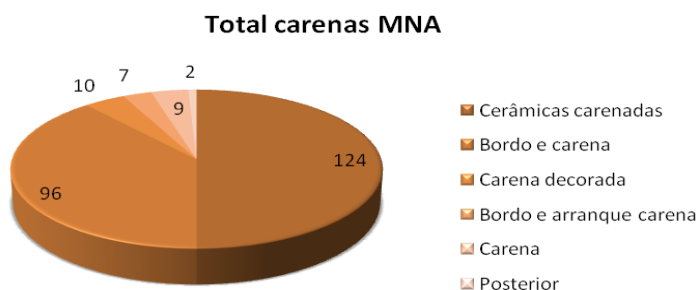


Gráfico 27 - Representação do universo de carenas existentes e estudadas no MNA

No que diz respeito ao espólio em reserva no Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, foram contabilizados 211 fragmentos passíveis de análise, para um total de 665 fragmentos em reserva, dos quais 57 possuem bordo e arranque de carena, mas não permitem caracterização devido às suas reduzidas dimensões e 397 correspondentes a fragmentos de carenas. Das 36 carenas com decoração registadas, 21 não apresentam bordo.

Total carenas MMAR

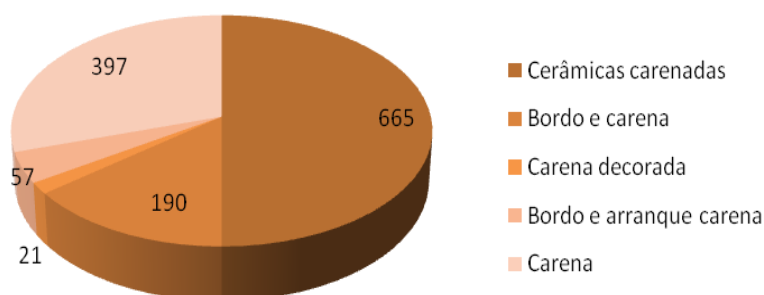


Gráfico 28 - Representação do universo de carenas existentes e estudadas no MMAR

Quanto à sua distribuição por sectores, verifica-se que o Sector I possui o maior número de exemplares, mas também é aquele onde foi aberto o maior número de sondagens (25), apesar de em 9 delas o espólio se encontrar praticamente ausente do registo arqueológico.

Os materiais de superfície, sem localização precisa, são o segundo grande grupo. Quanto ao Sector II e apesar de se ter identificado uma bolsa de acumulação de materiais de cronologia exclusiva do Neolítico final/Calcolítico inicial, esta era de pequena dimensão, pelo que o seu número é superado, pelo Sector III, cujos materiais recolhidos resultam da acumulação de terras provenientes do topo do cerro, onde se localizava um dos núcleos de povoamento.

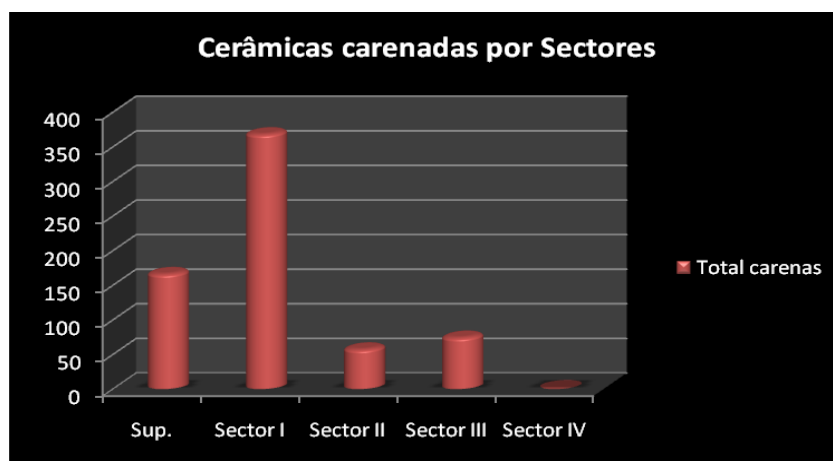


Gráfico 29 - Distribuição por sectores, do total das cerâmicas carenadas

Das cerâmicas carenadas analisadas verifica-se que, percentualmente, os materiais de superfície aumentam e reduzem os do Sector III mas, no cômputo geral, as cerâmicas provenientes das sondagens continuam a ser maioritárias.

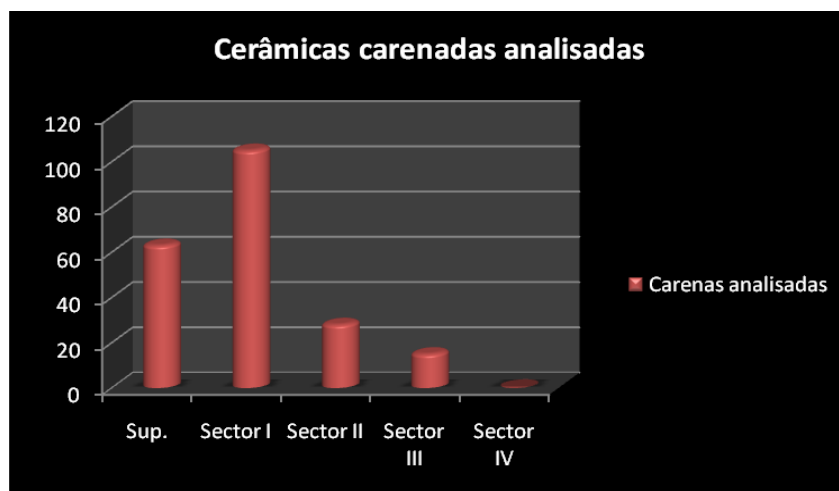


Gráfico 30 - Distribuição por sectores, das cerâmicas analisadas

Quanto à proveniência destas cerâmicas dentro de cada sector, constata-se que no Sector I elas são claramente predominantes no Contexto 2 e no Contexto 8 (nas sondagens onde este surge), como era expectável.

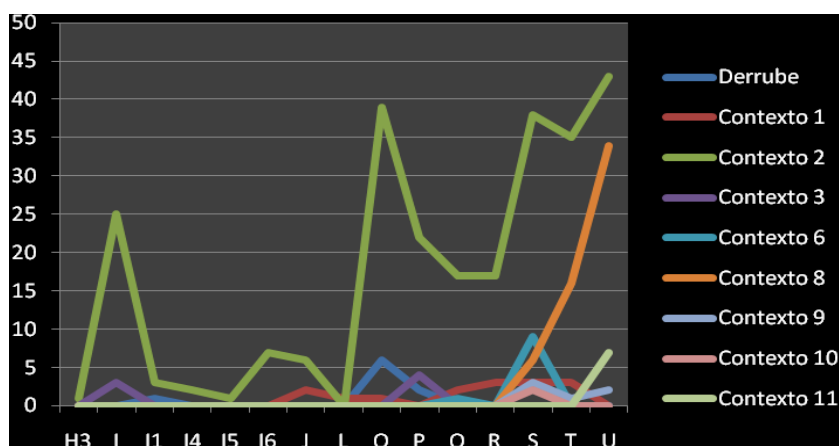


Gráfico 31 - Distribuição das cerâmicas carenadas no Sector I, por sondagens

No que diz respeito ao Sector II e dada a existência de apenas dois contextos nas Sondagens C, a maioria das cerâmicas estudadas foram recolhidas no Contexto 2 e, neste, na Sondagem C2.

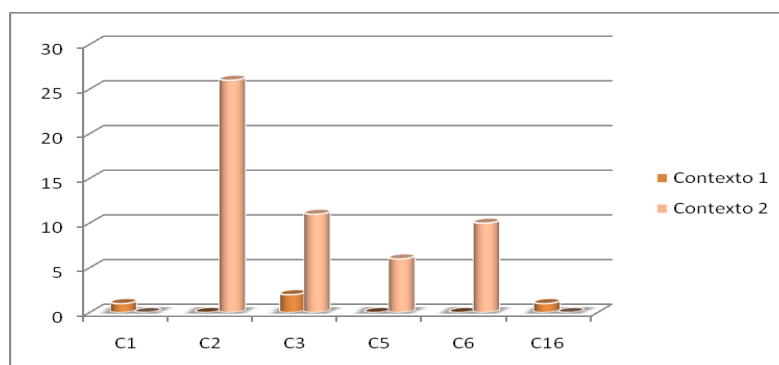


Gráfico 32 - Distribuição das cerâmicas carenadas no Sector II, por sondagens

A grande diferenciação na distribuição das cerâmicas carenadas, pelos diversos contextos do Sector III, é o reflexo da natureza da sua própria constituição, fazendo com que elas surjam tanto no Contexto 1 como, indiferentemente, nos restantes contextos.

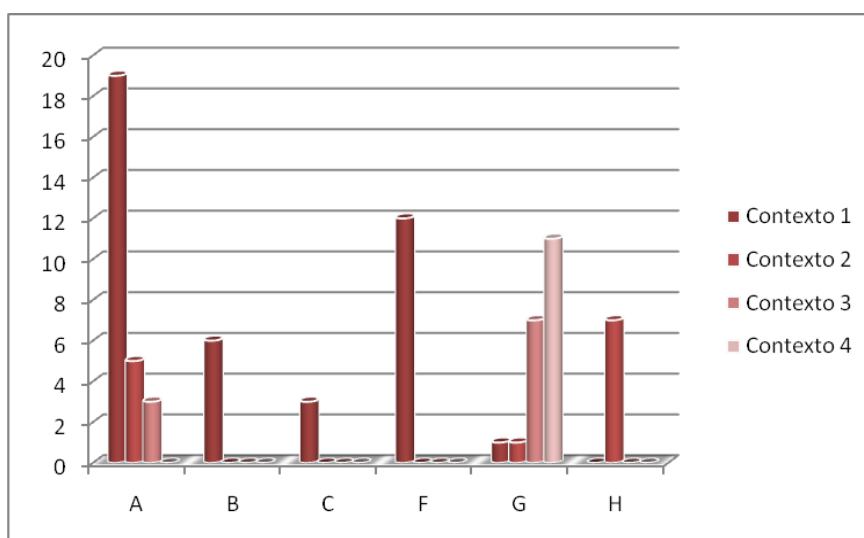


Gráfico 33 - Distribuição das cerâmicas carenadas no Sector III, por sondagens

8.2. Metodologia utilizada

Apesar das diferentes proveniências, expostas no subcapítulo anterior, estes materiais foram entendidos como um conjunto e tratados como tal, reflectindo-se os diversos resultados obtidos para a totalidade dos 317 fragmentos em análise, à excepção das cerâmicas decoradas que não possuem bordo, no que diz respeito à forma e caracterização tipológica.

A todos estes fragmentos foi atribuído um número de inventário, antecedido de uma sigla, que corresponde ao local de depósito dos mesmos. Para o Museu Nacional de Arqueologia, optou-se pela sigla MNA, utilizada pela própria instituição, seguida do número de inventário (MNA 1 a

111) e para o Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, a sigla MMAR, também em uso no referido Museu seguida, igualmente, do número de inventário (MMAR 1 a 228).

A sequência numérica é, pontualmente, interrompida devido à verificação, numa segunda fase de análise dos materiais, que eles não correspondiam, efectivamente, a carenas, ou que as dimensões da área da carena eram muito reduzidas.

Optou-se, no entanto, por não alterar a sequência numérica, já atribuída, uma vez que a mesma não interferia com nenhum dos dados obtidos.

Todas as peças que permitiram a sua reconstituição formal (num total de 259) foram objecto de representação gráfica do perfil e reconstituição da componente inferior, surgindo nas estampas, em anexo, à escala 1:2. Nas cerâmicas decoradas sem bordo optou-se pela escala 1:1.

A representação gráfica do fragmento restringiu-se às cerâmicas decoradas (58), para uma melhor compreensão das mesmas, não se justificando, a nosso ver, esta metodologia para as restantes cerâmicas, não só pelo volume de trabalho que isso implicaria mas, também, porque todas as medidas estão consideradas nas fichas individuais, onde foi colocada, igualmente, uma fotografia das mesmas.

Como mencionado e numa primeira fase, foi elaborada uma ficha analítica individual onde, para além da fotografia, já referida, foi indicada a proveniência da peça, quer em termos de reserva, quer no próprio terreno, bem como indicadas todas as medidas necessárias para a sua caracterização.

Foram analisados diversos elementos ao nível das pastas, da sua composição (componentes não plásticos), tipo de cozedura, bem como o tratamento dado às superfícies das peças a partir dos descritores definidos por Martins e Ramos (1992, p.91-101), Vilaça (1995, p.46-50) e Gonçalves (2009, p.167-168), com adaptações à realidade em estudo.

Ao nível formal e seguindo os parâmetros determinados por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1976-77, p.179-184), foram consideradas três formas estabelecidas pela equação $I_p' = \left(\frac{Hx100}{Dbe} \right)$, sendo que os vasos carenados correspondem a índices de profundidade superiores a 40, tendo em conta que uma taça carenada, usando o mesmo critério atrás referido, está englobada num índice de profundidade que vai entre 10 e 40 (idem, p.183) e os pratos carenados, para valores inferiores a 10, apesar de noutras categorias de pratos (bordo sem espessamento e bordo almendrado), eles apresentarem valores inferiores a 20, o que aumentaria o número de exemplares registados.

Foi ainda considerada a divisão das carenas em “muito alta”; “alta”; “média”, “baixa” e “muito baixa”, obtidos pela equação $I_{hc} = \left(\frac{Hcx100}{H} \right)$, sendo uma carena muito alta aquela

que corresponde a valores superiores a 75; a carena alta a valores de 56 a 75; a carena média para valores de 46 a 55; a carena baixa de 26 a 45 e a carena muito baixa para valores iguais ou inferiores a 25 (ibidem, p. 182).

É de salientar, que todos os valores obtidos para integração das formas e tipos acima mencionados, são valores conseguidos a partir da reconstituição da componente inferior, com o auxílio de uma régua moldável, que se adapta ao tipo de fundo conhecido para estes recipientes cerâmicos, uma vez que a totalidade das carenas em estudo não possui uma grande parte da componente inferior.

Para a caracterização mais específica das formas carenadas, e sua subdivisão em “tipos” utilizou-se a proposta de Victor Gonçalves (1995, p.77-78), com as necessárias adaptações à colecção em estudo, tendo-se elaborado uma tabela, inserida no subcapítulo respeitante ao catálogo de formas para uma percepção imediata dos tipos existentes.

A mesma situação foi adoptada para as técnicas decorativas onde, para além da tabela apresentada em anexo, de todos os fragmentos decorados, onde se incluiu a fotografia, o desenho e a descrição da decoração existente. No próprio capítulo respeitante a este assunto, são inseridos exemplos do descrito ao longo do texto.

8.3. Catálogo de formas

Construir um catálogo de formas a partir de um tipo cerâmico, pode parecer contraditório. Contudo, o que se constata quando se analisa um número razoável de fragmentos de cerâmicas carenadas, é que existe uma grande diversidade dentro deste mesmo tipo.

Os primeiros trabalhos dedicados ao estudo das formas carenadas, da pré-história recente, apenas as inseriam no grupo das taças, onde eram caracterizadas como “recipiente pouco profundo – Ip’ entre 10 e 40 – e largo, formado por um fundo quer em calote quer aplanado, e por um corpo, sub-cilíndrico ou tronco-cónico, separado daquele por uma carena” (Silva e Soares, 1976-77, p. 183).

Posteriormente, outros autores (Gonçalves, 1995) dedicaram-se ao seu estudo, decompondo este recipiente em diferentes tipos de acordo com a forma da componente superior e inferior (idem, p.78), mas também a inclusão de outra forma, o vaso carenado, no conjunto dos recipientes fabricados e utilizados pelas populações do Neolítico final (Sousa, 1998, p.104).

Fazendo uso dos diferentes pressupostos teórico/práticos dos autores referidos, que se aplicaram às cerâmicas carenadas da Espargueira/Serra das Éguas, chegou-se aos resultados que a seguir se descrevem.

Verifica-se que, na realidade, não só não nos podemos restringir à designação de taças carenadas, como temos de alargar esta referência aos vasos e aos pratos. Estão, assim, presentes três tipos formais, o vaso, a taça e o prato, apesar de um ser claramente superior aos outros.

Quanto aos pratos, e considerados os índices de profundidade estabelecidos por Silva e Soares (1976/1977, p.182), são em número muito residual; no entanto, as taças carenadas de carena muito baixa assemelham-se, nitidamente, a pratos. Se forem considerados índices de profundidade inferiores a 20 para os pratos, o seu número passa de 4 para 46.

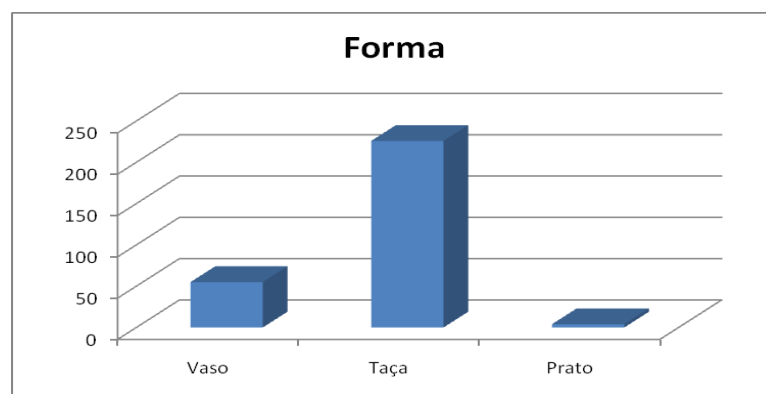


Gráfico 34 - Distribuição das formas carenadas

Como cedo se verificou (idem, 1976-77), a carena pode estar posicionada em diferentes pontos da peça, classificando-se como muito alta, alta, média, baixa e muito baixa.

Todos estes tipos de carena estão presentes na Espargueira/Serra das Éguas, predominando na amostra em análise as carenas altas, sendo secundadas pelas muito altas ainda que com um número equivalente a menos de metade destas, apresentando as carenas médias e baixas valores praticamente equivalentes, sendo bastante reduzido o número de carenas muito baixas.

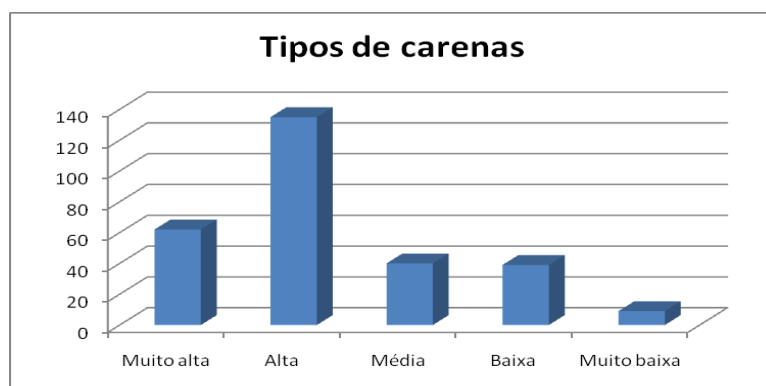


Gráfico 35 - Distribuição dos tipos de carenas

Ao relacionar a forma do recipiente com o tipo de carena escolhida para o fabrico dos recipientes, observa-se o uso de todos os tipos de carena na produção de taças, apesar das diferenças acima mencionadas e a opção clara de carenas altas e muito altas no fabrico dos vasos.

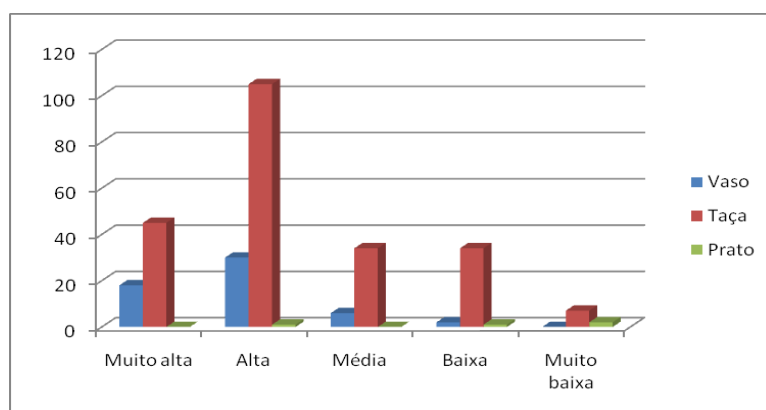






Gráfico 36 - Relação entre as formas e os tipos de carenas

Esta diversidade deverá estar relacionada com os diferentes fins que lhes foram atribuídos (Sousa, 1998, p.104), por exemplo, um vaso poderia servir para colocação de alimentos mais líquidos, uma vez que se trata de um recipiente, por vezes, muito fechado e fundo, enquanto que um prato ou uma taça de carena baixa ou muito baixa serviriam, provavelmente, para alimentos sólidos.

Na análise pormenorizada das formas carenadas, é ainda possível dividi-las em subtipos tendo em conta a forma da componente superior e inferior. No que diz respeito à componente superior, constatou-se a existência de quatro subtipos: o rombóide (—); o troncocónico (—); o hiperbolóide (—); e o subcilíndrico (—); sendo a componente superior mais

dominante a de forma troncocónica com 114 exemplares, surgindo as restantes formas de modo mais ou menos equilibrado.

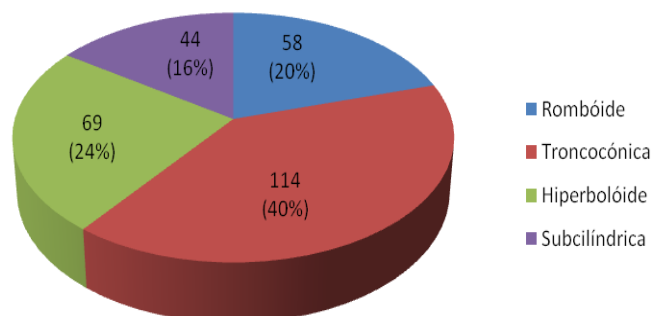


Gráfico 37 - Distribuição da componente superior

Quanto à componente inferior, apesar de a sua forma ser essencialmente convexa, identificaram-se três subtipos: o convexo (); o convexo/aplanado () e o aplanado (), com uma presença maioritária de componentes inferiores convexas, com 78% da amostra.

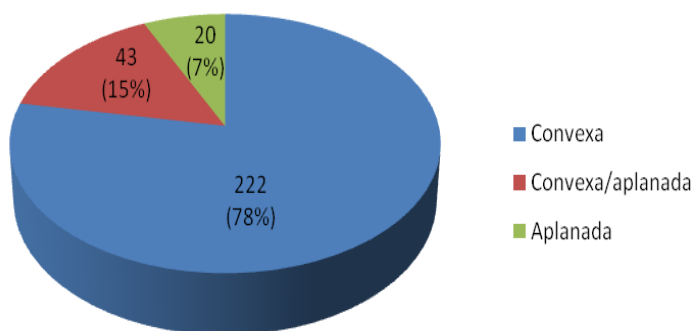


Gráfico 38 - Distribuição da componente inferior

Ao relacionar as duas componentes verifica-se que, independentemente da forma escolhida para a componente superior, o uso da componente inferior convexa é predominante, sendo claramente minoritárias as componentes inferiores de forma convexa/aplanada e aplanada, que seriam mais funcionais quando colocadas sobre um piso mais ou menos irregular, como o seria das cabanas.

Destaca-se, ainda, que quando se opta pela estruturação de uma componente superior hiperbolóide ou subcilíndrica, a escolha por uma componente inferior convexa/aplanada, ou aplanada, parecem ser uma opção equivalente.

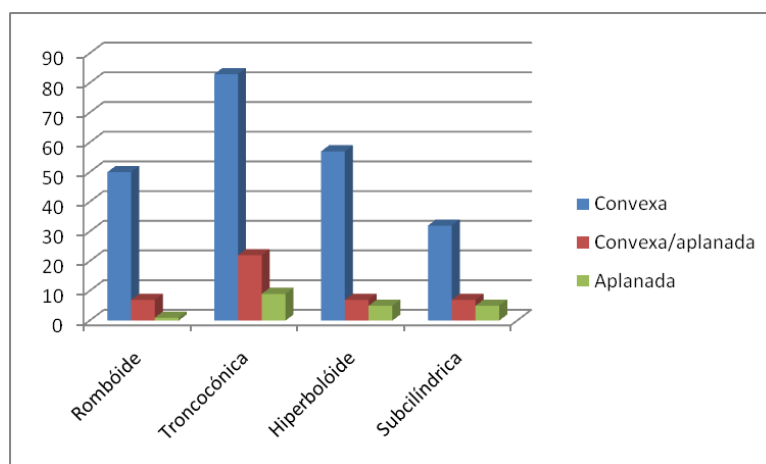


Gráfico 39 - Relação entre a componente superior e inferior

Deste modo, é possível apresentar dois catálogos de formas, tendo em conta os critérios de análise estabelecidos e os dados obtidos: um primeiro, onde se apresenta a relação da distribuição de formas com os tipos de carenas e um segundo, onde se relacionam as formas com as componentes superior e inferior.

		Forma	Vaso carenado Ip' > 40	Taça carenada Ip' 10 a 40	Prato carenado Ip' < 10
Tipo	Muito alta Ip' < 75				Ausente
	Alta Ip' 56 a 75				
	Média Ip' 46 a 55				Ausente
	Baixa Ip' 26 a 45				
	Muito baixa Ip' ≤ 25		Ausente		

Tabela 1 - Catálogo de formas e tipos de carenas

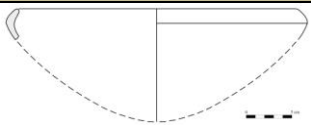
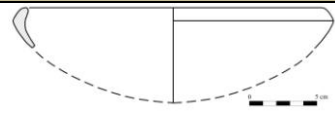
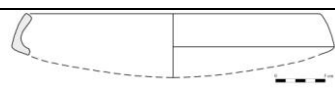


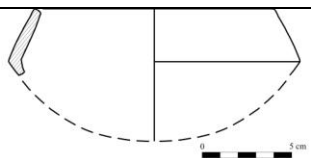
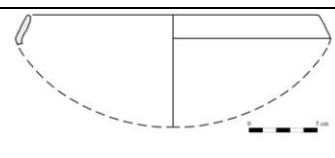
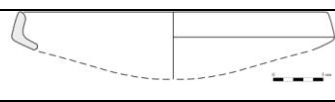


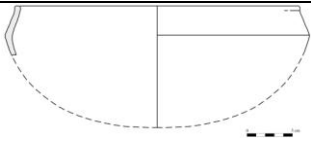
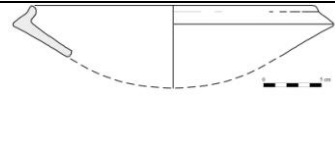

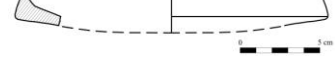

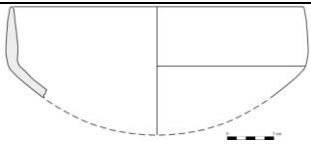
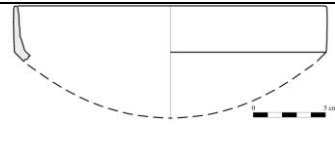
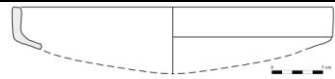

	Forma	Vaso	Taça	Prato
Rombóide	Convexa			Ausente
	Convexa/aplanada	Ausente		Ausente
	Aplanada	Ausente		
Troncocónica	Convexa			Ausente
	Convexa/aplanada	Ausente		Ausente
	Aplanada	Ausente		
Hiperbolóide	Convexa			Ausente
	Convexa/aplanada	Ausente		Ausente
	Aplanada	Ausente		
Subcilíndrica	Convexa			Ausente
	Convexa/aplanada	Ausente		Ausente
	Aplanada	Ausente		Ausente

Tabela 2 - Catálogo de formas em relação com as componentes superior e inferior

8.4. As pastas

A análise das pastas utilizadas para o fabrico das formas carenadas do povoado da Espargueira/Serra das Éguas visou, essencialmente, quatro aspectos: o tipo de cozedura, a sua

compacidade, o tratamento das superfícies externa e interna e os componentes não plásticos (c.n.p.).

Para as cozeduras foram consideradas as seguintes situações:

- **cozedura oxidante**, resultante de fornos de ar livre, sujeitos à circulação de oxigénio, onde as pastas apresentam cores, na superfície e no núcleo, que vão do bege, passando pelo laranja, até ao castanho;
- **oxidação incompleta**, com superfícies claras e núcleos escuros;
- **cozedura redutora**, resultante de fornos fechados, impedindo a circulação de oxigénio, apresentando as pastas cores que vão do cinzento ao negro;
- **cozedura redutora parcial com arrefecimento oxidante**, com pastas de cores escuras no interior e numa das superfícies (cinzenta a negra) e claras na outra superfície.

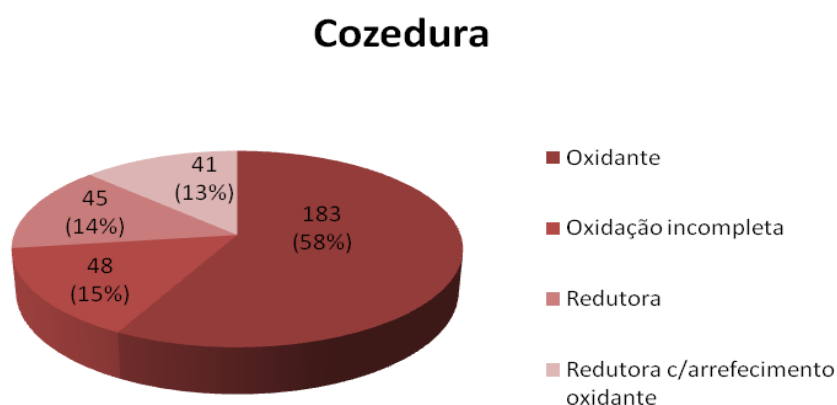


Gráfico 40 - Distribuição das cozeduras identificadas

Os resultados obtidos para a caracterização das cozeduras evidenciam, de uma forma clara, o predomínio das cozeduras oxidantes, com 73% da amostra, isto é, em fornos com uma técnica de construção mais simples, mas que serviria os propósitos dos seus fabricantes e utilizadores.

De qualquer modo, não estão ausentes deste registo as cerâmicas de cozeduras exclusivamente redutoras cuja opção, à partida, não estará directamente relacionada com um tipo cerâmico, uma vez que esta abordagem está centrada nas cerâmicas carenadas.

Para a integração das cores nas diferentes cozeduras, não foi feito recurso a qualquer tabela de cores, porque em fragmentos reduzidos, como é o caso da maioria dos exemplares desta amostra, surgem várias tonalidades, o que seria quase impossível optar por uma em detrimento de outra e ser extrapolada para a totalidade do recipiente, caso o houvesse, resultaria numa multiplicidade de cores.

No que diz respeito à compacidade das pastas foram estabelecidos três critérios:

- **compactas**, quando a pasta é bastante homogénea, com c.n.p. pequenos e de distribuição regular e a mesma não se encontra em desagregação;
- **semi-compactas**, quando se mostra num estado intermédio entre as outras duas categorias criadas;
- **friáveis**, quando a pasta é pouco consistente, com c.n.p. de grandes dimensões e distribuídos de forma irregular e quando a mesma se apresenta em desagregação ao toque.

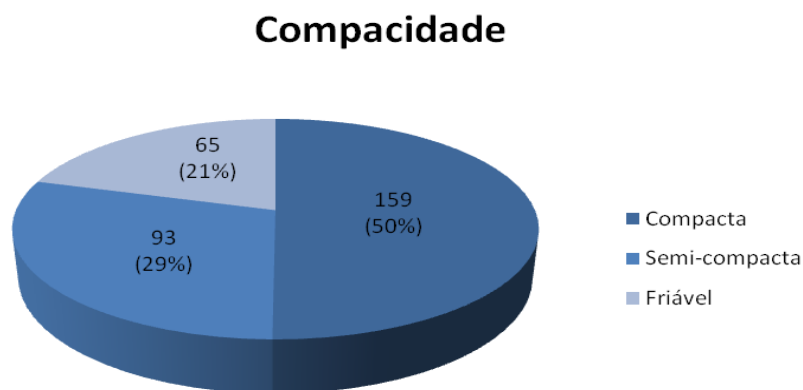


Gráfico 41 - Distribuição da compacidade das cerâmicas

Pelo gráfico de distribuição apresentado, constata-se que cerca de metade dos materiais são compactos e apenas 1/5 são friáveis. Deve ter-se no entanto, presente, o elevado grau de fragmentação que os mesmos se encontram.

Como foi descrito no subcapítulo 8.2., referente ao espólio recolhido e nos casos em que se fez o estudo de rolamento e fragmentação das cerâmicas de algumas sondagens dos Sectores I e II, onde se incluem parte das carenas estudadas, elas integram-se nas categorias de muito roladas e roladas, sobretudo com dimensões iguais ou inferiores a 2 cm.

Para o cálculo dos componentes não plásticos (c.n.p.) registaram-se apenas aqueles que são visíveis a olho nu, sem recurso a qualquer tipo de lupa.

Deste modo, foi feito recurso ao calcário, ao quartzo, quer hialino, quer leitoso, à biotite, aos feldspatos e à moscovite para adicionar às argilas.

Verifica-se que destes, o mais utilizado foi o calcário, em 287 dos exemplares, com possibilidade de obtenção local (cf. Capítulo 3); o quartzo, em 212 exemplares, seguido da biotite e dos feldspatos, cuja aquisição é possível na vizinha Serra de Sintra ou nas areias sedimentares existentes nos rios e ribeiras próximas.

A moscovite tem uma presença minoritária, que deverá estar relacionada com a sua ausência na região.

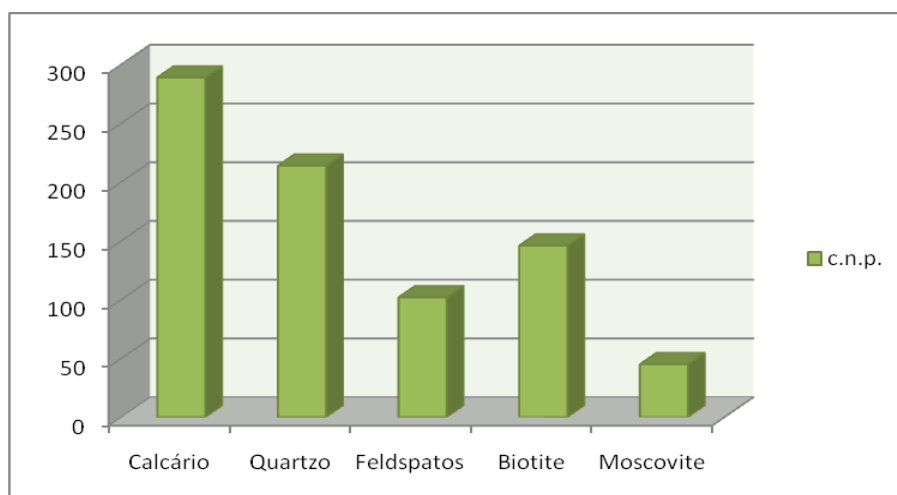


Gráfico 42 - Presença de componentes não plásticos

Quanto ao tratamento das superfícies, foram consideradas as seguintes categorias:

- **aguada**, quando o acabamento é feito através da aplicação, sobre a peça, de uma camada de barro líquido (barbotina);
- **alisada**, quando o acabamento é feito através da passagem, sobre a pasta húmida, de um tecido ou pele;
- **espatulada**, quando o acabamento é feito através da passagem, sobre a pasta húmida, de um objecto rectangular, que deixa marcas visíveis;
- **polida**, quando o acabamento é feito através da passagem, sobre a pasta semi-seca, de um objecto duro e liso, dando-lhe um aspecto brilhante;
- **sem tratamento**, quando não foi aplicado qualquer tipo de tratamento na superfície da peça;
- **destruída**, quando a superfície, devido às condições de jazida, se encontra em desagregação.

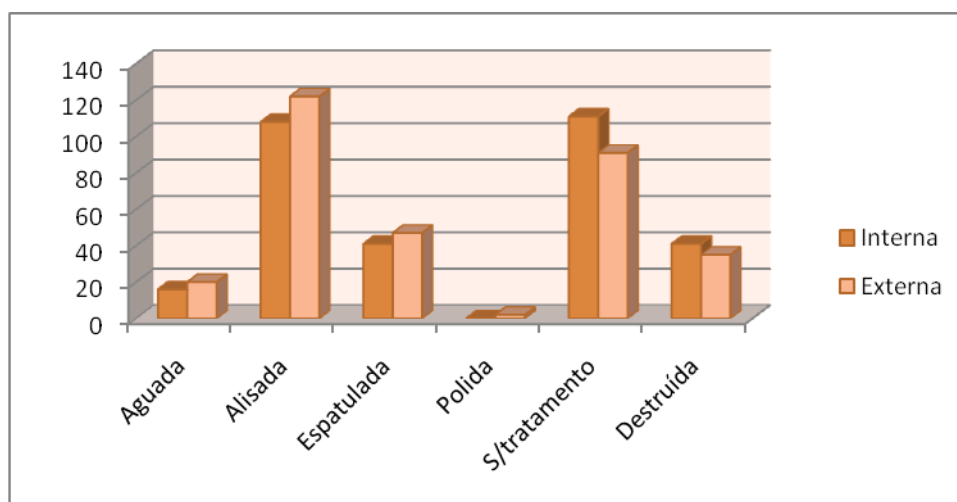


Gráfico 43 - Distribuição das técnicas utilizadas para o tratamento das superfícies externa e interna

Da análise efectuada, apura-se que muitas das cerâmicas não foram objecto de qualquer tipo de tratamento e uma parte encontra-se com as superfícies muito destruídas, o que não permitiu averiguar se foram sujeitas a algum tratamento, ou não.

Das que sofreram tratamento, aquele que foi mais utilizado, quer na superfície externa, quer na interna, foi o alisamento, o que lhes conferiu uma certa homogeneidade e uma maior capacidade de impermeabilização, seguindo-se o espatulamento, cujo resultado final é equivalente, apenas alterando o utensílio utilizado para o efeito.

8.5. As decorações

As produções cerâmicas nos povoados do Neolítico final/Calcolítico inicial caracterizam-se por serem maioritariamente lisas, como é o caso da primeira fase de Leceia (Cardoso, 2006, p.17), de Vale de Lobos (Valente, 2006, p.37) e do Penedo do Lexim (Sousa, 2003, p.323), servindo os exemplares decorados para caracterizar os períodos acima referidos, os bordos denteados relativamente ao Neolítico final e as taças e os copos canelados para o Calcolítico inicial (Sousa, 2003, p.320).

O povoado da Espargueira/Serra das Éguas não constitui excepção. Em milhares de fragmentos de cerâmica recolhidos, ao longo das cinco fases de trabalhos arqueológicos e em prospecções, só uma pequena percentagem apresenta decoração. Por exemplo, dos materiais cerâmicos recolhidos na quinta fase, dos cerca de 1000 exemplares inventariados, que possuem bordos, apenas 13 % apresentava decoração.

No que diz respeito a este povoado, para além das cerâmicas com bordos denteados, um dos grupos cerâmicos que apresenta maior número de exemplares decorados é, precisamente, o das formas carenadas, com 18% da amostra em estudo (58 exemplares), onde se encontram fragmentos com bordo (27) e sem bordo (31).

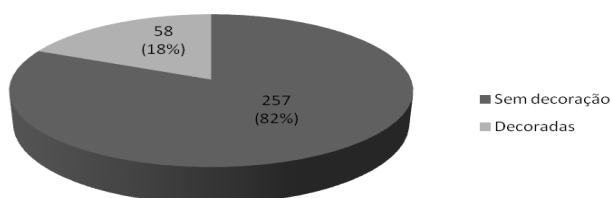


Gráfico 44 - Distribuição de carenas decoradas, no conjunto em estudo

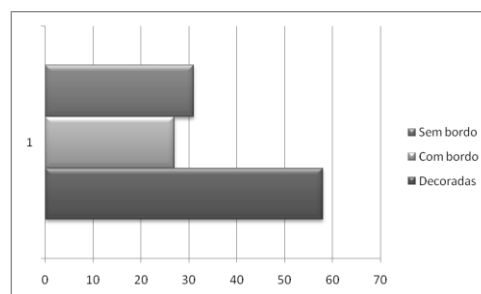


Gráfico 45 - Distribuição de carenas decoradas com e sem bordo

Esta situação parece ser comum nos povoados acima referidos e onde foram elaborados estudos tipológicos, verificaram-se situações próximas à da Espargueira/Serra das Éguas. Como afirma J. L. Cardoso “...a técnica decorativa do denteado, por incisão ou impressão, foi aplicada às carenas das taças carenadas, outro “item” do Neolítico final da Estremadura, em geral liso” (2006, p.22) e “...os exemplares decorados com mamilos...seja sobre a carena, mais ou menos acentuada...” (idem, p.23), ou como afirma ainda Alexandra Valente “A decoração denteada surge maioritariamente em bordos. No entanto, é possível observá-la, igualmente...numa carena...” (2006, p.38).

Comparativamente com o povoado em estudo, o número de cerâmicas carenadas com decoração é, aparentemente, superior se tivermos em conta a área escavada de Leceia e de Vale de Lobos; neste último, com a inclusão das terras crivadas, bem como a sua total ausência no Penedo do Lexim, que poderá estar “mascarada” pelas condições de preservação da primeira ocupação deste espaço.

Quanto aos motivos decorativos presentes nas cerâmicas carenadas da Espargueira/Serra das Éguas, estes foram executados através de três técnicas: a plástica, a impressa e a incisa, tendo aqui também sido considerados os exemplares com perfuração.

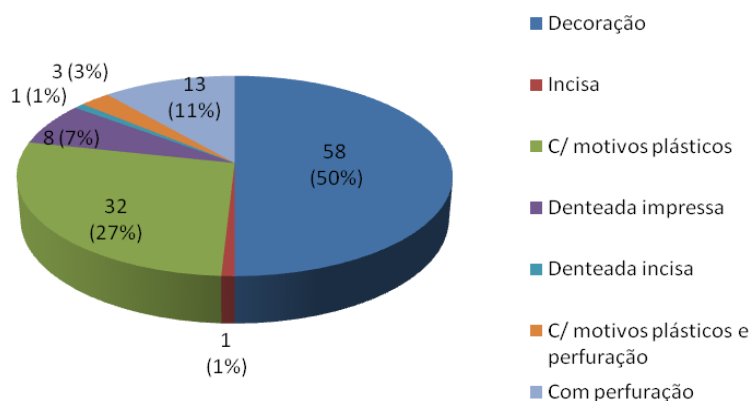


Gráfico 46 - Distribuição dos motivos decorativos em formas carenadas

A decoração plástica está representada em 35 exemplares que correspondem à maioria da amostra (60%), possuindo três deles, igualmente, perfurações. Já na fase final do trabalho, verificou-se a colagem de dois fragmentos o MMAR 137 e o MMAR 138 tendo-se optado por manter os valores iniciais.

Esta técnica foi utilizada para a criação de mamilos, feitos, ou por aplicação de pasta, ou repuxamento da mesma, cuja forma e dimensão faz com que tenham sido interpretados, maioritadamente, como decorativos, surgindo alguns de dimensões ligeiramente superiores, que distribuídos de forma homogénia pela peça, poderiam ter a função de prensão, através do auxílio de uma corda, posicionada abaixo dos mesmos.

A totalidade dos mamilos analisados foram colocados sobre a linha da carena surgindo, nalguns casos, devido à maior dimensão, a sua distribuição simétrica para a componente superior e inferior. Nalguns exemplares (MMAR 16 e 105), o mamilo descai ligeiramente para a componente inferior, e no exemplar MMAR 226, o repuxamento efectuado levou ao desaparecimento da linha da carena e à criação do que parece ser um “pé” de suporte da peça.

Surgem, por vezes, associados em grupos de 2 (MNA 77, 94, MMAR 133, 138 e 203), ou de 3 (MNA 109, 110, MMAR 18 e 19) mas, devido ao seu estado de conservação, é impossível saber se nos exemplares que só apresentam um mamilo, este não corresponderá a uma pequena percentagem do total e dos que estão associados a pequenos conjuntos, se a carena não seria totalmente decorada, ou interrompida, pontualmente, por espaços vazios.

Em termos formais e apenas para os exemplares com bordo, os mamilos foram executados, indiferentemente, em taças (7) e vasos (4).

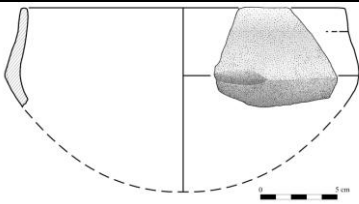
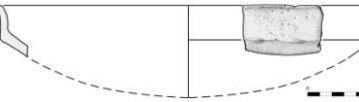
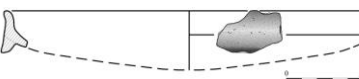
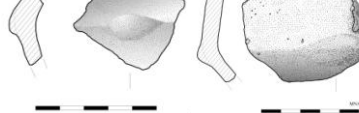
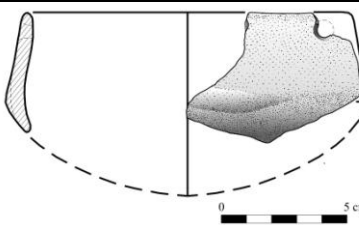
Técnica decorativa	Forma	Recipiente	Função	Técnica/formato	Quant.
Plástica (mamilos)	Vaso		Decorativa Preensão?	Aplicado ou Repuxado Arredondado ou Alongado	4
	Taça		Decorativa Preensão?	Aplicado ou Repuxado Arredondado ou Alongado	6
	Taça		Suporte?	Repuxado Alongado	1
	Sem bordo		Decorativa Preensão?	Aplicado ou Repuxado Arredondado ou Alongado	21

Tabela 3 – Decoração plástica

Em três situações, a decoração plástica de mamilos encontra-se associada a perfurações, todas elas correspondendo a orifícios de secção cónica, efectuados já com a pasta cozida, de fora para dentro da peça.

Dois, encontram-se localizados junto da linha da carena, imediatamente acima do mamilo e o terceiro, logo abaixo do bordo.

Pelas características apresentadas (forma cónica, executada após cozedura e localização), consideramos que teriam uma função mais prática do que decorativa, como sugerido por A. C. Sousa (1998, p.110) em recipientes em que uma das propostas funcionais seria a de conter alimentos líquidos (Gonçalves, 1995, p.81).

Técnica decorativa	Forma	Recipiente	Função	Técnica/formato	Quant.
Plástica (mamilos) e perfuração	Vaso		Decorativo Prática	Aplicado / alongado Secção cónica (fora/dentro)	1


	Sem bordo		Decorativo Prática	Aplicado / alongado Secção cónica (fora/dentro)	2
--	-----------	---	-----------------------	--	---

Tabela 4 – Decoração plástica e perfurações

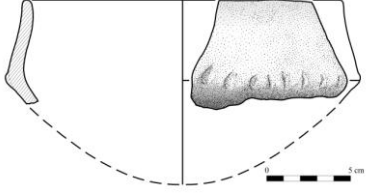

A técnica decorativa do entalhado começa a ser conhecida não só, por ser aplicada nos bordos, mas também por a mesma ser utilizada em cordões plásticos e sobre as carenas, através de impressão ou incisão.

Estas duas últimas situações foram registadas nas carenas da Espargueira/Serra das Éguas, sendo, claramente predominante, o entalhado por impressão.

À semelhança da decoração plástica, por mamilos, também nestes casos é feito o aproveitamento da carena para a colocação do entalhado. Este apresenta-se sob diversas formas, quer através de impressões irregulares (MNA 11), que cortam a carena, quer através de digitações (MMAR 55) que formam uma espécie de ondulado, quer de impressões bastante regulares que supõem o uso de pente (MMAR 197), efectuado sempre com a pasta mole.

Dos quatro fragmentos a que foi possível atribuir forma, três são taças e um é vaso, correspondendo à proporcionalidade da amostra em estudo.

No exemplar MMAR 158, e apesar do estado de rolamento, a sua análise sugere a aplicação de mais argila na linha da carena, para reforço da mesma de modo a efectuar o entalhado, como se de um cordão plástico se tratasse.

Técnica decorativa	Forma	Recipiente	Função	Técnica/formato	Quant.
Entalhada Impressa	Vaso		Decorativa	Sobre a linha da carena Impressões irregulares	1
	Taça		Decorativa	Sobre a linha da carena Digitações Impressões regulares	2

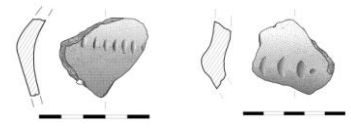
	Sem bordo		Decorativa	Sobre a linha da carena Impressões regulares Impressões com pente Cordão? denteado na carena	5
--	-----------	---	------------	---	---

Tabela 5 – Decoração entalhada/impressa

Até ao momento, só foram recolhidos dois exemplares com decoração incisa. Um deles, com duas incisões sobre a linha da carena, como registado para a técnica da impressão. Um segundo fragmento apresenta, contrariamente aos restantes, decoração acima da linha da carena e não sobre ela, que se desenvolve em cinco linhas verticais efectuadas, presumivelmente, com o auxílio de um pente em osso, a partir da linha do bordo, que foi demarcada com uma fina canelura. Esta decoração foi aplicada numa taça.

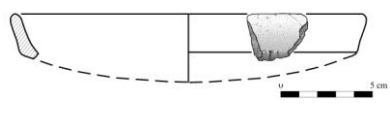
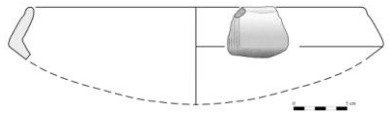
Técnica decorativa	Forma	Recipiente	Função	Técnica/formato	Quant.
Entalhada Incisa	Taça		Decorativa	Sobre a linha da carena Golpes finos	1
Incisa	Taça		Decorativa	Caneluras verticas a partir da linha do bordo Feito com pente?	1

Tabela 6 – Decoração entalhada/incisa

Por último, volta a referir-se as cerâmicas que apresentam perfurações, as quais correspondem ao segundo maior grupo considerado.

Estas perfurações apresentam-se, especialmente, acima da linha da carena, a meia distância entre o bordo e a carena, mas também surgem duas situações em que o orifício se localiza, claramente, abaixo da linha da carena, num caso a 15 mm desta e no outro a 22 mm.

Como foi referido para os exemplares que associavam a perfuração à presença de mamilo, consideramos que esta solução deverá estar, certamente, relacionada com questões práticas de reutilização dos objectos, depois de se terem fracturado, já que, uma vez mais, todos eles foram efectuados pós cozedura, apresentando, quer secção troncocónica (8 exemplares), quer cónica (4 exemplares), a partir do exterior da peça no caso da perfuração cónica.

Dos fragmentos classificáveis, as perfurações foram feitas em 7 taças e em 2 vasos.

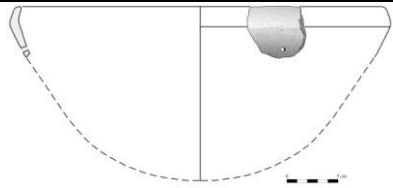
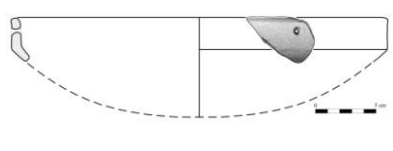
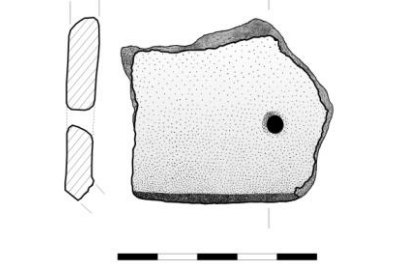
Técnica decorativa	Forma	Recipiente	Função	Técnica/formato	Quant.
Perfuração	Vaso		Prática	Secção troncocónica	2
	Taça		Prática	Secção cónica (fora/dentro) -3 Secção troncocónica - 4	7
	Sem bordo		Prática	Secção cónica (fora/dentro) - 1 Secção troncocónica – 2 Imperceptível - 1	4

Tabela 7 - Perfurações

9 – Cronologia absoluta

Obter datações, a partir do registo arqueológico, é cada vez mais um objectivo de qualquer trabalho desta natureza, sendo obrigatório quando se efectuam revisões de espólio ou relocalizações de sítios há muito descobertos.

Para além destas questões, o povoado da Espargueira/Serra das Éguas foi encarado, desde a sua identificação, como correspondendo a duas realidades distintas a que era associado determinado conjunto artefactual que as enquadrava em dois universos crono-culturais diferentes, e que se encaixavam no modelo de construção/ocupação das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã.

A descoberta deste(s) povoado(s) adveio da necessidade do arqueólogo responsável pela escavação das necrópoles de Carenque e das Baútas identificar o local de habitação das populações que teriam sido responsáveis pela construção e ocupação das referidas necrópoles, reconhecidas em 1932 e que lhe ficam geograficamente próximas.

Assim, teríamos um povoado do Neolítico final/Calcolítico inicial, cuja integração cronológica se foi fazendo sobretudo pela associação de materiais cerâmicos como as formas carenadas, os bordos e cordões “denteados” e as cerâmicas caneladas (copos e taças), e um outro povoado do Calcolítico final cujas cerâmicas, com decoração campaniforme, representariam uma segunda fase de ocupação, como já referido no capítulo 6.

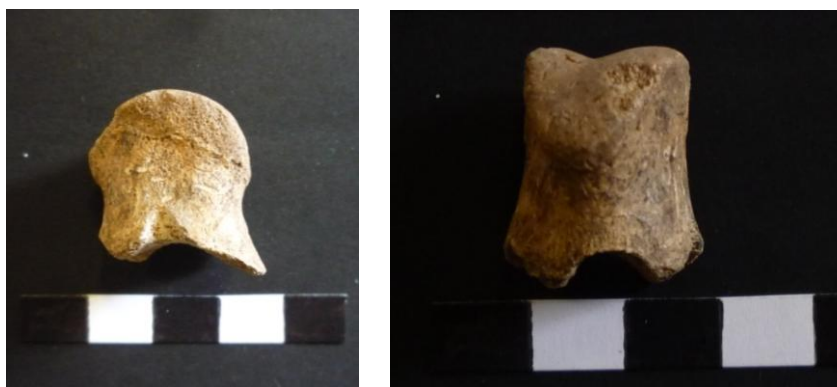
No entanto, a escavação arqueológica mostrou-nos uma realidade completamente nova, pela existência de dois núcleos de povoamento com conjuntos artefactuais em tudo semelhantes, que diferem, apenas, na quantidade de espólio associada às condições de preservação do Sector II e à total ausência de cerâmicas caneladas neste mesmo Sector.

Perante os resultados obtidos, tornava-se fundamental compreender se estes dois núcleos de povoamento, aparentemente contemporâneos, apresentariam algum desfasamento temporal que permitisse compreender a dinâmica de ocupação deste espaço e se, efectivamente, os resultados confirmariam um momento de transição do Neolítico para o Calcolítico, como os materiais pareciam indicar.

Dada a recolha mais ou menos frequente de fauna mamalógica nos diversos sectores intervencionados e nos contextos com ocupação pré-histórica, considerou-se existirem os requisitos necessários para a realização de datações pelo radiocarbono, com o método AMS, realizadas no laboratório *Beta Analytical Radiocarbon Dating Laboratory (E.U.A.)*.

Por constrangimentos financeiros, apenas foi possível realizar duas datações, optando por amostrar a fauna proveniente dos dois núcleos de povoamento identificados, um do Sector I, Sondagem O, Contexto 2 e outro do Sector II, Sondagem C2, Contexto 2.

A amostra do Sector I corresponde a uma falange de um bovídeo jovem, recolhida no Contexto 2, da Sondagem O, objecto de intervenção na quarta fase de trabalhos. Junto daquele espécime, identificou-se a base de uma cabana bem como foi recolhido um fragmento de grandes dimensões de placa de xisto gravada, um globular cerâmico fragmentado em 39 pedaços, assim como bordos denteados, cerâmicas carenadas, lâminas retocadas de sílex, entre outros elementos.



Fotos 6 e 7 - Falange entregue para datação (Beta - 268465, *BOS SP* Juvenil; Falange II)

A segunda amostra foi obtida de uma outra falange de bovídeo, neste caso, adulto, recolhida no Sector II, Sondagem C2, Contexto 2. Esta sondagem localiza-se na depressão calcária onde se verificou a acumulação de materiais arqueológicos que demonstram a existência de uma área de habitação próxima. Também aqui, foi recolhido um fragmento de placa de xisto gravada, bem como o conjunto de materiais mencionados para a outra amostra.



Fotos 8 e 9 - Falange entregue para datação (Beta - 268464, *BOS SP (BOS TAURUS)*; Falange I)

<i>Ref^a</i>	<i>Tipo de amostra</i>	<i>Contexto arqueológico</i>	<i>Data convencional BP</i>	<i>Cal. BC 1σ</i>	<i>Cal. BC 2σ</i>
Beta 268464	Osso Falange I <i>Bos Sp.</i> (<i>Bos taurus</i>)	Sector II Sondagem C2 Contexto 2	4330 ± 40	3000-2990 2930-2900	3020-2890
Beta 268465	Osso Falange II <i>Bos Sp.</i> Juvenil	Sector I Sondagem O Contexto 2	4460 ± 40	3320-3220 3180-3160 3120-3080 3060-3030	3340-3010 2970-2960

Tabela 8 - Datas absolutas para o povoado da Espargueira / Serra das Éguas

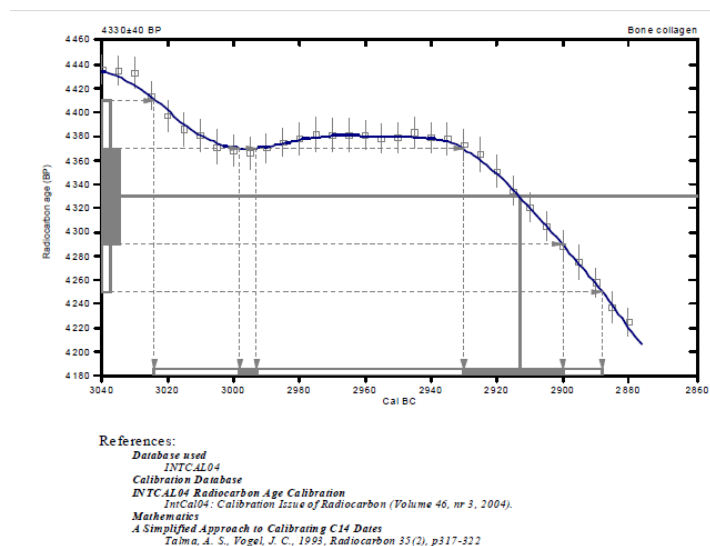


Gráfico 46 - Calibração da idade de radiocarbono para anos de calendário (Beta-268465)

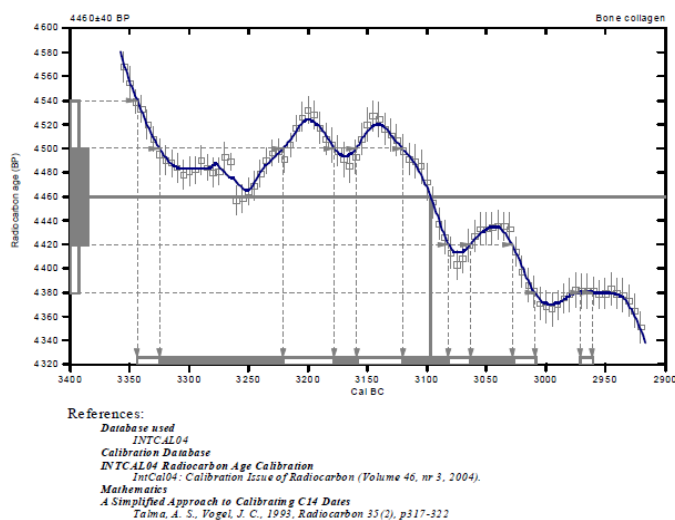


Gráfico 47 - Calibração da idade de radiocarbono para anos de calendário (Beta-268465)

As duas datações absolutas obtidas parecem apontar para uma cronologia na transição do 4º para o 3º milénio a.C., com uma maior antiguidade para aquela obtida no Sector I. A segunda parece registar um intervalo de tempo mais recente, podendo propor-se um eventual deslocamento da ocupação para uma zona mais alta e defensável, localizada no Sector II.

Contudo, ao nível da cultura material, essa realidade não é perceptível, esta é antes contrariada pelo surgimento de escassos fragmentos de copos canelados (há total ausência de taças caneladas) apenas no Sector I (em torno das sondagens O e P).

Mais uma vez, esta verificação pode estar apenas relacionada com a quase total ausência de materiais arqueológicos no Sector II, devido à conjugação de factores ambientais e antrópicos, havendo necessidade, num futuro próximo, de proceder a mais datações, sobretudo nos contextos interpretados como de ocupação, nomeadamente o Contexto 8, no Sector I, dado ser muito improvável a recolha de novas amostras no Sector II.

Comparativamente com outros povoados deste período, o de Vale de Lobos - Sintra (Valente, 2006) apresenta um conjunto de duas datações semelhantes, que se verificam, quer ao nível da cultura material, quer da própria cronologia, o que aponta para uma mesma realidade contemporânea ao nível do povoamento.

<i>Ref^a</i>	<i>Tipo de amostra</i>	<i>Contexto arqueológico</i>	<i>Data convencional BP</i>	<i>Cal. BC 1σ</i>	<i>Cal. BC 2σ</i>
Beta 220074	Osso (bos)	Cabana 1	4290 ± 40	2910-2890	2930-2880
Beta 220075	Osso (bos)	Sector 7	4490 ± 40	3340-3040	3350-3020

Tabela 9 - Datas absolutas para o povoado de Vale de Lobos (Valente, 2006, p.77)

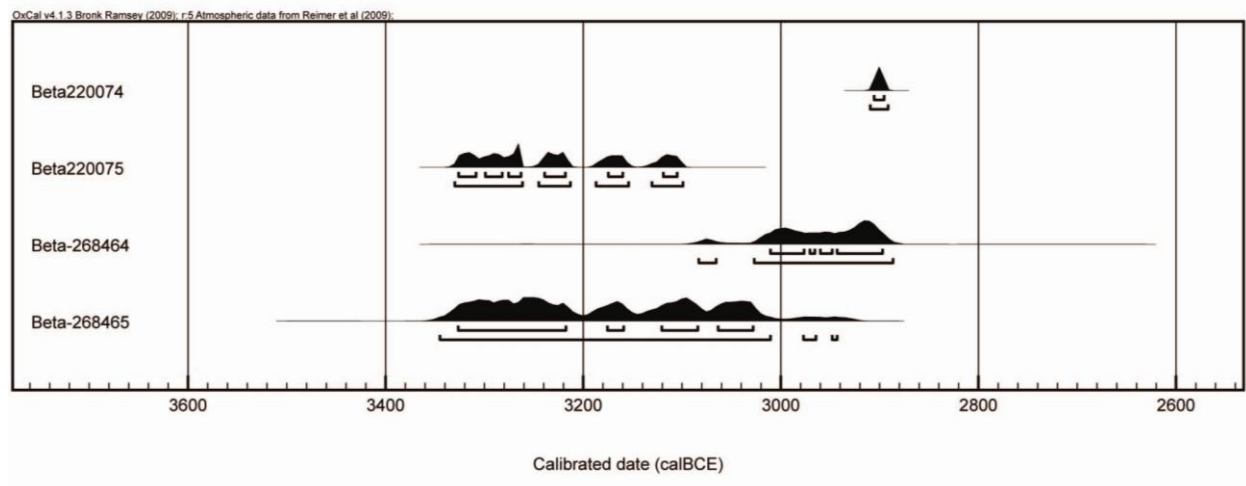


Gráfico 10 – Comparação entre as datações absolutas dos povoados da Espargueira/Serra das Éguas (Beta 268464 e 268465) e Vale de Lobos (Beta 220074 e 220075)

10 - A presença de cerâmicas carenadas em povoados da Península de Lisboa

A configuração do território de Municípios, como o da Amadora, é o reflexo da artificialidade das fronteiras actuais, o que dificulta uma visão mais abrangente desse mesmo território, quando se pretende recuar para um tempo onde essas fronteiras obedeciam a uma lógica completamente diversa.

Um dos fenómenos, que a Arqueologia tem demonstrado, é a existência de territórios culturais, mais ou menos demarcados, como é o caso da Península de Lisboa.

Neste sentido, para compreender os modos de ocupação identificados no povoado da Espargueira/Serra das Éguas e o entendimento do Neolítico final/Calcolítico inicial, bem como a dinâmica de utilização das cerâmicas carenadas, do espaço hoje ocupado pela Amadora, é obrigatória a sua contextualização relativamente aos outros povoados seus contemporâneos, conhecidos na Península de Lisboa.

Da multiplicidade de sítios arqueológicos associados ao Neolítico e ao Calcolítico, desde as suas primeiras descobertas, em inícios do século 20, onde foram integrados genericamente no Eneolítico, divisões mais minuciosas se foram fazendo à medida que novos locais eram descobertos e a associação ou dissociação com determinados artefactos se tornou mais explícita, em sintonia com as primeiras datações absolutas.

Tendo como ponto de partida o mapa de implantação de povoados do Neolítico final na Península de Lisboa, apresentado por Ana Catarina Sousa (1998, p.89), consultou-se a bibliografia com referências a povoados do Neolítico e Calcolítico e no que diz respeito aos sítios da Amadora, considerou-se pertinente incluir alguma informação que enriquecesse a veiculada na Carta Arqueológica da Amadora.

Durante a pesquisa efectuada, verificou-se que, em parte dos sítios, genericamente apelidados de Neolíticos, com ocupação na sua fase final, a realidade artefactual integrava-os em momento posterior, no Calcolítico, reduzindo parcialmente a esparsa ocupação conhecida desta fase do Neolítico.

Também a utilização das cartas arqueológicas, nomeadamente de Cascais e Loures, não contribuiu para o aumentar do número de sítios, respeitantes às intervenções mais recentes, uma vez que, por questões metodológicas, optaram os seus autores por não mencionar em pormenor os tipos de materiais associados às jazidas do Neolítico e do Calcolítico, o que iria criar uma lista infindável de pontos de interrogação, pelo que se optou por não os considerar.

Outro dos problemas identificado, à partida, foi a falta de informação sobre a realidade em estudo, uma vez que a maioria dos locais, sobretudo os de Lisboa, foram objecto de intervenção

precoce sendo as referências às cerâmicas carenadas quase inexistentes, por não se tratarem de cerâmicas decoradas, tão ao gosto da época, ou quando estas surgem, essa referência é induzida/depreendida, pelas pranchas apresentadas ou pelas expressões utilizadas para a sua designação.

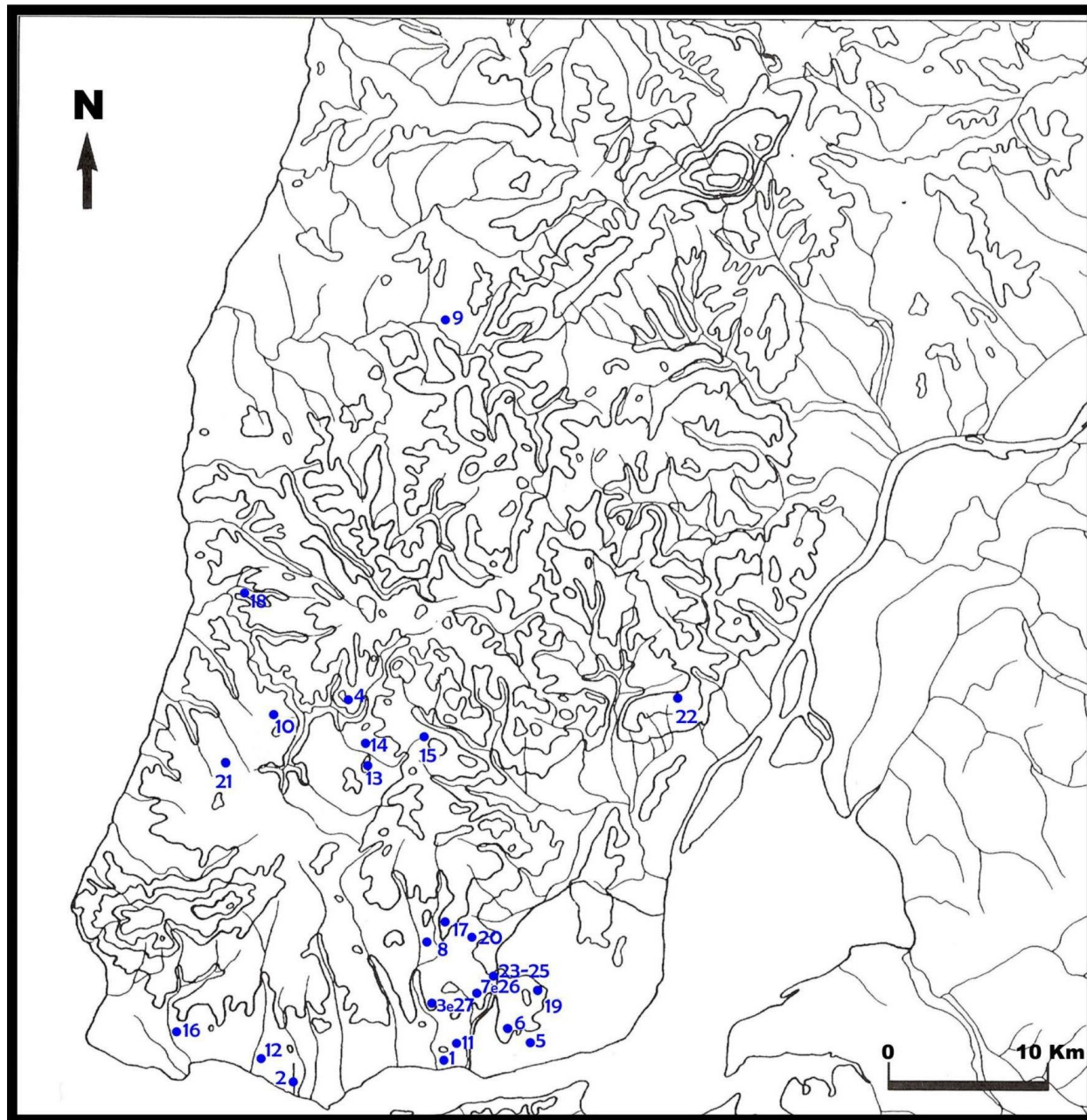


Fig. 21 - Mapa com a localização dos sítios onde se identificaram cerâmicas carenadas, na Península de Lisboa
(adaptado de Sousa, 1998, p.89)

1-Alto Dafundo; 2-Parede; 3-Leceia; 4-Penedo Lexim; 5-Junqueira; 6-Montes Claros; 7-Carnaxide; 8-Baútas; 9-Fórnea; 10-Funchal; 11-Casal de Barrinhos; 12-Murtal; 13-Olelas; 14-Negrais; 15-Vale de Lobos; 16-Branqueiras; 17-Espargueira/Serra das Éguas; 18-Casas Velhas; 19-Vila Pouca; 20-Moinho do Penedo; 21-Catribana; 22-Moinho dos Bichos; 23-Casal da Serra; 24-Moinhos de Alfragide; 25-Alfragide Segundo Sul; 26-Serra de Carnaxide-Via C Rotunda; 27-Carrascal

Outro caminho possível seria, apesar de não serem mencionadas nas publicações, inferir a sua presença pela associação com cerâmicas de bordos denteados como, por exemplo, no Alto das Perdizes (França, 1949), mas sabemos, à partida, que seria uma conclusão precipitada (Gonçalves, 1995, p.65 e A.C.S., 1998, p.108).

Como a maioria destas jazidas não foi objecto de intervenções arqueológicas, com associações estratigráficas precisas, nem mesmo de estudos sistemáticos de materiais ou sujeitas a datações absolutas, qualquer tentativa de comparação em busca de padrões, ficará muito aquém da realidade exceptuando, naturalmente, Leceia e Penedo do Lexim.

Nalguns dos sítios inventariados por Ana Catarina Sousa (1998) como Funchal, Negrais-Pedraceiras, Negrais-Barruncheiros, a presença de elementos cerâmicos do Neolítico final resumem-se a escassos fragmentos de cerâmicas carenadas, associadas a igual número de bordos denteados, recolhidos em prospecção, apesar de referida a abundância de materiais pelo seu descobridor, sem a precisar (Serrão, 1981, p.106).

Noutras situações, não possuímos sequer qualquer tipo de informação sobre o seu número como em Junqueira (Vaultier e Zbyszewski, 1947), Catribana (Serrão, 1982-1983) ou em Montes Claros, entre outros, que no caso deste último, só com trabalhos recentes foi possível confirmar a sua existência “A abundância de formas carenadas, dentre a cerâmica lisa, indica ocupação do local no Neolítico final” (Cardoso e Carreira, 1995, p.290)

No caso de Vila Nova de São Pedro, apesar da ausência, aparente, deste tipo de materiais, a primeira fase de ocupação do sítio é atribuída ao Neolítico final onde, para além de outro espólio, este incluiria “possivelmente, taças carenadas e vasos de bordo denteado, tal como aconteceu noutros povoados da Estremadura portuguesa” (Arnaud, 2005, p.159).

Um dos povoados com presença, bem conhecida, de cerâmicas carenadas é o da Parede, onde o surgimento simultâneo de materiais líticos específicos, em osso trabalhado e cerâmicos como as taças carenadas e os bordos denteados justificavam, segundo Spindler, a criação do “Grupo da Parede” (Gonçalves, 1995, p.61).

Neste povoado “Na 5ª camada...abundam fragmentos de recipientes carenados...assim como bordos denteados...” (Serrão, 1983, p. 142).

Num estudo recente, efectuado por Susana Pombal (2006) para as cerâmicas com bordos denteados, recolhidos neste povoado, é referida a existência de taças e vasos carenados (p.39), por vezes com mamilos aplicados nas carenas (idem, p.42).

Para o Penedo do Lexim e apesar das primeiras evidências quererem demonstrar o contrário, também aqui a primeira fase de ocupação do Penedo se faz num momento de transição do Neolítico para o Calcolítico “a par de alguns indicadores artefactuais integráveis no Neolítico

final (vasos carenados, bordos denteados) se regista a presença de materiais do Calcolítico inicial (copos e taças caneladas)” (Sousa, 2003, p.320).

Um dos locais que parece querer esclarecer a dicotomia entre dois conjuntos artefactuais, o das cerâmicas carenadas e bordos denteados *versus* o dos copos e taças caneladas, é o povoado de Leceia, onde foi possível verificar um hiato de ocupação entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial, através de um programa sistemático de datações: “existiu um período de abandono do povoado, entre os finais do IV milénio BC (a ocupação do Neolítico Final corresponde ao último quartel do IV milénio BC) e os inícios do III milénio BC...” (Cardoso, 2006, p.23).

Foi identificada uma primeira fase, que segundo o Arqueólogo responsável pelos trabalhos, se descreve do seguinte modo: “os materiais exumados, especialmente a cerâmica, indicam o Neolítico final, sendo característicos os fragmentos de vasos de bordo em aba, com decoração denteada no lábio e as taças carenadas.” (Cardoso, 1994, p.17-18).

Reduzindo a área de incidência ao Município da Amadora e olhando para a Carta Arqueológica do Município surgem, para além do povoado da Espargueira/Serra das Éguas, quatro jazidas onde é mencionada a presença de cerâmicas carenadas.

Nesta publicação não foi incluído o povoado das Baútas, apesar de Arnaud e Gamito (1972) assinalarem a presença de dois fragmentos carenados (p. 153 e 156) e de surgir na referida Carta Arqueológica (Miranda et al., 1999, p.32), o desenho de um bordo denteado, que poderá ser claramente anterior (Cardoso, 2006, p.20).

Durante as campanhas de 1989 (Miranda, 1990), 1990 (Miranda e Encarnação, 2000) e 2007 (Encarnação e Costa, 2008) a sua presença não foi notada, resumindo-se a menos de uma dezena de fragmentos, entre muitas centenas enquadráveis no Calcolítico Pleno e em menor número na Idade do Ferro e no Neolítico Antigo Evoluído.

É de ressaltar que, devido à pequena fatia ainda preservada deste povoado, comparada com a área potencial que poderia ter servido de habitat, é possível que também aqui tenha existido uma comunidade de transição entre o Neolítico e o Calcolítico, apesar da sua proximidade com o povoado da Espargueira/Serra das Éguas, como é inferido para a Idade do Bronze, devido ao achado fortuito de duas peças características desta época e em escavação estarem ausentes.

Quanto às restantes jazidas, pode referir-se que o povoado do Moinho do Penedo se localiza numa zona elevada, com bom domínio da paisagem envolvente, onde está incluída a Necrópole de Carenque e com alcance visual sobre a entrada do Tejo, integrando-se nos povoados de cumeada.

Para além das cerâmicas carenadas, também aqui foram recolhidos bordos denteados, bem como um número considerável de copos canelados, um peso de tear quadrangular e lâminas

elípticas e subrectangulares, antevendo uma realidade distinta daquela identificada no povoado da Espargueira/Serra das Éguas, não se reconhecendo outra ocupação anterior ou posterior.

No que diz respeito ao Casal da Serra, terá de se acautelar a sua presença, uma vez que esta é extremamente escassa, reduzindo-se a dois fragmentos a que se associa uma lâmina elíptica. Os mesmos poderão ser resultantes de uma zona mais elevada da Serra.

O sítio dos Moinhos de Alfragide já se encontrava bastante destruído quando foi objecto de sondagens arqueológicas, tendo-se verificado que a sua localização original não teria sido no ponto onde foram efectuadas as sondagens, mas num ponto mais alto de Alfragide (Miranda, 1997, p.7).

Apesar disso, para além de 11 fragmentos de taças carenadas, também surgiram taças em calote e um vaso de colo alto bem como materiais líticos, sobretudo em sílex, entre os quais lâminas e uma ponta de seta de base côncava e alguns fragmentos de instrumentos de pedra polida.

Considera-se que parte do espólio recolhido, no sítio de Alfragide Segundo Sul, após intervenção da autora, em 2006, será proveniente de uma área mais elevada de Alfragide, à semelhança do sítio dos Moinhos de Alfragide, sendo resultante de um mesmo povoado, entretanto destruído (Encarnação, 2007, p.14).

Este, situar-se-ia numa zona mais elevada, com uma das vertentes abrupta, proporcionando-lhe alguma protecção natural e com um controlo visual sobre a entrada do Tejo.

Neste local, foram recolhidos fragmentos de formas carenadas e de bordos denteados, mas também alguns elementos, provavelmente anteriores e outros já enquadráveis no Calcolítico, na Idade do Ferro e no Período Islâmico.

No ano de 2009, foi ainda identificado um sítio, já muito destruído, no topo da Serra de Carnaxide, onde a presença, em número muito reduzido, de fragmentos de cerâmicas carenadas, aliadas a bordos em aba, bem como a diversas lâminas em sílex, permitiu a sua inclusão como área de habitat de um pequeno aglomerado populacional da fase final do Neolítico.

Contudo, devido ao grande revolvimento a que o terreno foi sujeito para a construção de arruamentos, já não foi possível recuperar qualquer estratigrafia, existindo apenas materiais à superfície, apesar das diversas tentativas feitas para identificar zonas preservadas (Encarnação e Silva, 2009).

À semelhança dos sítios referidos, o domínio sobre a entrada do Tejo é inequívoco e a existência de uma encosta abrupta, num dos lados, permitiria sem dúvida uma defesa natural.

Do exposto, verifica-se que nem sempre a presença de cerâmicas carenadas está associada a cerâmicas com bordos denteados e o que parece ser um factor recorrente nos locais analisados,

onde para além da existência de cerâmicas carenadas, é muitas vezes registada a presença de materiais de períodos posteriores, bem como a renovação no modo de ocupar o espaço, com recurso à construção de panos de muralhas, a partir do início do Calcolítico.

Posto isto e como constatado por Ana Catarina Sousa (2003, p.309), o que é possível deduzir do povoamento dos sítios com presença de formas carenadas, é a inexistência de um padrão de povoamento, mas de diversos, de acordo com a própria área geográfica de implantação, que possibilitaria o recurso a diversos meios de subsistência, que poderiam passar pela exploração dos recursos litorais, como interiores.

Se, nalguns casos, a escolha de implantação parece recair sobre locais facilmente defensáveis, por outro, essa preocupação parece ter sido descurada; o povoado da Espargueira/Serra das Éguas pode bem ser o paradigma de tal situação com dois locais de povoamento, aparentemente contemporâneos, mas com estratégias de implantação bem distintas (cf. Capítulo 6, p.30).

11 – Considerações finais

Repensar o povoado da Espargueira/Serra das Éguas, à luz da actual investigação, não se mostrou tarefa simples. Uma das explicações óbvias prende-se com a falta de dados transmitidos pelo autor da sua descoberta e outra com a ambiguidade dos mesmos.

As sucessivas referências feitas a partir de 1933, baseadas em poucas linhas escritas, induziram num erro que se foi perpetuando e repetindo. Estas lacunas e incertezas levaram à construção de um modelo artificial de povoado para a Espargueira e Serra das Éguas, que se verificou inexistente.

Toda essa informação teve de ser desconstruída, posta de lado, para permitir a compreensão dos dados recolhidos durante a intervenção arqueológica.

O que o registo arqueológico demonstrou foi a existência de duas áreas de povoamento, cujas condições de jazida foram bastante afectadas pela cultura do cereal e pela erosão natural do terreno.

Nestes dois núcleos, implantados em áreas morfologicamente distintas, foram deixados vestígios materiais idênticos, que os colocam crono-culturalmente no mesmo patamar, o Neolítico final, não existindo qualquer indicador de uma ocupação, efectiva, na fase final do Calcolítico.

Apesar de não ter sido feito um estudo exaustivo à totalidade do espólio recolhido, que não cabia no âmbito deste trabalho, o mesmo consta, especialmente, de cerâmicas lisas, como taças e esféricos, bem como formas carenadas, bordos e cordões denteados aplicados em diversos tipos formais, para além de inúmeras lâminas retocadas, em sílex, e dois fragmentos de placas de xisto gravadas, entre muitos outros.

Este local não se encontra isolado. Estão identificados alguns povoados situados, actualmente, nos Municípios limítrofes e diversas vezes mencionados ao longo deste trabalho como Leceia, em Oeiras; Vale de Lobos, em Sintra; Parede, em Cascais; e Penedo do Lexim, em Mafra.

Também, na Amadora, outros povoados foram implantados e habitados, neste período, como o Moinho do Penedo e com algumas reservas, o das Baútas, e outros pequenos núcleos anteriormente referidos, o que coloca a questão de quem construiu e utilizou as necrópoles próximas.

A sua relação imediata com a Necrópole de Carenque parece óbvia; no entanto, existem outras necrópoles próximas como a das Baútas mas, igualmente, a Anta do Monte Abrão, da Pedra dos Mouros e Estria, visualmente alcançáveis.

Para a compreensão do Neolítico final, como para qualquer outra época, ter-se-á, não só de estudar de forma sistemática a cultura material, de que as cerâmicas carenadas parecem ser um “artefacto-tipo”, como corroborá-las com datações absolutas, sempre que tal seja exequível.

No povoado de Leceia, foi possível obter sequências cronométricas associadas a “pacotes artefactuais” específicos, como também os estudos recentes efectuados para as cerâmicas com bordos e cordões “denteados” dos povoados da Parede e de Vale de Lobos, ajudaram a confirmar a sua integração no Neolítico final.

Com o estudo sistemático das cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira/Serra das Éguas, verificou-se que este não é um fenómeno pontual e que também aqui, como nos povoados acima referidos, a associação entre “taças” carenadas e bordos “denteados” é clara estando adstrita ao Neolítico final, confirmando as propostas anteriores e afinando cronologias.

A relação entre “taças carenadas” e Neolítico final parece ser cada vez mais estreita, pelo menos no que diz respeito à Península de Lisboa. Os estudos específicos de tipos cerâmicos têm sido determinantes para clarificar tal ligação.

Na Espargueira/Serra das Éguas, foi possível obter duas datações a partir de amostras fiáveis recolhidas em cada uma das áreas de povoamento identificadas, permitindo a inclusão efectiva do povoado da Espargueira/Serra das Éguas no mapa dos sítios ocupados durante o Neolítico final.

12 – Referências bibliográficas

ALVES, P. (2002) – *As cerâmicas de bordos denteados do sítio arqueológico da Serra das Éguas*. Lisboa [s.n.], 2002. Trabalho prático para a disciplina de Seminário I e II apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ANDRADE, G. M. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p.137-145. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*.

ARNAUD, J. M. (2005) – Vila Nova de São Pedro revisitada. Construindo a memória. *As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.141-164.

ARNAUD, J. M.; GAMITO, T. J. (1972) – O povoado fortificado neo- e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. S. 3, 6, p. 119-161.

BATISTA, C. (2002) - *Cerâmicas campaniformes no Povoado da Serra das Éguas*. Lisboa [s.n.], 2002. Trabalho prático para a disciplina de Seminário I e II apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 14, p.9-276.

CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, J. L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavação do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Número especial.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O Povoado no Neolítico final do Carrascal, Leceia (Oeiras). Notícia preliminar. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 7, p. 25-33.

CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. (1993) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara municipal de Oeiras. 4.

CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1995) – O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 5, p.277-298.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; SILVA, C. T. (1996) – A ocupação Neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 6, p.47-89.

CARNEIRO, A. (1991) – Contribuição para o estudo do Calcolítico e do Bronze inicial na região de Sintra. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 227-235. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*.

CARREIRA, J. L.; CARDOSO, J. L.; LOPES, F. P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 5, p. 301-316.

CARREIRA, J. M. R.; LOPES, F. M. P. (1994) – A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.137-140. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*.

CORREIA, S. H. (Dez. 1980) – Povoados calcolíticos da Estremadura Portuguesa. Tentativa de abordagem económica. *Arqueologia*. Porto. 2, p. 24-39.

ENCARNAÇÃO, G. (2007) – *Alfragide Segundo Sul. Trabalhos arqueológicos realizados em Junho e Julho de 2006*. Amadora: ARQA - Associação de Arqueologia da Amadora. 7.

ENCARNAÇÃO, G. (2007) – *Espargueira – Serra das Éguas. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados na 4ª Fase*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 2007. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G. (2008) – *Espargueira – Serra das Éguas. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados na 5ª Fase*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 2008. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G. (2001) – *Estudo arqueológico de impacto da estrutura Viária Principal da Zona Norte da Amadora. Via T1 – Troço Norte – Sul*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 2001. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G. (2009) – O povoado da Espargueira/Serra das Éguas (Amadora), novos dados para o seu conhecimento. Lisboa: Centro Português de Geo-História e Pré-História, p. 245-255. *Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português*.

ENCARNAÇÃO, G.; COSTA, J. (2008) – *Intervenção arqueológica no Povoado das Baútas (Amadora), 2007*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 2008. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G.; FREITAS, V. (2006a) – *Espargueira – Serra das Éguas. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre Julho de 2003 e Janeiro de 2006, 2ª Fase*. Amadora:

Câmara Municipal da Amadora, 2006. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G.; FREITAS, V. (2006b) – *Espargueira – Serra das Éguas. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre Fevereiro e Abril de 2006, 3ª Fase*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 2006. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G.; REBELO, P. (2003) – *Espargueira – Serra das Éguas. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados em Julho de 2003, 1ª Fase*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 2003. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

ENCARNAÇÃO, G.; SILVA, F. (2009) – *Serra de Carnaxide Via C Rotunda/Impasse. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados em Abril de 2009*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora. Relatório policopiado entregue ao IGESPAR.

FRANÇA, C. (1949) – A estação pré-histórica do Alto das Perdizes. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Instituto de Antropologia - Faculdade de Ciências. 12, p.16-113.

GONÇALVES, J. L. M. (1995) – O Castro da Fórnea (Matações – Torres Vedras). *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPPAR. 7, p.123-140. *Actas das I Jornadas arqueológicas de Torres Vedras*.

GONÇALVES, J. L. M. (1991) – O povoado do Alto do Dafundo (Linda-a-Velha, Oeiras). Corte A e datação para o Calcolítico inicial estremenho. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 21, p. 24-26.

GONÇALVES, J. L. M. (1979) – Os povoados neo e calcolíticos da Península de Lisboa. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. S. 3, 85, Separata.

GONÇALVES, V. S. (2009) – *As Ocupações Pré-Históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 3.

GONÇALVES, V. S. (1993) – Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas, *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, p.183-212.

GONÇALVES, V. S. (1995) – *Sítios, “Horizontes” e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004) - As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 22, p.113-162.

HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial de Lisboa.

LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; FERREIRA, O. da V. (1973) – O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 143-157. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*.

MARTINS, A.; RAMOS, C. (1992) – Elementos para a análise e descrição de produções cerâmicas. *Vipasca*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 1, p.91-101.

MIRANDA, J. A. (1990) – *Jazida das Baútas: sondagens de 10 a 30/6/1989*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, 1990. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português do Património Cultural.

MIRANDA, J. A. (1997) – *Sítio Calcolítico dos Moinhos de Alfragide. Trabalhos arqueológicos de emergência efectuados em 1992*. Amadora: ARQA - Associação de Arqueologia da Amadora. 3.

MIRANDA, J.; ENCARNAÇÃO, G. (2000) – *Baútas-Povoado. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 1 e 18 de Setembro de 1990*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português de Arqueologia.

MIRANDA, J. (et al) (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora. Museu Municipal de Arqueologia/ Câmara Municipal da Amadora.

MIRANDA, J. A.; VIEGAS, J. C.; GONZALEZ, A. (1984) – *Levantamento arqueológico da Amadora – o Neolítico e o Calcolítico*. Setúbal [s.n.]. Dissertação final de curso apresentada ao diploma de Antropologia Pré-histórica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Assembleia Distrital de Setúbal.

MOITA, I. (1967) – Povoado Neolítico de Vila Pouca (Serra do Monsanto). *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 112/113, p. 48-85.

Munsell Soil Color Charts (1994). Gretab Macbeth [s.n.]. Revised Edition.

NETO, N.; REBELO, P. (no prelo) – *O Povoado Pré-Histórico do Murtal (Cascais). Estudo do espólio recolhido nas sondagens de 2003*.

POMBAL, S. (2006) – *O conjunto de cerâmicas com bordos “denteados” do Povoado da Parede (Cascais)*. Lisboa: [s.n.]. Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SALVADO, M. C. (2003) – O Povoado da Espargueira/ Serra das Éguas e a Necrópole de Carenque – Breves apontamentos sobre os artefactos ósseos provenientes destes sítios em depósito no Museu Nacional de Arqueologia. Amadora: Câmara Municipal da Amadora/ Museu Municipal de Arqueologia. p.45-52. *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*.

SALVADO, M. C. (2004) – *Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da península de Lisboa. As colecções do Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (O Arqueólogo Português, suplemento: 2).

SANTOS, N. C. (1988) – Detecção remota e prospecção arqueológica no concelho de Loures. *Boletim Cultural*. Loures: Câmara Municipal de Loures. I, 4, p.45-52.

SERRÃO, E. C. (1983) – A estação pré-histórica de Parede. Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (Campanha de 1956). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. S.4, 1, p.119-148.

SERRÃO, E. C. (1982-1983) – As jazidas arqueológicas de Catrивana e o Dólmen de “Pedra Erguida”. *Sintria*. Sintra. 1-2, p.11-28.

SERRÃO, E. C. (1981) – O Complexo arqueológico do lapiás de Negrais (Sintra) – III. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 4, p.105-115.

SERRÃO, E. C.; VICENTE, E. P. (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. 39, p.87-125.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal. 1-2, p.179-272.

SOUSA, A. C. (1998) – *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 11.

SOUSA, A. C. (2003) – *O Neolítico final no Penedo do Lexim (Mafra): questões em aberto*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 25, p.307-337.

VALENTE, A. (2006) – *Cerâmicas com bordos denteados no Povoado de Vale de Lobos (Sintra)*. Lisboa: [s.n.], 2006. Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VAULTIER, M.; ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Estação Pré-histórica da Junqueira. *Lisboa e o seu termo. Estudos e documentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p.11-33.

VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. 9, vol.1, p.42-45.

13 - Fontes

HELENO, M. - *Antiguidades de Carenque. Caderno de Campo nº1* [Manuscrito]. 1932 Março. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

HELENO, M. - *Antiguidades de Carenque. Caderno de Campo nº4* [Manuscrito]. 1932 Maio. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

HELENO, M. - *Escavações em Carenque, Gruta IV. Caderno de Campo sem número* [Manuscrito]. 1935 Outubro e Novembro. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

HELENO, M. - Fotografias dos trabalhos arqueológicos efectuados. MNA/603 e MNA/613 [Material fotográfico]. 1932 Maio. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

14 - Cartografia

CARTA AGRÍCOLA E FLORESTAL DE PORTUGAL: Folha 416, [Material cartográfico] / Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário. - Esc. 1:25.000. - Lisboa: S.R.O.A., 1969.

CARTA DOS ARREDORES DE LISBOA: FOLHA 7, [Material cartográfico] / Corpo do Estado Maior. - Escala 1:20000. - Lisboa: C.E.M., 1898.

CARTA DE CAPACIDADE DE USO DO SOLO: FOLHA 34-A, [Material cartográfico] / Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural. - Escala 1:50000. - Lisboa: I.E.A.D.R., 1994.

CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHA 34-A, [Material cartográfico] / Serviços Geológicos de Portugal. - Escala 1:50000. - Lisboa: S.G.P., 1991.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 416, [Material cartográfico] / Serviços Cartográficos do Exército. - Escala 1:25000. - Lisboa: S.C.E., 1992.

CARTA TOPOGRÁFICA DE PORTUGAL: FOLHA 7, [Material cartográfico] / Estado Maior do Exército. - Escala 1:20000. - Lisboa: E.M.E., 1931.

CONCELHO DA AMADORA. BASE CARTOGRÁFICA VECTORIAL: FOLHA 3, [Material cartográfico] / Câmara Municipal da Amadora/DAU/SIG. - Escala 1:5000: C.M.A., 2003. [Consult. 5 Jun. 2010]. Disponível em WWW: <http://sig.cm-amadora.pt>.

As cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um contributo para o seu estudo
Gisela Encarnação

LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFICO ESTEREOSCÓPICO DE CASCAIS-OEIRAS:
ROLO 44.04, FIADA 2, / Instituto Geográfico Português. - Escala 1:7600. Lisboa: I.G.P., 1944.

PLANTA DO AQUEDUTO DESDE AS NASCENTES ATÉ À PORCALHOTA, [Material cartográfico], Escala gráfica, Arquivo do Museu da Cidade de Lisboa (Inv. Nº 137/133), [século 18).